

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE: João Batista de Magalhães

SECRETARIO: José Faustino Filho

GERENTE: João Batista de Matos

ANO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1934

NUM. 237

EDIÇÃO DE 64 PÁGINAS

SUMARIO

EDITORIAL

<i>O Momento Militar</i>	57
--------------------------------	----

COLABORAÇÃO

<i>Operações noturnas</i> — Cel. Baudouin da M. M. F.....	60
<i>Funcionamento de uma 2.^a Secção de Corpo de Exercito</i> — Ten. Cel. Carpentier da M. M. F.....	66
<i>Oise — Junho de 1918</i> — Ten. Cel. Torres Guimarães	75
<i>Uma miniatura do 75</i> — Major João Müller Neiva de Lima.....	80
<i>A proposito de um canhão miniatura</i> — Cap. Guaracy S. Freire....	82
<i>Entrega de diplomas na Escola de Estado Maior</i> — Cel. Coelho Neto	85
<i>Ações em retirada</i> — Cap. Durval M. Coelho	87
<i>Intersecção-Avanté</i> — Cap. Amangá C. Menezes.....	94
<i>O problema de Instrução na Cia. de Infantaria</i> — Cap. J. B. Matos	99
<i>A ideologia politica</i> — J. B. Magalhães	100
<i>O exercito no Estado</i> — Gen. Von Seeck.....	104
<i>O cavalo militar</i> — 1. ^{os} Tens. Armando Rabelo e Bernardino Costa..	105
<i>O caráter proprio do Exercito</i> — Gen. Von Seeck.....	107
<i>Passagem do Piave pelos franco-italianos a 26 de Outubro de 1918</i> — Cap. Lima Figuerêdo	108
<i>Escolas de fogo na Escola de Artilharia em 1933</i> — Cap. Olivio de Oliveira Bastos	119

DA REDAÇÃO

<i>Lei de movimento dos quadros</i>	97
<i>Atos officiais</i>	103
<i>Serviço de Subsistencia da 1.^a Região Militar</i>	113
<i>A questão dos efetivos militares</i>	118
<i>Livros á venda</i>	120

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Diretoria: — Presidente - J. B. Magalhães; Secretario - José Faustino Filho e Gerente - J. B. Matos.

Conselho de Administração: — Gervasio Duncan, Renato B. Nunes, Emilio Ribas Junior, Arthur Carnaúba, Alexandre Chaves e Lamartine Paes Leme.

CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Major José Faustino Filho — **Redatores das armas:** Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Major Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Cap. Olívio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Ten. Cel. Ajalmar Vieira Mascarenhas; **Serviços:** Saude — Cap. A. Gentil Basílio Alves; **Intendencia** — Major Raul Dias Sant'Anna; **Veterinaria** — 1.º Ten. Armando Rabelo de Oliveira.

AUXILIARES

Das armas - Inf.ª Capitais J. B. Matos, J. B. Rangel, Segadas Viana, H. Castelo Branco, Alexandre Chaves e Nilo Guerreiro; **Cav.ª Cap.** Ladario C. Teles; **Eng. Cap.** J. Lima Figueredo; **Dos Serviços - Int.ª 1.º Ten.** José Salles.

CORPO DE REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
E. M. E. — Cap. Pery Bevilacqua
D. P. G. — 1.º Ten. Toscano de Brito
D. C. — 1.º Ten. Toscano de Brito
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
Dir. Av. —
Dir. Remonta —
Dir. I. G. — Ten. José Salles
Dir. S. G. —
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco
Serv. Radio — Ten. Juracy Campelo
Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
Q. G. 1ª R. M. — Ten. Romão Leal
Q. G. 2ª R. M. — Cap. Gilberto Reis
Q. G. 3ª R. M. — Cap. Carlos Analio
Q. G. 4ª R. M. — Cap. Oscar Costa
Q. G. 5ª R. M. —
Q. G. 6ª R. M. — Major Lopes da Costa
Q. G. 7ª R. M. —
Q. G. 8ª R. M. —
Q. G. Cir. Militar — Ten. Cel. Mario Xavier
M. M. F. — Cap. Newton O'Reilly
E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro

E. I. — Cap. Oswaldo Soares Lopes
E. A. — Ten. Luiz Batista Pereira
E. C. — Cap. Armando Ancora
E. E. — Cap. Luiz Betamio
E. Eng. Militar — Cap. Jandir Galvão
E. Av. — Ten. Helio Brugman
E. M. — Ten. Almeida de Moraes
E. M. P. — Ten. Leandro Costa
E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira
E. S. I. — Ten. Hugo de Faria
C. M. R. J. — Cap. Milton de Sousa
C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva
C. M. C. —
A. G. R. J. —
A. G. P. A. —
F. C. A. G. — Ten. Brito Junior
F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
F. P. E. —
F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
Coudelaria de Saican
Idem de Rincão
Dep. Rem. — Monte Belo - Cap. Oromar Osorio
Dep. Rem. — Campo Grande
Dep. Rem. — Valença

TROPA

INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
Btl. Guardas —
1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes
2º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa
3º R. I. — Ten. Leal Ribeiro
4º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
1/5º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães
11/5º R. I. —
111/5º R. I. — Ten. Castro e Silva
6º R. I. — Ten. Ary Ruch
7º R. I. —
8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy
9º R. I. — Ten. Nicolau Fico
1/9º R. I. — Cap. Floriano de Farias
10º R. I. — Ten. Tancredo Cunha
11º R. I. — Ten. Ajax Corrêa
12º R. I. — Cap. Nilo Chaves
11/12º R. I. — Ten. Armando Carvalho

13º R. I. — Ten. Armando Alvim
1º B. C. — Cap. Nizo Montezuma
2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães
3º B. C. — Ten. Moacyr Rezende
4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho
6º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento
7º B. C. — Ten. Riograndino C. e Silva
8º B. C. — Ten. Gelcí Brun
9º B. C. — Ten. Domingos J. Filho
10º B. C. — Ten. Affonso Ferreira
13º B. C. — Ten. Eduardo Regis
14º B. C. — Ten. Pinto da Luz
15º B. C. —
16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo
17º B. C. — Ten. Miguel Mozzili
18º B. C. —
19º B. C. — Ten. Murilo B. Moreira

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE:
João Batista de Magalhães

SECRETARIO:
José Faustino Filho

GERENTE:
João Batista de Matos.

ANO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1934

NUM. 237

EDITORIAL

O Momento Militar

O Brasil, que em 1826 dispunha de uma força militar relativamente considerável, pois nessa época, mal entrado na vida emancipada, contando apenas 6.000.000 de habitantes, tinha *organizada, equipada, armada e municiada, uma força* com um efetivo de 119.000 homens, enquanto que seus vizinhos mal possuíam alguns homens em armas, caiu no segundo Império e com a República mais ainda, num grão de desorganização militar indiscutível, tornando-se de uma fraqueza relativa lastimável.

A Guarda Nacional que no período monárquico, até meados do 2.º Império, apesar dos pezares, foi uma milícia organizada e que prestou reais serviços, degenerou miseravelmente depois e abastardou-se por completo na República. O Exército em quasi nada progrediu até passado bem recente, pode-se dizer sem temor de contestação, á vista das necessidades das organizações militares modernas e dos progressos das nações vizinhas.

O Exército veio sendo mal amparado pelos seus maiores responsáveis, os quais por preguiça ou ignorância, *incultura* ou desleixo, combatiam con-

tra o progresso, ou apenas toleravam-no com seticismo e displicência, não obstante os esforços honestos de alguns — *avis rara* — para esclarecer as necessidades e orientar o movimento para a frente.

Em certos períodos houve mesmo o desencadear de uma verdadeira *fúria de desorganização*, levemente agitada por certos indivíduos que se julgavam detentores dos ardilosos segredos da arte.

A *Guarda Nacional*, de milícia militar, transformaram-na, políticos inescrupulosos, em arma e recurso eleitoral, fonte de renda para o Estado e de ridículo para o Estado e para os cidadãos. *Risum teneatis!* Em 1896 dispunha a briosa *Guarda Nacional*, criados pelo *Governo* e nomeados por seus Ministros de *100 brigadas e 90.000 oficiais!*...

A reforma do nosso aparelho militar era portanto empresa ardua e extremamente difícil.

A *fase reformista* inaugurada por *Mallet* e empreendida prática e decativamente com as primeiras turmas de

aspirantes e o regresso dos primeiros oficiais que tinham ido á Alemanha *vêr um Exercito*, e prosseguida depois com denodo, coragem e intelligencia pelos que tiveram a bela inspiração de contratar a M.M.F., caracteriza-se pelo *despertar da idéa* de que o Exercito, as forças armadas, teem por precipuo dever — *o combate*.

Essa *fase* não segue uma rota continua, em marcha uniforme e cadenciada. O novo movimento parece antes uma torrente que, embora indomável, desce um declive cheio de escolhos de toda sorte e represas varias — ora se espraia, ora se retém, ora solta-se de chofre no espaço, tumultuosamente para retomar de novo seu curso natural.

Havia em primeiro logar de vencer-se a resistencia que a ignorancia, a moleza e a falta de curiosidade ofereciam; havia-se que transformar a mentalidade da grande massa de *derigentes* e *derigidos*! Empresa gigantesca que é essa de reformar habitos e costumes, atuando de posições *excentricas*!

Não obstante, caminha-se para a frente. A propaganda de alguns poucos, pela palavra escrita, pela palavra oral, pelo exemplo e propensas atitudes; pela resistencia de outros não mais numerosos ás *medidas desorganizadoras*; pelo impulso dado por certos outros ás *providencias organicas*; a *transformação da mentalidade* se vae a pouco e pouco operando. *As escolas dão frutos.*

Mas a *politica* perturba, impede e destrui. Os *politicos*, absortos em suas questiunculas de campanario e que foram incapazes de construir nossa *força militar*, de compreender e sentir as necessidade da defesa nacional, as mais comesinhas e rasteiras, mal

e mal concedem *certas leis* e orçamentos mal feitos, a custo arrancados por alguns militares *sonhadores* e *ideologos*, os quais logo se destroem pelos sofismas, pelo compadrismo exaltado, e com as concessões de favores pessoais e de caracter *tendencioso*.

No fundo em nada se acredita e nada se faz ao serio. Cede-se apenas, certos de que tudo ficará imutavel.

Afóra alguns, *muito raros*, que não medram, os que dominam e governam, só teem como interesse a renovação dos mandatos eleitorais, isto é, das pingues vantagens que em proveito proprio podem deles auferir.

A *politica*, ladina e interesseira, vê na sinceridade, positividade, e bôa fé naturais do soldado uma arma excelente para fazer vencer seus designios... Entra nos quarteis, atrai o militar absorto nas suas preocupações, cristalisado em suas formas disciplinares, crente e adorador sincero da grandeza da Patria e chama-o para as *lutas* e *vigilias civicas*... E ele, mal preparado para essas campanhas de discursos e manobras invisiveis, vai levado pela torrente, convicto de seu civismo!... Inexperto!...

É a molestia, é a quasi asfixia, a anesia do grande organismo militar. É a confusão, é a desordem, são as correntes contrarias que se formam no seio da grande familia... Tudo começa a estiolar-se.

No entanto, em meio do cáos, no ardor da desordem, consegue-se vislumbrar que ha alguma cousa que resiste, solida e indestrutivel...

Entre mesmo os que parecem mais *despeitados*, mais aturdidos pela tumultuosidade, levados pelo fragor da tormentosa desordem, alguns ha que veem claro e procuram encaminhar a avalanche, cheia de vida sem du-

vida mas sem governo, para o grande vale por onde pode tornar-se fecunda, em vez de ficar meramente destruidora.

*
**

Pode-se afirmar sem temor de contestação, que vimos de sair da fase de aturdimiento, porque passamos ha cerca de uma decada, cheios, ricos *de experiencias*.

No final das contas, afóra prejuizos sofridos pela natureza do *processo revolucionario* que adotamos para empreender as reformas reclamadas, podemos admitir talvez dentro em breve que o balanço nos ha de ser favoravel.

Certas resistencias estão definitivamente quebradas. É necessario apenas, que todos nos apercebamos disso para, com fé, esperança e confiança no futuro, prosseguirmos em nossa atividade.

O Exercito tem *chefes* de nova *formação*, saídos das correntes que combateram pela reforma, que a *iniciaram e por ela propugnaram sem desanimar jamais*.

Podemos estar certos de que logo que se torne visivel o trabalho feito para pôr em ordem os *destroços* da luta longa e arduamente empreendida, conduzida meio ao acaso e sabor das circunstancias, frutos abundantes serão rapidamente colhidos.

Certamente, ha muito a fazer sobretudo na ordem mental, cultural, educacional. Não se pense que num *fiat* vamos ter o armamento, as munições, os transportes, as reservas, a instrução, a vida... que nos seduz e que almejamos. Ha muito a construir e isso só pode ser obra do tempo. Mas parece podermos estar seguros de que entramos decisivamente em *nova fase*...

*
**

Até aqui, possuíamos muito de util e capaz de grande rendimento. Officiais, não poucos havia, propulsores do progresso, conhecedores da profissão, e havia órgãos que se esforçavam honestamente por *esclarecer as questões e encaminhar as soluções*.

Tais elementos porém, não encontravam éco bastante, eram tidos por teóricos ou revolucionarios e não podiam *repercutir*. *Invencível barreira de incompreensão represava-os, amortecia-os, neutralisava-os*.

Doravante, é visivel que assim já não é, não mais deve ser.

*
**

Caraterizar-se-á, o movimento militar atual nitidamente pelo inicio do estabelecimento *oficial da ordem natural das cousas*, da entrada em atividade dos *órgãos de direção e propulsão*, orientação e coordenação, no sentido que lhes corresponde legitimamente.

Entramos num *periodo de integração*, cumprindo a todos nós ajudá-la sem hesitação, com ardor, com entusiasmo, para acelerar o advento da normalidade a mais completa.

As novas reformas que se projetam executar, atacando o *problema militar* em seus *fundamentos*, removendo as causas básicas que impediam o nosso progresso, hão de por força dar frutos.

A ninguem é, pois, legitimo duvidar, resistir ou negar, por comodismo ou fraquesa, o sentido que realmente teem. Ao contrario, cumpre a todos, qualquer que seja a esfera de ação em que labore, agir no sentido que convem ao reerguimento de nossa grandesa nacional.

*
**

A pedra de toque miraculosa que nos fará surgir das proprias cinsas,

Operações noturnas

Pelo Cel. Baudouin

Chefe da M. M. F.

A utilidade das operações noturnas é evidente; ela decorre das duas considerações fundamentais seguintes:—garantir a proteção das tropas e realizar a surpresa, elemento primordial de todo sucesso tático ou estratégico.

As operações noturnas são de todos os tempos, mas, no passado, eram antes operações isoladas, *episódicas, póde-se dizer*. A grande guerra de 1914-1918 NORMALIZOU o emprego da noite para a realização das marchas, dos transportes, e mesmo do combate. Todos aqueles que tomaram parte na guerra mundial, tanto na guerra de posição como na guerra de movimento, conservaram viva lembrança desses deslocamentos de tropas em plena obscuridade, seja a pé, seja em auto-caminhão, seja por estrada de ferro, dessas substituições, desses golpes de mão, desses combates.

Não me deterei no exame dos diversos regulamentos militares, no que respeita às operações noturnas. Nada mais arido que o estudo de um regulamento.

Minha intenção é, aliás, tratar tão somente do combate e para esse fim, prefiro examinar dois casos «vivos» na Grande Guerra, e escolhidos no decurso da guerra de movimento.

mais vigorosos, é — a *honestidade profissional*.

Sejamos *profissionalmente honestos antes de mais nada*. Sejamos profissionalmente honestos, julgando-nos a nós mesmos antes de cogitarmos das opiniões que sobre nós possam formar os alheios.

Acreditemos, em principio, na capacidade e honestidade profissionais de nossos camaradas, pares, superiores e subordinados. Ha de assim formar-se um tal ambiente que os maus nele não poderão viver...

Essa *honestidade profissional* é naturalmente necessaria em todos os graus da hierarquia e em toda gama de funções. Consiste para cada um, antes de mais nada, em se pôr, pela meditação, bem ao par do que, de

Tomei deliberadamente duas operações ofensivas:—uma, conduzida pelos Franceses, outra conduzida pelos Alemães. Escolhi essas duas operações porque ambas apresentaram falhas de execução importantes — e nada é melhor do que o estudo das faltas cometidas e de suas repercussões, para fazer resaltar os ensinamentos. Enfim, eu as escolhi dentre as operações do início da guerra, quando o armamento não tinha ainda realizado todo o seu desenvolvimento e em circunstancias que podem talvez, aproximar-se bastante das operações possíveis no BRASIL.

I

COMBATE de PARVILLIERS

(noite de 7 para 8 de Outubro de 1914)

A primeira das operações de que trataremos se realiza em 7 de Outubro de 1914.

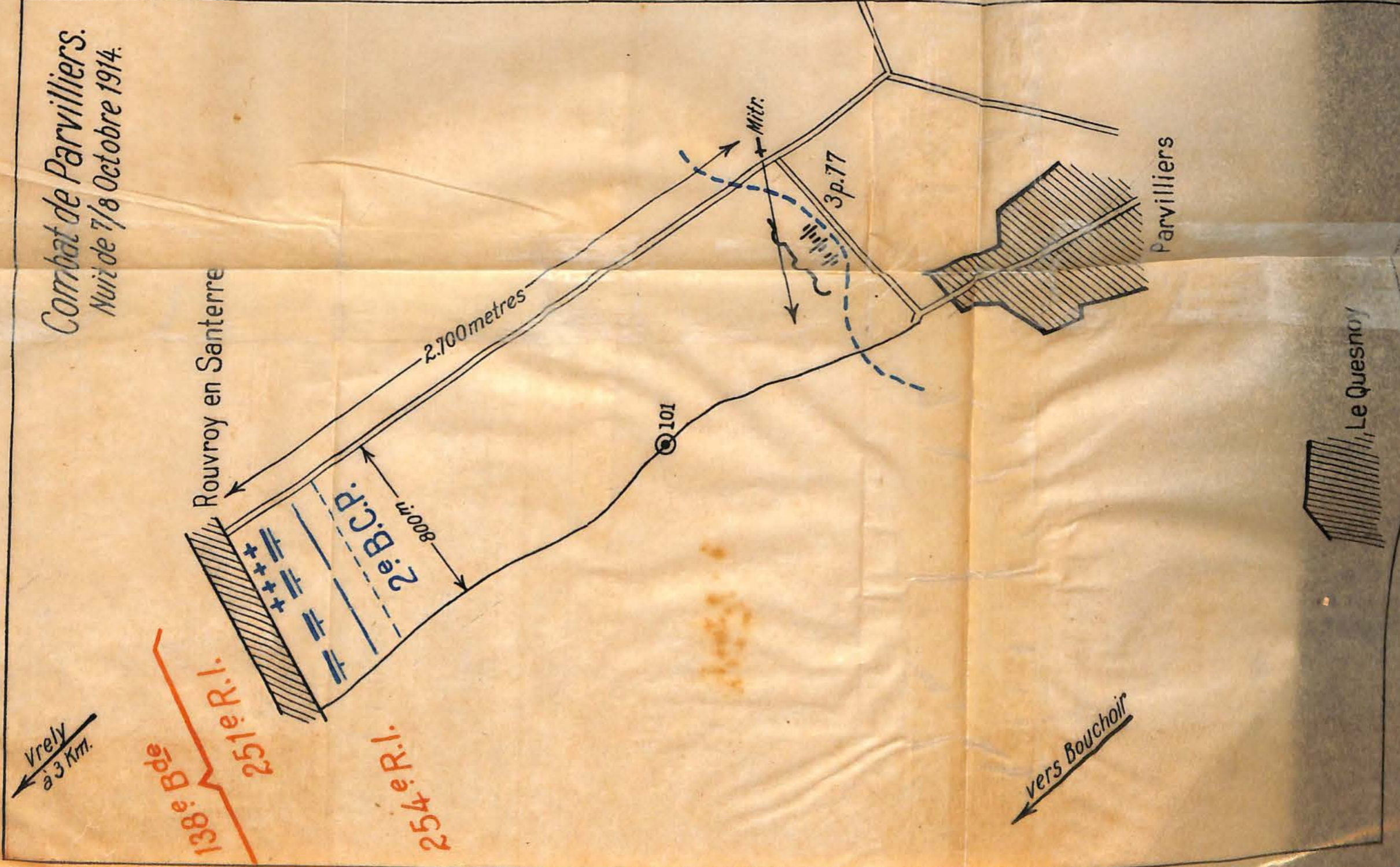
É a fase final do periodo chamado da «Corrida para o Mar», depois da batalha do MARNE. O Exercito do General CASLELNAU está em vias de travar uma série de rudes combates em PICARDIE, entre o OISE e AMIENS, na frente RIBECOURT-ALBERT,

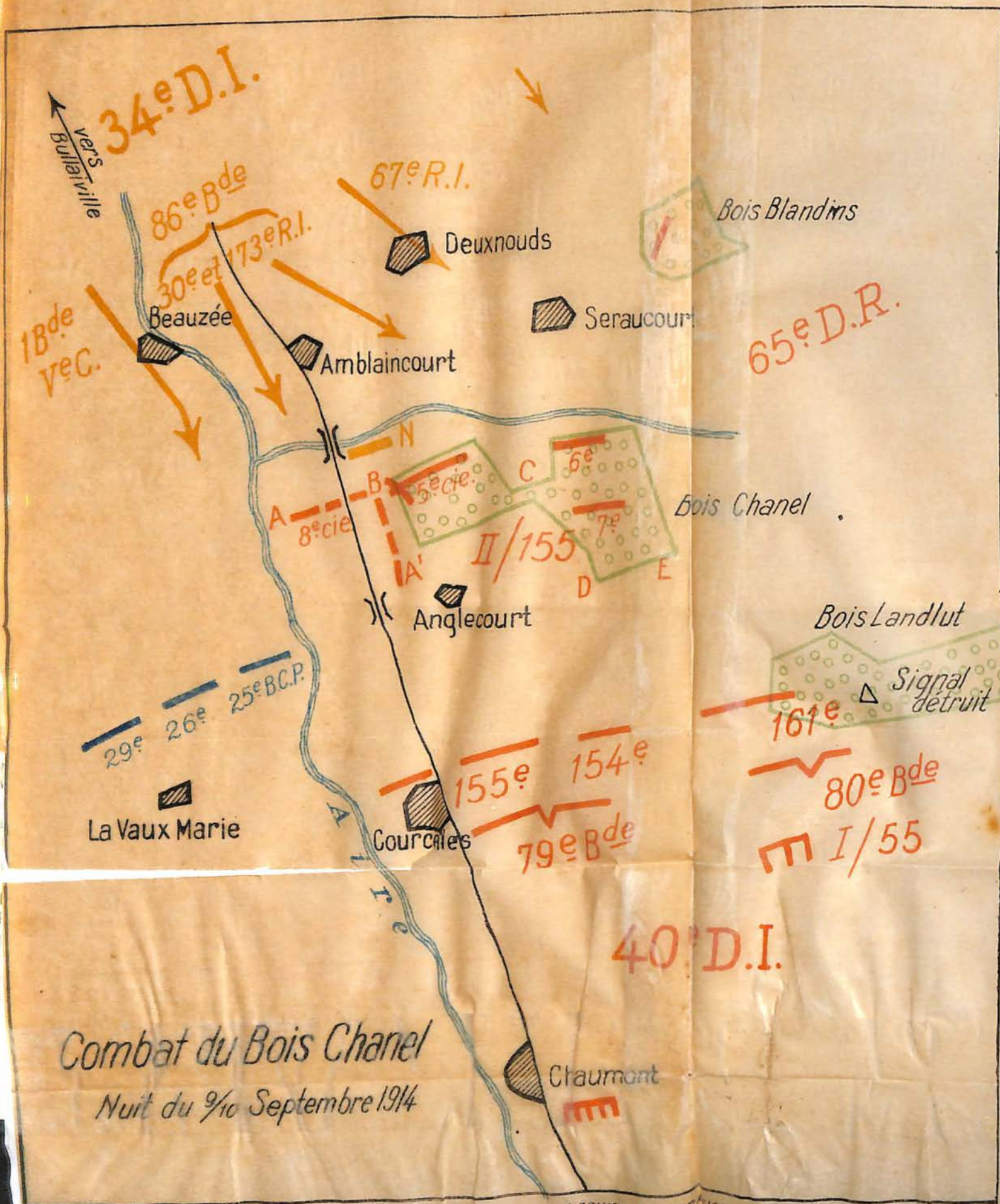
acordo com seu posto e *notadamente sua função*, compete-lhe fazer.

Devemos todos pensar que somos efemeross e passamos rapidamente pelas funções que exercemos. Subindo ou descendo na escala de funções publicas que somos levados a exercer, uma causa fica: é o produto de nosso trabalho, oriundo dos costumes e normas que adotamos. Normas que, acertadas, proliferarão e tenderão a melhorar constantemente o ambiente, permitindo o progresso e facilitando surtos cada vez mais vigorosos. Erradas, contra o que deve e convem que sejam, causarão ou aumentarão a desordem, quaisquer que sejam seus tumultos e brilhos aparentes.

Essa *honestidade profissional* tão necessaria ao nosso vigor, depende principalmente de **SINCERIDADE REAL**.

Combat de Parvilliers. Nuit de 7/8 Octobre 1914.





afim de conservar AMIENS nas mãos dos Franceses.

Nos começos de Outubro, o 14.º Corpo de Exercito, que fazia parte daquele Exercito, e ocupava a região de SANTERRE, cedeu. O Comando julga necessario aliviá-lo da pressão inimiga para permitir-lhe refazer-se; para esse efeito, decide atacar á noite as linhas inimigas.

Estudaremos apenas uma parte dessa ação; a que foi executada pelas tropas da 138.ª Bda. de Infantaria.

Essas tropas, que compreendiam os 251.º e 254.º R. I., tinham evacuado as aldeias de PARVILLIERS e de QUESNOY, sob a pressão do inimigo, e se tinham transportado para a região de ROUVROY em SANTERRE e BOUCHOIR.

Uma primeira constatação deve ser feita desde já:—o contáto foi rompido entre os dois partidos, e, na realidade, do lado dos Franceses, ignora-se si o inimigo ocupa PARVILLIERS e QUESNOY ou não, e, no caso de ocupar essas localidades, como as ocupa:—si lançou até elas somente elementos avançados de Infantaria, ou si tem aí forças importantes, si está apoiado por artilharia...

Grave lacuna e falta tática capital.

Seja como fôr, a 138.ª Bda. recebe ordem de atacar PARVILLIERS. Essa Bda. será reforçada com infantaria, mas não deverá contar com apoio algum imediato de artilharia. Dá-se-lhe o 2.º B. C. que se achava em reserva.

Na noite de 6 para 7 esse Btl. é dirigido, parte em autos, parte a pé, para VRÉLY, onde ele chega pela manhã. VRÉLY se encontra a 3 km. N.O. de ROUVROY em SANTERRE.

À 7, ás 14,30 horas, o Btl. recebe ordem de se transportar para ROUVROY, afim de tomar parte no ataque da 138.ª Brigada.

Esse ataque deve realizar-se nas condições seguintes:

Eixo do movimento: uma pista que vai dirétamente de ROUVROY a PARVILLIERS, pela cota 101. O 254.º R. I. operará á direita desse eixo, o 2.º B. C. P. á esquerda. O 251.º R. I. devia ficar em 2.º escalão. Vamos seguir o ataque executado pelo 2.º B. C. P.

A zona de ação do Btl. era nitidamente limitada, á esquerda, pela grande estrada de ROUVROY a PARVILLIERS e, á direita, pela pista da cota 101. O terreno, entre as duas localidades, é chato, descoberto: uma unica dobra do terreno, apenas sensível, ao S. de ROUVROY.

Quanto ao Btl., ele compreendia 6 companhias, mais uma Cia. Metralhadoras, mas, é

preciso notar que, desde o começo da guerra, o efetivo dessas companhias tinha baixado de 250 para 150 homens; os quadros estavam bastante desfalcados e algumas companhias eram comandadas por sub-oficiais. Contudo, o Btl. estava relativamente fresco, porque só havia percorrido 5 km. a pé e tinha tido um longo repouso em VRÉLY. Enfim, era uma tropa de alto valor moral e que tinha sido já experimentada.

Não insistirei a respeito da incerteza que reinava quanto á situação do inimigo e sobre a falta total de informações nesse sentido; abordo a execução do ataque.

O dispositivo adotado pelo Btl. é o seguinte: na testa, 2 Cias. desenvolvidas em atiradores e cobertas por patrulhas de esclarecedores a 150 ms. á frente; em 2.º escalão, e a 200 ms. á retaguarda das Cias. de testa, 4 Cias. em 2 linhas, com a distancia de 50 ms. entre as 2 linhas; enfim, atrás da esquerda do dispositivo e a 50 ms. igualmente dessa esquerda, a Cia. de Mtr.

Esse dispositivo foi tomado ás 17 horas e 45', ao cair da noite; êle mantinha uma frente de cerca de 800 ms.

A partida se fez com precação, em silencio; as patrulhas marcham por lanços... Nas proximidades da cota 101 uma delas se choca com um posto inimigo instalado numa *moita*, e o destróça. *Mas, os tiros de fuzil trocados* provocam o desencadeamento do tiro em todo o resto da frente. É, então, uma troca de fogos, ao acaso, resultado de um primeiro enervamento, que vai aumentando.

Passa-se, então, o fenomeno seguinte:

Sob o efeito da fuzilaria, as 2 Cias. de testa se detêm, quando, por uma vóz de comando, partida não se sabe de onde, o grito de «em frente» é repetido ao longo da 2.ª linha; as Cias. de 2.ª linha se precipitam então, correndo, na direção de PARVILLIERS. Elas ultrapassam as Cias. de 1.ª linha e as arrastam, mesmo a da esquerda. «É um clamor espantoso, vociferações terrificantes», diz uma testemunha; essa «arrancada» para a frente chega a uma trincheira cavada mais ou menos a 250 metros, N.O. de PARVILLIERS, que os defensores apavorados tinham abandonado em desordem. Nesse momento uma 1/2 Bia. de 77 que se acha em pleno campo, 150 ms. á retaguarda da trincheira atira á «queima-roupa», sobre os caçadores. Passa-se então uma cena terrível: os projetis rebentam ao sair das peças entre jactos de chamas. A parte das nossas linhas que enfrente as peças é abatida, mais a direita

não se detem, salta sobre a bateria e massacra os artilheiros. Retoma-se o movimento para PARVILLIERS, mas reina a desordem nas nossas linhas, é uma tropa em massa que se atira sobre a aldeia. Então, o inimigo se reanima; dos pomares que bordam a aldeia rompe a fuzilaria, enquanto uma metralhadora colocada na grande estrada 600 metros ao N. da aldeia ceifa o nosso flanco esquerdo.

Nossas tropas turbilhonam sob as balas; respondem ao acaso; atiram uns contra os outros; os chefes cáem.

A massa dos nossos caçadores oscila e finalmente reflúe. Só alguns agrupamentos reunidos por graduados se mantêm na trincheira conquistada, mas ninguém está em ligação com eles, e todos ficam isolados lá até pela manhã (sua retirada não foi, aliás, inquietada).

Entretanto, o comandante do Btl. tinha conseguido retomar a companhia da direita da primeira linha, a qual, por estar na mão de seu Comandante, não tinha seguido o movimento para a frente. Ele colocou-a em posição retráida, a cavalo sobre o eixo do movimento, a 600 metros da trincheira. Depois, ouvem-se toques de corneta, apitos, gritos e o Btl. é trazido para atrás de ROUVROY, aliás, sem que o inimigo o persiga.

As perdas são: 2 oficiais e 64 homens mortos, 3 oficiais e 233 homens feridos, — 9 desaparecidos.

Quanto ao ataque do 254.º e ao ataque a QUESNOY, eles não foram mais bem sucedidos.

Quais são as razões desse revés? — o que acabamos de ver, quanto ao 2.º B. C. P., basta para explicá-lo, e pôde-se aplicar às outras unidades engajadas.

1.º — a frente de ataque era um pouco grande para as duas companhias de 1.º escalão. À noite, é preciso diminuir os intervalos e as distâncias para ter a tropa mais na mão e evitar a dispersão. Para as duas companhias, 500 metros era já um máximo.

2.º — a formação era defeituosa. Os homens das 2 companhias de 1.ª linha não deveriam ter sido desenvolvidos inicialmente em atiradores. À noite não se ataca atirando; o fogo é cego; não havia então necessidade alguma de se desenvolver numa formação, ao contrario, muito vulnerável aos fôgos do defensor. Esse desenvolvimento tornava difícil a execução do comando e se prestava mal á conservação da direção.

Teria sido preferível dispôr a tropa em pequenas colunas.

3.º — A constituição do 2.º escalão era má: foi um erro pôr 4 companhias em linha; essas Cias. não estavam na mão do Cmt. do Btl., donde, essa fuga para a frente que, em sùma, fez perder-se tudo. Talvez tivesse sido melhor constituir 3 escalões de 2 companhias.

4.º — A Cia. Mtr. estava inteiramente na cauda do dispositivo. Ela parece ter antes embaraçado o Cmt. do Btl., que não deu instruções ao comandante dela (no começo da guerra não se estava ainda muito habituado com o emprego tático dessa arma).

É verdade que o problema é delicado: como empregar as metralhadoras num combate ofensivo á noite?

Seu papel pôde consistir em «enjaular» o ataque, nos flancos e na frente, em fazer bargagens com tiros indirétos, em garantir a proteção contra um retraimento eventual...

Em todo o caso, ha um plano de emprego delicado e justo a estabelecer.

5.º — Segundo o relatório do Cmt. do Btl., as patrulhas marcharam bem, por lanços, mas as Cias. não fizeram o mesmo. A marcha por lanços é, entretanto, uma precaução indispensável á noite, para garantir a possibilidade de pôr as unidades em ordem. Havia 2.700 ms. de ROUVROY a PARVILLIERS; teria sido necessario que o Cmt. do Btl. fixasse 2 ou 3 altos, sobretudo no caso atual, em que nenhum reconhecimento prévio tinha sido executado, nem existia qualquer informação precisa a respeito do terreno e do inimigo.

6.º — O fogo provocado pelo incidente da cóta 101 generalizou-se; — não se pôde impedir que as metralhadoras atirem (sobretudo para responder aos tiros do inimigo) mas uma tropa mais forte e bem enquadrada deve resistir ao contágio de atirar no escuro.

Em todo o caso, o inimigo foi alertado, e, como ainda se estava longe, a surpresa foi diminuída e o inimigo poude reanimar-se.

7.º — A precipitação para a frente, então verificada, si permitiu a tomada momentânea da bateria alemã, foi nefasta, porque era um ataque partido de muito longe, que fatalmente se deslocou na escuridão e terminou em desordem. A tropa escapou ao comando.

Entretanto, pôde-se notar que a tomada da bateria, por um rebatimento á direita, foi bem conduzida.

8.º — Emfim, houve ainda ruído na retirada, e os alemães tiveram uma bela ocasião para atirar na «massa».

Tais são as considerações principais que podem decorrer do exame rápido do combate de PARVILLIERS.

Vamos agora estudar uma outra ação noturna, conduzida esta pelos alemães, aliás anteriormente á de PARVILLIERS, mas que prefiro expôr em 2.º lugar, porque é mais importante.

II

COMBATE DO BOSQUE «CHANEL»

(noite de 9/10 de Setembro de 1914)

Estamos a 7 de Setembro de 1914 (1) no 3.º Exercito Francês, o qual se acha engajado de VERDUM a REVIGNY, face a N.O., em violentos combates contra o V Exercito Alemão (KRONPRINZ).

A 6 e 7 de Setembro a 40.ª Divisão desenvolveu uma ação ofensiva indecisa contra BULLAINVILLE, partindo da frente AMBLAINCOURT - DEUXNOUDS, retraindo-se depois para a retaguarda das tropas da 65.ª Divisão da Reserva.

O 155.º R.I. da 40.ª Divisão, que sofreu sensivelmente com esses combates encontra-se a 7 em COURCELLES. Pela manhã, êle recebe a ordem laconica de fazer avançar um Btl. para o bosque «CHANEL», afim de substituir os elementos do 311.º R.I. da 65.ª D.R. que occupam esse bosque. Esse batalhão — o 2.º — depois de alguns incidentes devidos aos tiros de artilharia alemã que partiam da região de BULLAINVILLE, substitue o 311.º e a 8 de Setembro, ao alvorecer, toma o dispositivo seguinte:

- 5.ª Cia., no canto N.O. do bosque, atrás dos atêrros da propria orla do bosque; ela está reforçada com uma seção de Metralhadoras (enviada pelo Coronel do Regimento) que bate a ponte da estrada de AMBLAINCOURT sobre o arroio.
- 6.ª Cia., na orla N., face SÉRAUCOURT;
- 7.ª e 8.ª Cias., em reserva na orla S. do bosque.

Em caso de ataque inimigo a 5.ª e 6.ª Cias. deviam manter-se firmes na orla N.; elas seriam apoiadas, em caso de necessidade, pelas 7.ª e 8.ª, que se transportariam, no todo ou em parte, para a orla.

Durante o dia, todas as Cias. ficaram ao abrigo das vistas, no interior do bosque.

À direita do II/155.º, unidades da 65.ª D.I. mantêm SÉRAUCOURT e o bosque BLANDIN.

À esquerda, na margem esquerda do AIRE se acham os 25.º, 26.º e 29.º B.C.P., na região de VAUX MARIE.

Nenhuma ligação existe entre esses Btl., e o II/155.º.

Este supõe a direita dos Caçadores á altura de BEAUSÉE. Na realidade, ha um afastamento de 2 kms.. Uma simples Secção do II/155.º é lançada para a ponte de ANGLECOURT.

A tarde de 7 de Setembro, a jornada de 8 e a noite de 8 para 9 passaram-se, sem incidentes; o grosso da 40.ª Divisão occupa os lugares que figuram no croquis junto. A A.D./40 acantona á noite em CHAUMONT S/AIRE e só um grupo do 55.º R.A.C. (da 65.ª D.R.) fica em posição á noite.

Na tarde de 9 verifica-se um certo numero de incidentes: — são, a principio, tiros de artilharia pesada alemã sobre VAUX MARIE, ANGLECOURT, bosque CHANEL e sobre todas as unidades visiveis; sua ação parece ser de preparação de um ataque ulterior de Infantaria.

Cerca de 5 horas da tarde, uma patrulha do II/155.º, comandada por um sargento da 5.ª Cia., se choca em AMBLAINCOURT com uma patrulha alemã em que ha officiais; a patrulha se apossa de 2 cavalos de officiais, dos quais um, pelo equipamento, parece ser de um official sapador.

«Não se trata certamente de uma simples patrulha de contáto, pensa o comandante do II/155.º, é um reconhecimento de terreno, e particularmente, do arroio».

Enfim, a 65.ª D.R. assinala que se vêem numerosas patrulhas alemães se esgueirarem e se estabelecerem em face da 1.ª linha franceza, como para constituir uma mascara. O Cmt. do II/155.º acompanhado do capitão da 8.ª Cia., se dirige para a orla do bosque CHANEL e verifica pessoalmente o fáto.

De todos esses fatos, a conclusão é que é preciso esperar um ataque noturno. Indícios analogos são, aliás, observados na margem esquerda do AIRE diante dos B.C.P..

Essas observações foram comunicadas, por meio de parte, á retaguarda.

Que se passaria, de fáto, do lado alemão? O historico de um Regimento WURTEMBERGEOIS nô-lo explica:

O KRONPRINZ, Comandante de V. Ex., ordenou um forte ataque noturno sobre uma frente de 20 kms. para romper a posição franceza.

(1) — Batalha do Marne.

Não examinaremos o dispositivo completo do ataque que, no espírito do KRONPRINZ, devia dar resultados decisivos. Saibamos unicamente que na região de que nos ocupamos, a 34.^a Divisão Alemã devia atacar como se segue:

- a 86.^a Bda. I., com dois pelotões de pioneiros por AMBLAINCOURT, o 30.^o R. I. á direita, o 173.^o á esquerda, enquadrado pelo 67.^o R. I. que atacava por DEUX NOUDS e uma Bda. do V.^o C. A. pela margem direita do AIRE, que atacava por BEAUSÉE. A artilharia da Divisão devia atuar por contra bateria.

A colocação da 86.^a Bda. no lugar escolhido, terminou á meia noite de 9, debaixo de forte chuva.

O 30.^o R. I., que mais nos interessa, devia atacar com 2 Btls. na testa e um em reserva.

O II/30.^o (1.^a linha) devia progredir pelo S. de AMBLAINCOURT, ao longo da orla O. do bosque CHANEL, depois rebater-se para o sinal destruído do bosque LANDLUT, seguindo a orla S. do bosque CHANEL.

O III/30.^o devia avançar ao longo da orla N. do bosque CHANEL e progredir igualmente para o sinal destruído.

O I/30.^o (reserva) devia seguir atrás do centro (indicação muito vaga á vista da missão dos 2 Btls. de 1.^a linha. Esse Btl. deveria atravessar o bosque CHANEL?).

As armas não deviam ser carregadas. O ataque seria conduzido com violencia mas em completo silencio. A progressão das unidades deveria fazer-se com bastante ordem, sob a proteção de uma densa cortina de atiradores.

Notemos que não se trata aí de reconhecimentos prévios.

Em frente, nosso II/155.^o enfraquecido pelos combates anteriores, encharcado ainda até os ossos, em linha desde 7, privado de reabastecimento e tendo devorado seus víveres de reserva, esperava o ataque.

As 5.^a e 8.^a Cias. estão desenvolvidas no centro N. O. do Bosque e mais a O., na linha A B, com sentinelas no arroio; a 6.^a Cia., que recebera ordem de deixar apenas uma seção face a SÉRAUCOURT, foi levada como reserva para o bosque com a 7.^a.

Cerca de meia noite alguns tiros ecôam para os lados de AMBLAINCOURT, provavelmente entre nossas patrulhas e as unidades alemãs. Imediatamente, a 5.^a Cia. e sua seção de Mtrs. abrem fogo violento. Dentro em pouco, não se sabe como, AMBLAINCOURT e a crista que domina o arroio se cobrem de clarões de incendios.

O Cmt. do Btl. se transporta para C, seguido pela 7.^a Cia. (vêr croquis); de lá êle vê, graças ao incendio uma unidade alemã deitada em N, atrás de uma dobra do terreno, trocando com a 5.^a Cia. um fogo infernal. Um homem, *comandante ou não, dessa unidade*, tenta em vão atirá-la num lanço sobre a 5.^a: êle é morto. O Cmt. do Btl. fica tranquilo desse lado, não sem o receio de ver seus homens queimarem rapidamente a munição; êle procura moderar o tiro. Depois, sob uma chuva de balas, êle se dirige para a 8.^a para vêr o que se passa: essa Cia., sob a pressão dos alemães se tinha retraído para B-A'; percebem-se fortes colunas alemãs avançarem entre o AIRE e a estrada. O Cmt. do Btl. dá ordem á 8.^a de se manter em B-A'. Mas, nesse momento, uma coluna alemã penetrára entre essa linha e o Bosque. Foi então uma luta selvagem: o fogo foi substituído pela matança á baioneta e a couces dardmas. O Cmt. tenta fazer a 7.^a desembocar de uma cobertura, sob o fogo... á noite é impossível (o chefe não tem nenhuma ação sobre os homens ocultos pela escuridão), e é, desde logo, o desbordamento da esquerda. O Cmt. sente que é preciso ir se embora; êle julga já ter cumprido sua tarefa.

O grosso da Divisão foi, sem duvida, alertado, e deve ter tido o tempo necessario para tomar suas disposições. O Btl. reflúe como póde, pela clareira CDE, sem ser felizmente, inquietado, e desemboca do bosque face á orla S. O. do bosque LANDLUT.

Tal é o 1.^o ato do combate.

O grosso da 79.^a Bda. e a 80.^a estão na frente: COURCELLES-BOIS LANDLUT; mas existem, entre as unidades, intervalos que, embora bem batidos pelos fogos durante o dia, são muito vastos para a noite. Certas unidades conservaram á noite, o mesmo dispositivo que tinham tomado de dia e ha falta de ligação entre elas.

Quando o II/155.^o se apresenta, é inicialmente recebido a tiros de fuzil; entretanto, êle se faz reconhecer, mas, em breve, á noite e sob a chuva que cái, os alemães se apresentam; trava-se, então um combate extremamente confuso, os intervalos entre as unidades francezas são logo invadidos e os alemães conseguem penetrar até ás baterias do 55.^o. Os serventes lançam mão da metralha e se fazem matar sobre as peças... Entretanto, do lado dos alemães, é a desordem, a confusão, uma mistura de unidades extrema... Por isso, quando soou a carga franceza, lançando um contra ataque, a bateria foi retomada.

Nesse momento, as unidades alemães e francesas acham-se completamente misturadas e o combate extremamente confuso, cessa por volta de 9 horas da manhã.

Que se tinha passado do lado alemão?

Desde que os primeiros elementos do 30.º Btl. chegaram perto de AMBLAINCOURT, receberam (segundo suas declarações) tiros de fuzil de nossas patrulha; um incendio os iluminava. Desde esse momento começou a desordem em suas linhas; a principio, o 173.º se dirige obliquamente para o S. de AMBLAINCOURT e se mistura com o 30.º; depois, as tropas esbarram nas sébes e cêrcas; experimentam grandes dificuldades na transposição do arroio, sob o fogo. Elas ficam expostas á plena claridade, ao passo que reina inteira obscuridade no bosque CHANEL.

Por fim, todos esquecem a proibição de atirar... a desordem começa. Esta se acen-tua no combate do bosque CHANEL; não só o 30.º e o 173.º R.I. estão misturados, como outros regimentos das Divisões vizinhas se mantêm no meio dêles, e entre o bosque CHANEL e a 2.ª linha francesa, são grupos compostos de elementos diversos, reunidos como pôdem, que continuám o combate. É por essa razão que na manhã de 10 esse combate cessa por si e acaba numa desordem completa.

Os alemães, que tinham reunido efetivos consideráveis, não tinham alcançado o resultado visado por êles, isto é, a ruptura.

Suas perdas não são exatamete conhecidas; mas foram sensíveis. Do lado francês, foram, no 11/155.º, as seguintes: 2 oficiais mortos, 3 feridos e 1 desaparecido; 226 homens mortos ou desaparecidos e 209 feridos.

Vejamos agora os principais ensinamentos que se podem tirar desses fatos.

Do lado alemão, o fracasso, segundo a propria confissão, deve-se ás razões seguintes:

- 1.º — suas tropas foram prevenidas muito tardiamente e não dispuzeram de tempo para reconhecer préviamente, e de dia, o terreno do ataque;
- 2.º — a colocação das tropas nos seus lugares, para o ataque, foi defeituosa.

Foi assim que, na 86.ª Bda., o 173.º R.I. não havia sido colocado frente á sua direção de ataque, isto é, face a S.E.. Seria já uma falta num combate de dia. Por êsse motivo, êsse Btl. marchou para o S. e misturou-se com o 30.º R.I.

- 3.º — Não se dispunha de bussola para garantir e manter as direções.

A essas constatações, juntaremos que o papel da Artilharia foi pouco mais ou menos nulo (dos dois lados, aliás). Não houve enjaulamento do ataque nem tiros sistematicos...

Como observação geral, parece finalmente, que teria sido vantajoso, para os alemães, limitaram-se, á noite, á tomada e ocupação do Bosque CHANEL e dos bosques vizinhos, para aí constituírem uma base de partida, donde, com tropas frescas, teriam atacado, de dia, a posição principal francesa. Á noite, é preciso ter objetivos limitados, e de dia explorar os objetivos conquistados durante a noite.

Si agora nos voltarmos para o lado francês, a primeira lacuna que constatamos, foi a falta de ligação entre a 40.ª Divisão e as tropas da margem esquerda do AIRE.

Houve, em seguida, uma falta de prescrições nítidas sobre a conduta a manter: a missão dos Postos Avançados, no caso a do 2.º Btl. do 155.º, não fôra definida. Esse Btl. devia resistir a todo o custo? retrair-se á Ordem do Comando superior? retrair-se por sua propria iniciativa, no momento julgado oportuno por seu comandante? Nenhuma indicação precisa lhe fôra dada; nenhum sinal de reconhecimento fôra combinado, para evitar equívocos, no caso dêle retrair-se.

Falta, talvez, de indicação quanto á resistencia a oferecer ao inimigo: o terreno e os bosques não foram organizados, o remuniciamento não foi aumentado.

Havia muita gente no bosque CHANEL. Não se desemboca de um bosque; a 7.ª Cia. teria sido colocada, mais ufilmente, com a 8.ª entre o bosque e o AIRE.

Hoje, estabelecer-se-iam pontos de apoio de Cia. bem providos de munições, com defesas accessorias, em pontos bem escolhidos, entre o bosque e o AIRE, no canto N.O. do bosque, etc., etc.. As imediações desses pontos de apoio seriam batidas por fôgos de artilharia.

A importancia do fogo de infantaria diminúe consideravelmente á noite. As 5.ª e 8.ª Cias. e a Seção de Mtr., consumiram cerca de 40.000 cartuchos para abaterem cerca de 300 a 400 alemães, e isto a uma distancia de tiro que não excedeu de 100 metros. O tiro á noite não é dirigido nem ajustado; só os tiros amarrados (repérés) podem ser eficazes (tiros de metralhadoras); um sistema de fôgos para a noite deve ser estabelecido durante o dia.

Enfim, é preciso que a linha de fôgos seja de uma continuidade rigorosa em largura, e isto muito mais á noite que de dia.

Funcionamento de uma 2.ª Secção de Corpo de Exercito

O problema da procura das informações durante o periodo de cobertura
(Caso concreto)

Pelo **Ten. Cel. Carpentier**
Da M. M. F.

Tradução do **Cap. Decio Escobar**

(Continuação do n. 236)

Durante essas jornadas, aos Generais Comandantes de Divisão compete a procura das informações, catando-as na fonte, lançando para a frente um ou 2 oficiais de sua 2.ª Secção, si esta fôr suficientemente provida, em direção aos pontos de passagem do Nahe em que a circulação autoriza a que se espere um rendimento particularmente interessante.

Seria o caso de Kreuznach para a 37.ª D. I., de Staudernheim, Odernheim e Kirn para a 37.ª D. I.

A mesma necessidade se impõe para a 2.ª Secção do C. Ex. que destacará, si fôr preciso, um oficial idoneo para Wellertheim, um outro para Obermoschel, podendo mesmo lançar um até Kreuznach.

Será uma questão de espécie, a regular no momento oportuno.

A 4 de Setembro, pela manhã, o Gen. Cmt. do 30.º C. Ex. recebe a ordem de operações do Cmt. do I Ex. Azul, estabelecida na previsão da travessia da fronteira a 5 de Setembro.

Quanto á Artilharia, foi uma falta ter deixado a A. D. / 40 no acantonamento, quando se estava na expectativa de um ataque. O grupo de 55.º estava, aliás, em posição, mas não tinha recebido missão especial alguma para a noite. Sem duvida, atualmente (e mesmo durante a guerra, depois de 1914) as baterias teriam ocupado posição com missões definidas: barragens, tiros de interdição, em pontos de passagem obrigados, etc. . .).

Não insistirei mais nessas observações.

As duas operações que acabamos de estudar me parecem bem «frizantes» e, por isso, dispensam outras considerações a respeito dos combates á noite. Os ensinamentos imediatos que delas tiramos bastam para caracterizar o fim,

Ao mesmo tempo chegam-lhe ás mãos o «boletim de informações sobre o inimigo» e o «plano de busca», anexos, do I Exercito Azul.

I Ex. Azul	Q.G. em . . . 4 de
E. M.	Set.º, ás 10 hs.
2.ª Sec.	

Boletim de Informações n.º 1

O presente boletim resume todas as informações obtidas até a data de 3 de Setembro, ás 22 hs.

I — Fisionomia do periodo findo.

Até 3 de Setembro, inclusive, o inimigo limitou-se a vigiar a fronteira por meio de destacamentos de policia bem armados e providos de metralhadoras.

As primeiras reuniões de forças vermelhas importantes foram assinaladas no vale do Moselle e do Lahn.

II — Dispositivo e ordem de batalha do inimigo.

Informações de fonte especial assinalam movimentos de tropas inimigas, que não puderam ser precisados, na margem

a natureza e a conduta desses combates. Abster-me-ei, pois, de quaisquer desenvolvimentos puramente didaticos a esse respeito; como conclusão, lembrarei, apenas, as prescrições dos regulamentos, principalmente o de Serviço em Campanha e o de Infantaria.

Terminando, afirmarei, entretanto, a utilidade dos combates á noite, com objetivos limitados, quando bem conhecidos, meticulosamente preparados e conscienciosamente executados. Tal execução exige, dos quadros e da tropa, uma instrução tecnica particularmente cuidada e a formação de um moral capaz de ser posto á prova. São condições indispensaveis á aquisição do sangue frio e do dominio de si proprio, capazes de suplantar todas as angustias que assaltam o homem nesse desconhecido que é a noite.

esquerda do Rheno, entre este rio e o Moselle, na região S.O. de Boppard e na região de Daun.

Até 4 de Setembro, nenhuma identificação pôde ser feita.

III — Aviação inimiga.

Ainda não vôou sobre a fronteira. Pouca atividade aparente no terreno inimigo de Andernach.

IV — Atividade na zona de retaguarda

Operam-se desembarques na região de Coblença e de Andernach. Assinala-se na manhã de 3 circulação regularmente intensa na região de Mayence.

V — Postos radios.

Uma estação poderosa, cuja localização conseguimos determinar a 1.º de Setembro, continua a funcionar em Coblença. Nenhum posto, com as características conhecidas da telegrafia militar vermelha, foi ouvido.

VI — Conclusão.

O inimigo parece agrupar ao S. do Moselle tropas pertencentes provavelmente á sua cobertura.

Gen. X
Cmt. I Ex. Azul.
P.O., o Chefe do E.M.

I Ex. Azul
E. M. Q.G. em ... 4 de
2ª e 3ª Secções. Set.º, ás 10 hs.

Plano de busca de informações.

I — Aplica-se o presente plano á procura das informações que permitirão:

- avaliar a importancia e precisar a composição das forças inimigas assinaladas no vale do Moselle;
- localizar essas forças, especialmente na região S.O. de Boppard e na região de Daun;
- determinar as intenções do inimigo que póde:

— ou intervir com o grosso de suas forças de cobertura ao S. do Moselle, em direção a Soonwald e Bingerwald;

— ou organizar-se defensivamente no Moselle, limitando-se a vigiar as saídas das orlas septentrionais de Soonwald e Bingerwald.

- obter todas as indicações uteis a respeito das facilidades de percurso da zona arborizada de Soonwald-Idarwald;
- revelar-nos os trabalhos defensivos que por acaso haja o inimigo empreendido em ambas as margens do Moselle para interdizer-lhe a transposição;
- conhecer a composição e o destino dos elementos que desembarquem em Andernach e Coblença;
- estimar as possibilidades da aviação inimiga.

II — As missões particulares de cada um dos órgãos de procura, são as seguintes:

A) — *Serviços especiais* (a título de lembrete)..

B) — *Aviação.*

O limite entre as zonas de ação das aviações de Ex. e de C. Ex. é balizado pela linha *Oberwesel, Simmern, Sohren*. Esforço principal da aviação de Ex., em...

C) — *Divisões de cobertura.*

Além das investigações a que deverão proceder em função de suas necessidades proprias, as tropas de cobertura ministrarão as informações que se seguem:

- Indicações pormenorizadas da ordem de batalha das tropas cujo contáto houver sido tomado no decorrer da progressão;
- movimentos de tropas inimigas em sua zona de ação;
- indicações concernentes ao armamento (infantaria, artilharia, carros, engenhos de defesa contra os carros); boatos ou noticias que circulem entre as tropas inimigas;
- localização dos P.C.; organizações defensivas do inimigo em sua zona.

A atividade das divisões em suas respectivas zonas de ação deverá ser de molde a que nenhum reforço do inimigo possa passar-lhes desapercibido.

D) — *S. I. A.*

Manter-se-á pronto para entrar em ação, afim de determinar a importancia

da artilharia empenhada pelo inimigo, sua atividade, seus calibres, suas posições.

E) — *Transmissões.*

As escutas radios entrarão em ação o mais cedo possível para captar as comunicações inimigas.

III — *Transmissão das informações.*

a) — *Partes periodicas.*

Os C. Ex. enviarão ao E.M., 2.^a Seção, do I Ex. as seguintes partes:

1.^o Telefonicas:

- às 8 hs. com as informações da noite;
- às 19 hs. com as informações da jornada.

2.^o Escritas — todos os dias às 20 hs.

b) — Todas as informações importantes concernentes á ordem de batalha deverão constituir objeto de partes especiais transmitidas pelos meios mais rapidos.

Gen. Cmt. I Ex. Azul
P.O. Chefe do E.M.

Às 17 hs. do dia 4 de Setembro o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. é avisado de que as hostilidades começarão a 5 de Setembro, a 0 (zero) hora, e de que as tropas do C.Ex. deverão transpôr a fronteira desde o alvorecer.

Essas ordens de operações não encontram desprevenido o Chefe da 2.^a Sec. do 30.^o C.Ex., que se mantinha em ligação com o Chefe da 2.^a Sec. do I Ex. O plano de procura que acaba de chegar ás suas mãos não é mais do que a confirmação de conversas em que o Chefe da 2.^a Sec. do Ex. lhe indicára a tarefa do C.Ex. na procura das informações.

Além disso, ele vive em intima comunhão de idéas com o Chefe da 3.^a Sec. do C.Ex., com quem muitas vezes trabalhára em tempo de paz. Nestas condições, conhece, antes mesmo da redação da ordem de operações do C.Ex., a missão dessa Grande Unidade e a maneira por que o general pretende realizá-la.

Tem, pois, em mãos todos os elementos necessarios á elaboração do plano de procura do C.Ex., relativo ao periodo de operações que se iniciará a 5.

A 4 de Setembro pela manhã, o Chefe da 2.^a Secção do E.M. do 30.^o C.Ex. recebeu da Chefia do E.M. do 30.^o C.Ex. o seguinte «Plano de Informações».

PLANO DE INFORMAÇÃO N.^o 2
(Valido a partir do dia 5 ás 0 hs.)

I — *Missão do 30.^o C.Ex.*

Transpôr a fronteira, na madrugada de 5 de Setembro, e dirigir-se para a região ao N. de Soonwald, afim de aposar-se das saídas do massiço arborizado.

II — *Idéa de manobra do Gen. Cmt. do C. Ex.*

a) — Lançar, desde o dia 5 de Setembro, para a orla N. do massiço arborizado destacamentos ligeiros, compreendendo cada qual:

- 1 grupo de reconhecimento,
- 1 batalhão de infantaria transportado em caminhões,
- 1 fração de artilharia transportada, e atuando respectivamente segundo os eixos:

Bingen-Stromberg-Rheinböllen;
Kreuznach-Argenschwang-Argenthal;
Aberta entre Soonwald e Idarwald.

b) — Encaminhar o grosso, desde 5 de Setembro, para bem perto da orla S. do massiço arborizado, pronto a varar a floresta a 6 de Setembro.

37.^a D.I. para o planalto Waldalgesheim-Dörrebach;

137 D.I. para a região Kellenbach-Hennweiler.

ZONA DE AÇÃO DAS D.I.: — *sem alteração.*

III — *Informações necessarias ao Comando:*

Segundo as informações obtidas até 3, inclusive, o inimigo só disporia de fracos elementos no Nahe, tendo sido assinaladas na região de Boppard as reuniões das forças mais avançadas.

Na jornada de 4 e noite de 5, ele poderia ter levado as suas tropas, sinão para as garupas de Bingerwald e Soonwald, em que se organizaria, pelo menos até ás orlas septentrionais dos bosques.

Deseja, então, o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex., a partir da manhã de 5:

a) — saber si o inimigo mantem as garupas de Bingerwald e de Soonwald ou suas saídas do N.; o grau de adiantamento das organizações empreendidas;

b) — ter indicações sobre a importância das tropas que se lhe opõem bem como sobre a respectiva ordem de batalha;

c) — conhecer o estado das tropas que atravessam Bingerwald e Soonwald e as destruições efetuadas pelo inimigo.

**

Em seu plano de busca, o Ex. manifestou o desejo de procurar informações até as margens do Moselle e além (região de Daun).

Nestas condições, deve o Chefe da 2.^a Secção do C.Ex. proceder a investigações nesses mesmos objetivos? Evidentemente não!

Mas, que limite em profundidade irá ele escolher então?

Trata-se, com efeito, de vêr com exactidão; de compôr; de agulhar com precisão os órgãos de procura para objetivos definidos, sem manejá-los, e sem lhes indicar objetivos que corram o risco de só poderem ser atingidos ao cabo de varias jornadas de combate e sobre os quais, além disso, teremos tempo de sobejo para dirigir a actividade dos ditos órgãos.

Mas o Chefe da 2.^a Secção do C.Ex. possui uma primeira indicação, muito preciosa aliás.

Em seu plano de procura diz o Ex.:

Tomo a meu cargo a procura das informações, por meio da aviação, na região que se estende além da estrada *Oberwesel, Simmern, Buchenbeuren*.

Por outro lado, em seu plano de informações o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. pediu apenas as relativas á zona arborizada e suas saídas do N.

Finalmente, admitindo-se a realização integral das previsões do Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex., tais como ressaltam da ordem para a jornada de 5 de Setembro, serão precisos dous dias no minimo para atingir-se a estrada *Oberwesel-Simmern*, o que já representará em linha recta, uma progressão de 30 kms., entre Kreuznach e Simmern, em cujo percurso se encontra um massiço arborizado difficil, onde o inimigo poderá ter praticado destruições.

Todas as considerações acima expendidas levam o Chefe da 2.^a Secção do

C.Ex. a fixar como limite, para o plano de procura que terá de redigir, a estrada *Oberwesel-Simmern-Buchenbeuren*.

Não sofreram alteração os órgãos de procura postos á sua disposição, mas agora poderá tirar da aviação todo o rendimento de que ella é capaz.

Em sua instrução particular á Aeronautica, a 3.^a Secção do C.Ex. reservou quatro saídas para a procura das informações.

Poderá a 2.^a Secção já na tarde de 4 determinar as missões a executar nessas 4 saídas? Evidentemente não!

Indicará apenas a missão da aviação que alçará o vôo ao despontar do dia. Quanto ás que devem ser atribuidas ás outras saídas, serão fixadas no decorrer da acção, de acôrdo com o seu desenvolvimento e as informações colhidas na primeira missão.

Por fim, no dia 4 de Setembro ás 15 hs., o Chefe da 2.^a Secção submete á assinatura do Chefe do E.M. o «Plano de Busca» seguinte:

Kircheimbolanden, 4 de
Setembro, ás 15 hs.

30.^o C. de E.
E. M.
2.^a Secção.

PLANO DE BUSCA N.^o 2

(a partir de 15 de Set. a zero horas)

I — Aeronautica.

A) — Ao despontar do dia:

Procurar os grupamentos de forças inimigas ao Sul da estrada, inclusive:

Oberwesel, Kisselbach, Simmern, Sohren.

Importancia, composição e localização destas forças.

Comprimento e sentido da marcha das colunas.

Vigiar especialmente os entroncamentos de *Bacharach, Rheinböllen, Simmern, Kirchberg, Buchenbeuren* e os itinerarios através dos massiços arborizados de *Bingerwald, Soonwald, Lutzelsborn*.

Indícios de destruições preparadas ou executadas nos itinerarios acima e, especialmente, naquelles que as 37.^a D.I. e 137.^a D.I. esperam utilizar (a indicar directamente, segundo a urgencia, pelas D.I.

ao Serviço de Informações da Aeronáutica do Corpo de Exercito).

Indícios de organizações inimigas na orla N. do massiço arborizado de Soonwald e Bingerwald e no interior desse massiço.

B— Até o fim do dia:

2 reconhecimentos:

Missões e hora — fixadas oportunamente.

As informações obtidas serão transmitidas:

- imediatamente, por meio de mensagens lastradas, aos Comandantes de coluna interessados;
- em fim de missão, por meio de mensagens lastradas ainda, aos P.C. das 37^a e 137^a D.I.; após a aterragem, por meio de telefonema, ao P.C. do 30.º C.Ex.

II — TROPAS

Seguem-se as informações que as tropas deverão procurar obter no decurso da progressão:

- ordem de batalha do inimigo;
- indicações relativas ao armamento (infantaria, artilharia, carros, engenhos de defesa contra os carros);
- indicações a respeito das destruições efetuadas pelo inimigo nos itinerários que varam as florestas de Soonwald e Bingerwald; locais exatos, espécie de destruições (ex.: em um povoado, em aterro, em corte), informações estas que devem ser transmitidas sem delongas ao Cmt. da Engenharia da coluna;
- organizações defensivas do inimigo;
- locais dos P.C.;
- atitude das populações.

III — S.I.A. (artilharia)

Manter-se-á pronto a entrar em ação para determinar a importancia da artilharia empenhada pelo inimigo, a sua atividade, o seu calibre, as suas posições.

IV — ESCUTAS.

Os postos C do C.Ex. e das D.I. entrarão em ação, logo que fór possível, para captar as comunicações inimigas.

V — TRANSMISSÃO DAS INFORMAÇÕES.

As D.I. enviarão á 2.^a Secção do C.Ex. as partes seguintes:

1.º telefonicas:

— ás 7 hs., para as informações da noite e ás 18 hs., para as informações da jornada.

2.º escritas:

— todos os dias ás 19 hs., para os acontecimentos ocorridos entre 12 e 18 horas.

Todas as informações importantes concernentes á marcha das operações e á ordem de batalha deverão constituir objecto de partes especiais, transmitidas pelos meios mais rapidos.

o Gen. Cmt. do 30.º C.Ex.
P.O. o Chefe do E.M.

**

Realizaram-se as previsões do Gen. Cmt. do 30.º C.Ex. Sómente a 7 atingiram nossas tropas a estrada Oberwesel Simmern, Buchenbeuren.

Os planos de informações e de procura estabelecidos a 4 continuaram em vigor, ajustando-se perfeitamente á situação, salvo na jornada de 7, em que a zona atribuida á aviação do C.Ex. foi estendida até á estrada St Goar, Gôdenroth, Kastellaun, Büchenbeuren, Kappel.

Esta zona parece pouco profunda, ficando em sua parte central a 12 kms. no maximo da estrada Oberwesel, Simmern, Büchenbeuren.

¿ Teria sido possível atribuir desde o dia 7 á aviação de informações, uma zona de investigações mais profunda?

Por exemplo, até o Moselle, o que representaria 30 kms. de profundidade, entre Simmern e Treis, que tantos foram os da zona atribuida á aviação no plano de procura de 4 de Setembro?

Mas, as circunstancias agora são muito diversas.

A 4 de Setembro, estávamos nas vésperas da rutura das hostilidades. Nada sabíamos sobre o inimigo. Era preciso, pois, vêr além da mascara constituida pelas florestas de Bingerwald, Soonwald e Idarwald.

Para a aviação do C.Ex. eram da máxima urgencia as missões de procura. E tanto assim que em sua instrução á Aeronautica, o Gen. Cmt. do Ex., repartindo as saídas, atribuiu:

- á procura de informações — 4 saídas;
- ao trabalho em ligação com a 37.^a D.I. — 4 saídas;
- ao trabalho em ligação com a 137.^a D.I. — 3 saídas;

e, portanto, mais de um terço das saídas em proveito da procura de informações.

Empenhamo-nos na batalha a 7 e 8 de Setembro.

Dura é a luta, difficil a região. O inimigo reage vigorosamente.

Assim, pois, si desde o dia 7 o Gen. Cmt. do Ex. tem em mente os preparativos da passagem do Moselle, outro tanto não sucede ao Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. que vive a batalha em curso e tem toda a sua atenção voltada para a procura das informações que apresentem um interesse immediato para si, como a descoberta dos agrupamentos de forças inimigas que podem intervir na batalha.

A sua aviação não foi aumentada. Ao contrario, diminuiu em consequencia das perdas. As missões de ligação em proveito das D.I., o trabalho em beneficio da A.P. C.Ex. tornaram-se de maxima urgencia, e, no entanto, agora o Commando só dispõe de 1/4 das saídas que lhe foram reservadas para a procura de informações.

Tais foram as considerações que condicionaram a determinação do limite em profundidade da zona de procura da aviação do C.Ex. no dia 7 de Setembro.

*
**

Na tarde de 8, o 30.^o C.Ex. atingiu com os seus elementos avançados a grande estrada Büchenbeuren, Belg, Kappel, Kastellaun, Gödenroth, Pfalzfeld.

Á sua esquerda, o 31.^o C.Ex. atingiu com as vanguardas a estrada: Büchenbeuren, Morbach, Thalfang.

Á direita, o II Ex. progrediu até a linha St Goarhausen, Katzenenbogen.

Acham-se fatigadas as tropas das 37.^a e 137.^a D.I. que, aliás, não sofreram perdas de vulto.

O Gen. Cmt. do I Ex. Azul decide:

- aproveitar o bom exito alcançado, levando as forças de cobertura para o N. do Moselle, afim de assegurar as passagens desse rio, perturbar a concentração das forças vermelhas e efectuar mais ao N. os desembarques dos grossos azues mobilizados.

A 4.^a D.C. é posta ás ordens do Cmt. do 30.^o C.Ex.

As informações conhecidas sobre o inimigo, nas datas de 8 e 9, são dadas pelos seguintes boletins de informações do I Ex.

I Ex.

Estado Maior 8 de Setembro, ás 20 hs.
2.^a Sec.

BOLETIM DE INFORMAÇÕES N.^o 10
(Informações obtidas na jornada de 8)

I — *Fisionomia Geral da jornada de 8.*

Continuamos a avançar em toda a frente, a despeito da resistencia inimiga. Esforçaram-se os vermelhos por conter a nossa progressão para o Moselle, conseguindo apenas retardá-la.

Interrompeu-se o combate á noite em cujo transcurso o contáto foi mantido sem que de parte a parte tivessem sido feitas tentativas de golpes de mão. A retaguarda da frente, notou-se consideravel recrudescimento de actividade, ao N. do Moselle.

II — *Ordem de batalha do inimigo.*

Nenhuma unidade nova appareceu na frente do Hunruck. Confirmaram-se todas as indicações das jornadas precedentes. Desde 5 de Setembro a luta tem sido sustentada exclusivamente pela 38.^a D.I. inimiga. Foram empenhadas todas as suas unidades e a sua ordem de batalha não variou após o boletim ultimo.

Parece que o inimigo sofreu perdas consideraveis.

Prisioneiros declararam que em certos batalhões as perdas atingiram a 50% do efetivo.

III — *Aviação inimiga.*

Muito activa na região de Simmern. O Campo de Wackernheim foi bombardeado durante a noite passada.

D.C.A. inimiga ativa no Moselle, especialmente entre Coblença e Güls e na região Polch-Münsstermaifeld.

IV — *Atividade na zona de retaguarda.*

Circulação intensa na via-ferrea Brohl-Coblença e nas estradas que descem do Eifel para Polch. Foram assinalados no decorrer da noite passada numerosos acantonamentos e bivaques na região Polch, Mertloch Maunheim. Organizações ainda muito descontínuas balisam o rebordo S. dos planaltos da margem esquerda do Moselle. As mais importantes parece que são as das garupas 274 e 290 ao N. e ao O. de Treis, e as do planalto 260-245-223 entre Lehmen e Löff. Alguns trabalhos esboçados ao S. do Moselle (orla S. de Lieg-Machen Morshausen. De fonte especial sabe-se que o inimigo emprega nesses trabalhos mão de obra civil, ativando-os bastante, particularmente ao N. do Moselle.

V — *Postos radios.*

O posto de Coblença mantém-se em intensa atividade. Hontem pela manhã revelou-se um posto em Strimmig, um outro em Gondershausen.

Esta noite um posto fez chamadas de Polch ou de Mayen.

VI — *Conclusão.*

A chegada de tropas procedentes do N. e de O. e a atividade dos trabalhos e da circulação ao N. do Moselle parecem indicar que o inimigo vai concentrar todos os seus esforços na defesa deste rio. Nesta eventualidade os trabalhos esboçados no Moselle balisariam uma posição destinada a retardar nosso avanço e a ganhar o tempo necessário para preparar a defesa na margem N.

I Ex.

Estado Maior 9 de Setembro, às 18 hs.
2.^a Sec.

BOLETIM DE INFORMAÇÕES N.º 11
(Informações colhidas na jornada de 9)

I — *Situação Geral do inimigo.*

Em seguida aos combates da jornada de 8 e da manhã de 9, o inimigo recuou para a região a N.O. da linha

geral: St Goar, Pfalzfeld, Gödenroth, Kastellaun, Kappel, Büchenbeuren, Morbach.

II — *Ordem de batalha.*

Na manhã de 9 foram identificados elementos do 19.º de Dragões, 14.º de Caçadores e ciclistas do 14.º B. C. A. (47 D.I.)

III — *Postos radios.*

Um posto radio revelou-se na tarde de 8 em Münstermaifeld. Troca intensa de comunicações entre este posto e o de Coblença, na noite de 8 para 9.

IV — *Conclusão.*

Do conjunto das informações de contato parece que o inimigo deixou ao S. do Moselle apenas ligeiros elementos (cavalaria, ciclistas, metralhadores).

O Gen Cmt. do I Ex.

P.O. — Chefe de E.M.

A 9 de Setembro, após o recebimento da ordem geral de operações do Cmt. do I Ex., expede o Gen. Cmt. do 30.º C.Ex. a ordem de operações para a jornada de 10 de Setembro, da qual se segue um extrato:

30.º C.Ex.

Estado Maior 9 de Setembro, às 12 hs.
3.^a Sec.

Carta na esc. de
1/50.000

ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES
(para a jornada de 10 de Setembro)

I — *Situação geral e informações sobre o inimigo.*

Vêr boletins de informações n.º 10 e 11 do I Ex.

II — *Missão do 30.º C.Ex.*

O 30.º C.Ex., compreendendo as 37.^a e 137.^a D.I. e reforçado pela 4.^a D.C., tem como objetivo geral o planalto ao Sul de Polch onde se estabelecerá em condições de poder atuar contra quaisquer forças vermelhas que desembocarem do vale do Reno ou da região de Adenau.

O 31.º C.Ex., á esquerda, tem como objetivo geral o planalto de Lutzerath.

III — *Zona de ação do C.Ex.*, limitada:

- a L.: pelo vale do Reno (exclusive);
- a O.: pela linha Sohren, Cochem, Mutterbach, Adenau (as localidades, inc., para o 30.º C.Ex.).

IV — *Idéa de manobra.*

Repelir desde as primeiras horas do dia 10 os elementos inimigos que permanecem na margem esquerda do Moselle e, si possível, tomar posse dos pontos de passagens deste rio, da ponte de Treis (inc.) á barca de Brodenbach (inc.)

Para isso, esforço principal:

- de um lado, na direção de Treis (4.ª D.C.);
- de outro, na direção geral de Pfalzfeld, Liesenfeld, Brodenbach (47.ª D.I.);
- cobertura na região Pfaffendeck (5 kms. O. de Boppard), na direção de Coblença;
- no centro, a 137.ª D.I. na região de Beltheim-Godenroth manter-se-á pronta: quer a apoiar a 4.ª D.C. em Treis, si a ponte de Treis estiver intacta; quer a empenhar-se entre a 4.ª D.C. e a 37.ª D.I., por Dommershausen, Macken, Burgen, em vista de uma passagem a viva força do Moselle.

A 137.ª D.I. não ultrapassará sem novas ordens o nó de estradas de Beltheim.

V — *Limites das zonas de ação das D.I.*

Entre a 37.ª D.I. e a 137.ª D.I.:

- linha Braunshorn, Frankweiler, Sevenich (para a 37.ª D.I., ravina do Beybach para a 137.ª D.I.

Entre a 137.ª D.I. e a 4.ª D.C.:

- linha Roth, Sabershausen, Lutz, Müden.

*
**

Como se apresenta a 9.ª o problema da busca das informações?

Sabemos que o plano de informações é a resultante lógica:

- 2.º — da missão do C.Ex.;
- 3.º — da idéa de manobra do Gen. Cmt. do 30.º C.Ex.
- 4.º — da tarefa atribuída ao 30.º C.Ex. na procura das informações pelo plano de procura do I Exército Azul datado de 8 de Setembro de 1927, ás 23 hs., o qual assim se exprime:

A) — *Aviação*

Limite entre a Aviação do Ex. e a dos C.Ex.

— a estrada Coblença, Polch, Kaisersech. A Aviação do Exército...

B) — *Corpos de Exército e 4.ª D.C.:*

Os C.Ex. e a 4.ª D.C. se empenharão:

- em precisar a ordem de batalha inimiga;
- em assinalar o aparecimento de grandes unidades novas.

Já o vimos, o plano de informações é um documento de Comando que sai com a assinatura do General.

Para representarmos a gestação lógica, quasi mathematica, que se opéra em seu espirito, ou não do Chefe da 2.ª Secção que lhe expõe os seus prognósticos, tentemos, no caso concreto considerado, reunir em um feixe as idéas emanadas dos elementos que vão ditar a sua decisão.

1.º — *Informações sobre o inimigo.*

Ao Sul do Moselle — elementos ligeiros (47.ª D.I.); desaparecimento da 38.ª D.I.

Ao Norte do Moselle — 47.ª D.I.? e pois? possibilidades do inimigo trazer outras tropas.

Organizações — Posição de resistência provável: encostas que dominam ao N. o Moselle.

Tropas existentes nessa região: a 47.ª D.I., quasi que se póde afirmar. Talvez a 38.ª D.I., reagrupada; talvez outras.

Ao S. do Moselle, na linha Lieg, Macken, Morshausen, provavelmente uma posição de P.A., em que o inimigo poderá ter a intenção de resistir por tempo mais ou menos longo, segundo o grau de adiantamento da sua posição de resistência.

2.º — *Missão do C.Ex.*

Objetivo: o planalto ao S. de Polch.

É o ponto de direção afastado fixado para o Corpo de Ex.

É aí que o Alto Comando Azul quer vêr o 30.º C.Ex.

Começamos a vêr claramente em nosso plano de informações. O planalto de Polch fica situado ao N. do Moselle.

Para nele ter acesso, vai ser preciso forçar em um ponto a passagem do Moselle, atravessar o centro inimigo, romper a sua posição de resistencia.

Consequencia.

Primeiras informações necessarias ao Comando:

Conhecer a posição inimiga, o seu valor, o seu gráu de organização.

Esse trabalho já foi esboçado pelo I Ex. Azul que, por meio dos seus órgãos de busca, preparou o caminho para o 30.º C.Ex., enviando-lhe um jogo de fotos na escala de 1/20.000 da posição de resistencia inimiga e do vale do Moselle.

Mas, por mais solida que seja uma posição, só terá valor quando ocupada. Nessas condições, o Gen. Cmt. do 30.º C.Ex. é levado a formular a seguinte pergunta:

Quais são as tropas existentes na posição de resistencia, ou quais as susceptíveis de intervir num lapso de tempo de 3 dias? Pois que o Gen. Cmt. do 30.º C.Ex. estima que lhe serão precisos 3 dias para abordar o Moselle, transpô-lo e romper a posição de resistencia inimiga.

Eis aí um primeiro grupo de informações necessarias ao Comando. São informações de maxima urgencia que lhe permitirão:

- 1.º) — formar uma idéa precisa sobre a situação e as possibilidades do

inimigo, sobre a posição em que ele pretende opôr-nos o seu esforço principal;

- 2.º) — dizer aos divisionarios,, quando chegarmos ao Moselle: Eis o que sei a respeito do inimigo. Aqui tendes fotos. Cabe a vós completar estas informações. Quanto a mim, agulharei os meus órgãos de procura para a posição de Polch.

Eis aí como se faz um trabalho logico sobre busca de informações. O escalão superior trabalha a uma jornada de combate á frente e não no contato, preparando a tarefa, desbastando uma situação, para dar a mão ao escalão subordinado.

- 3.º) — Idéa de manobra do Gen. Cmt. do 30.º C.Ex.

Mas, não devemos esquecer que a 9 á tarde ainda estamos a 20 kms., em linha réta, do Moselle.

Na jornada de amanhã, 10 de Setembro, provavelmente o inimigo não se oporá ao nosso avanço sinão com elementos ligeiros. Efetivamente, dispondo apenas de precarios meios de transposição, ele não se arriscaria a deixar forças importantes ao S. do Moselle. Mas a região é difficil até o Moselle. As estradas são raras e não é possivel fazer que a artilharia e os Combóios abordem o Moselle deslocando-se através dos campos. Torna-se, então, provavel que o inimigo execute destruições para retardar a nossa progressão.

Onde serão feitas essas destruições? Quanto mais cedo o soubermos, tanto mais rapidamente serão efetuadas as reparações.

Então, ponto importante a inscrever no plano de informações: as destruições.

Mas o Chefe da 2.ª Secção se impressionou

(Continúa).

Biblioteca de
"A Defesa Nacional"

"Notas sobre o Emprego da Artilharia"

do Major Inacio José Verissimo, é livro indispensavel na biblioteca do oficial de qualquer arma.

Oise — Junho de 1918

Combates dos dias 9, 10 e 11 de Junho 1918, observados do 2.º B. C. P.

Pelo Ten. Cel. Torres Guimarães
Trad. do Major José Faustino Filho

Situação — A 11.ª D.I., trasida de caminhões da região de *Senlis*, acha-se a dois dias em reserva de exercito atraz da 6.ª D.I. (Gal. *Mittelhauser*), em linha, face a N.E., mantendo os pontos de apoio de *Meignelay*, *Tricot* e *Courelles*. Está prolongada a E. pela 58.ª D.I. e a W. pela 169.ª D.I.

Diante dela o Exercito *Von Hucier*, celebre pela recente manobra de Riga, balisa a linha *Montdidier*, *Rollot*, *Mortemer* etc..

O 2.º B.C.P. está estabelecido em acantonamento de alerta em *Pronbroy* e *Cressorsac* e empregou seus dias 7 e 8 em reconhecimentos do terreno, estudos de caminhamentos e num exercicio de quadros executado a 7 com os outros corpos da D.P. *Vuilemot* seguido a 8 por uma manobra da 1.ª D.I., no decurso da qual a 2.ª C.M. do 2.º B.C.P. constitue o 1.º agrupamento (2.ª, 3.ª e 5.ª Cias.) por ordem da D.I. Ela foi mandada para *Méry* onde deverá tomar posição e reforçar a defesa.

O cmt. do agrupamento manifesta-se logo, pedindo que lhe sejam entregues as S.M. de substituição.

Missão — A 11.ª D.I. tem por missão apoiar a 36.ª D. I. no ataque que está imminente do exercito *Von Hutier* que vai tentar passar pelos caminhos *Ste Denis* e *Compiègne*.

A linha de resistencia se estende de *Maignelay* a *Belloy*.

A 9 de Junho aproximadamente as o.h.15, desencadeia-se o tiro de preparação inimigo e tudo logo se transforma em um rodar continuo não deixando qualquer duvida sobre o que vae acontecer.

O 2.º B.C.P. é imediatamente alertado e alcança, ao primeiro aviso da 11.ª D.I., sua posição de vigilancia pelos caminhamentos reconhecidos nos exercicios precedentes, evitando assim as estradas guardadas, quasi todas já batidas por violentos tiros de interdição.

Ao romper dalva o 1.º agrupamento (R.D.I.) se instala num campo situado a S.E. do cruzamento de estradas *Montier-Ste Martin-Tricot*. O P.C. da D.I. ocupa um campo separado, junto a encruzilhada.

O ataque inimigo foi lançado por volta das 4 horas e ás 7 horas, a 58.ª D.I. que mantinha os pontos de apoio de *Latanle* e de *Belloy* é desimada e a 18.ª D.I. que tem a missão de apoiá-la se encontra numa situação igualmente critica e está ameaçada de ter igual sorte.

A nossa esquerda se acha a 152.ª D.I. que protege a 169.ª D.I., engajada a fundo.

Em consequencia a 11.ª D.I. deve prever uma mudança de frente a E. para tapar a brecha aberta sobre seu flanco direito com a formação da bolsa da defesa no setor de *Belloy*. Sua missão será interditar a todo custo o acesso do inimigo ao planalto de *Méry* e de repelir os ataques vindos deste lado.

Ás 7 horas, o 69.º R.I. está engajado em *Méry* que está ocupado pelo III Btl. (Cmt. *Vetillard*) prolongado a direita pelo Btl. *Lemaitre* (II/69). O Btl. *Dardelet* (I/69) acha-se em reserva de sub-setor.

O 4.º B.C.P. prolonga a linha até *Tricot*.

A mesma hora o *Grupamento Guimarães* (R.D.I.) recebe ordem de se dirigir ao P.C. do 69.º R.I. e aí ficar a disposição do seu Cmt. Cel. *Barthélemy*, na cota 91, saída N.E. de *Ménévillers*. A 2.ª C.M. continuando em *Méry*, o agrupamento tem tres secções da 1.ª C.M. O 26 R.I. retorna dois de seus Btls. para *Vaumont*.

A aproximação se efetua por secções largamente espaçadas que utilizam todas as cobertas para escapar as vistas aereas do inimigo e aos seus tiros de inquietação, que batem caminhos e encruzilhadas.

Às 7, h. 50 o agrupamento está na cota 91 onde fica as ordens do *Cap. Berge*, enquanto seu Cmt. se dirige ao P.C. do R.I..

Às 8, h. 5' o *Cap. Berge* recebe a seguinte ordem: — «Manter-vos-eis até segunda ordem nas posições atualmente ocupadas».

Às 8h.20' chegam novas ordens da D.I. recuperando o *Agrupamento Guimarães*, que às 8h.25' envia o seguinte relatório a 11.^a D.I.:

Unidade de Guimarães á Unidade Vuillemot em 9 Junho 18, ás 8, h. 25'.

Estou na saída E. de *Ménévillers*, á altura do cemitério.

Informação — Ao receber a ordem da D.I. o Btl. *Dardet* retomou sua missão primitiva de reserva de sub-setor.

O agrupamento *Guimarães* reocupa suas anteriores posições como reserva de D.I.

(a) *Guimarães*.

Voltando as suas posições, o Cmt. do agrupamento, após ter dado as ordens necessárias, vae ao P.C. da D.I. para aí fazer um relatório verbal e receber eventualmente informações e instruções.

As informações oriundas da nossa direita eram cada vez peiores, por isso ás 11 horas, o *Gen. Vuillemot* toma a decisão de prolongar para S.E. o II/69.^o R.I. pelo 1.^o Agrupamento do 2.^o B.C.P. que recebe a missão de *estabelecer uma cortina* a S.E. e interditar a todo custo ao inimigo o acesso dos *planaltos de Méry* deste lado, ás 11h.10' as unidades do agrupamento recebem a ordem abaixo:

Em 9 — Junho ás 11, h. 10'.

«O agrupamento, logo que receba os fogos de artifício, seguirá novamente sob a direção do *Cap. Berge*, para a ravina ao S. de *Ménévillers*.

O agrupamento tomará de passagem um agente de ligação do *Tte. Michon*, que indicará a posição escolhida».

«Assim que se atinja esta posição, o *Cap. Berge*, destacará dois reconhecimentos de oficiais, que reconhecerão a ravina situada ao N.E. de *Ménévillers* e ao S. da fazenda *Bauchemont*.

No reconhecimento do terreno os oficiais que o executarem reconhecerão os caminhos que permitam ir do ponto de reunião até ás ravinas.

Reconhecerão finalmente a ravina orientada N-S e situada imediatamente a W. da fazenda *Bauchemont*. Tal reconhecimento deve ser orientado no sentido de estabelecer uma linha de defesa tendo a fazenda *Bauchemont* como centro de resistencia».

(a) *Guimarães*.

O Cmt. do agrupamento parte com seu oficial adjunto e sua ligação, logo que recebe as ultimas instruções no P.C. da D.I..

Atingindo *Ménévillers* toma contato com o *Major Denis*, Cmt. do Grupo de 75 de apoio direto, a quem põe ao corrente de sua missão.

Este grupo vai prestar ao *agrupamento Guimarães* auxilio inestimavel no decurso das operações que se vão seguir.

Aproveitando-se duma dolora do terreno, que o desenfia das vistas, o agrupamento toma rapidamente o dispositivo de aproximação e ás 15, h. 10' está em posição sobre os locais assinalados como objetivos.

Desembocando o agrupamento rapidamente e por surpresa, não deu tempo ao inimigo de ajustar sobre ele seus fogos, durante sua passagem pelo planalto. Os tiros são todos altos e na maioria muito curtos. Em compensação as ravinas e a fazenda são batidas, pouco depois, por tiros de deter de tal intensidade, que elas daí a pouco se transformam em ninhos de projetis.

Às 15, h. 25' o relatório abaixo é enviado a 11.^a D.I..

9 de Junho, ás 15, h. 25'.

«O Cmt. do *Agrupamento Guimarães* tem a honra de relatar-vos, que atingiu a ravina a W. da fazenda *Bauchemont* ás 15h.15'».

«a) — Dispositivo de aproximação — 2 grupos de combate seguidos duma seção da vanguarda. — As Cias. em colunas duplas — ala direita do agrupamento recuada».

b) — Dispositivo após a chegada — a 3.^a Cia. ocupa a fazenda *Bauchemont*, reforçada por uma seção. Uma seção a direita, (S.) escalonada para traz e outra a esquerda (N.) com escalão identico. Esta ultima destacou elementos para tomar ligação com tropas amigas a esquerda. A 2.^a Cia. a direita (S.) da 3.^a Cia. com 2 secções em linha e 2 como

apoio. Esta Cia. prolonga a defesa da fazenda para a direita (S.) até a interseção das duas ravinas.

A 5.^a Cia. com 2 secções sobre a borda superior W. da ravina e as duas outras em apoio á retaguarda. Esta Cia. tem o papel de reserva do Agrupamento».

«As Cias. Mtrs. estão dispostas no cume N. da ravina, observando Méry, 1 secção vai ser colocada sobre a crista ficando face ao bosque de *Belloy*».

c) — *Perdas* — Nenhuma durante a marcha de aproximação. O Tte. *Gauthier* ferido gravemente por obus ás 15 h.20'.

d) — O Tte. *Gallant* parte afim de reconhecer uma posição para o agrupamento de *Margerie*».

(a) Guimarães.

«*Observação* — O Cmt. do agrupamento comunica que não dispõe de telefones».

Às 16 h. o sgt. *Danvers* enviado pela 3.^a Cia. para procurar ligação a esquerda volta trazendo informações inquietantes.

A comunicação abaixo é então, imediatamente enviada ao Cmt. *Mellier*, Cmt. do 2.^o B.C.P..

«9 Junho ás 16h.10' — O sgt. *Danvers* enviado para assegurar a ligação do agrupamento com a esquerda encontrou-se a 400 mts. ao N. da ala esquerda de sua Cia., com um dos Majores do 69 R.I. o qual lhe informou que sua Cia. da esquerda combatia desde a manhã e já lhe faltava munição. A sua frente e a direita existiam bem poucos elementos (o Major *Lemaitre* em 2769). *Belloy* e o bosque de *Belloy* eram mantidos por elementos do 77.^o R.I.».

(a) Guimarães.

O primeiro relatório é confirmado por 2 outros que prevêm uma brecha, dentre em breve, na esquerda de nossa linha,

Em consequencia, ás 17h.20', são tomadas as seguintes medidas:

«9 Junho ás 17h.20' — Ao receber a presente ordem a 5.^a Cia. irá ocupar as trincheiras que ligam o 69 com o 77 R.I., nelas se estabelecendo de modo a ter vistas para a frente. Guarnecerá a 1.^a linha com F.M. e R.S.G. (fuzis automaticos). Construirá depósitos para munição a medida do possível.

Guarnecerá as trincheiras com grupos bem afastados entre si, porém em ligação permanente pelo fogo e a vista, de forma a apresentar o menor alvo possível ao tiro de artilharia».

«A missão da 5.^a Cia. é de manter a todo custo os observatorios localizados entre Méry e Belloy, no setor não ocupado pelos 69 e 77 R.I..

O Cap. *Bécourt* assegurará, desde sua chegada, a ligação a direita e a esquerda».

«A 3.^a Cia. ocupará as trincheiras que bordam a ponta N. da ravina diante de *Bauchemont*. Esta Cia. manterá sempre que possível um dispositivo em coluna dupla que permita ter 2 secções em apoio.

A 2.^a Cia. ficará em reserva.

Tres secções de mtrs. de 2 peças ficarão 2 cruzando fogos entre Méry e Belloy, a 3.^a dominando o fundo da ravina.

Canhões de 37 e Stoks — serão colocados, ao cair da noite, na interseção da ravina de *Bauchemont* com a que se orienta de E. para W. ao S., tomando-a de enfiada».

(a) Guimarães.

NOTA: — Estando feridos e evacuados, o Cap. *Berge* e o Tte. *Gauthier*, o Tte. *Gandon* assumirá o comando da 3.^a Cia., desde a recepção desta nota.

O Cmt. da Cia. em reserva preverá reconhecimentos para a noite, tanto de oficiais como de sargentos, destinados a verificar o bom funcionamento da ligação com nossos vizinhos da direita e da esquerda e com os elementos do 66.^o R.I. que mantem as saídas S. do bosque de *Belloy*».

(a) Guimarães.

Continuando o inimigo sua pressão sobre Méry e Belloy, o Btl. *Dardelet* (I/69) abandona, ás 18h.40', sua posição em reserva de sub-setor e vai prolongar á esquerda de Méry o Btl. *Vetilard* (III/69).

Como reserva imediata só resta o Agrupamento *Margerie* do 2.^o B.C.P..

Às 20h.20' ante a incerteza do que se passa em Belloy, o Agrupamento toma o seguinte dispositivo:

Modificação do dispositivo do 1.^o Agrupamento ás 18h.50'.

A 5.^a Cia. recebe ordem de se manter nas posições da jornada. Alguns elementos do 77, que ainda se mantem a sua direita estão desorganizados e dispersos; serão fatalmente varridos durante a noite.

As 2.^a e 3.^a Cias. tomaram posição ao S. da fazenda do *Bout du Bois* com a missão de interditar toda tentativa de infiltração por este lado. A 2.^a Cia. está cavalgando o esporão donde delimita as ravinas de *Carrières* (W-E) e de *Bauchemont* (N.S.).

As Cias. estão apoiadas por 4 Sec. Mtrs. que formam a ossatura do fechamento dos caminhos que ameaçam o planalto. Os canhões de 37 foram trazidos acima do P.C. de *Carrières* (face N. da ravina), donde batem as saídas e as orlas do bosque de *Belloy*.

Os stocks tomaram posição na contra escarpa que comanda a ravina orientada para o S. e que começa a altura do *Bout du Bois*. Eles serão fartamente remuniçados, pois que foi encontrado nas proximidades um nicho cheio de munições de stocks.

A noite permite proceder-se ao reaprovisionamento em viveres e munições, melhorar um pouco nossas posições e evacuar os feridos.

A saída do *Btl. Dardelei* e as trocas feitas dentro do dispositivo do 1.^o Agrupamento do 2.^o B.C.P. provocam a ordem seguinte enviada pelo *Cmt. Mellier* ao *Cap. de Margerie*, *Cmt. do 2.^o Agrupamento do 2.^o B.C.P.*

«9 de Junho às 20h.30'.

O *Cmt. Mellier* ao *Cap. de Margerie*.

A missão do *Cap. Guimarães* transforma-se. Ele recebeu ordem de tomar posição com seu grupo ao S. do *Bout du Bois* para deter, eventualmente, as infiltrações que venham a se produzir pelo bosque de *Belloy*. Não estando bem definida a situação entre *Méry* e *Belloy* (a posição foi mantida sem que se saiba bem por quem), lá deixei a Cia. *Bécourt* em posição ao S. da linha *Méry-Belloy*, em apoio atrás da linha avançada que era mantida por elementos do 69.^o e 77 R.I..

Em consequência as 2.^a e 3.^a Cias., unicamente terão de assegurar tal missão com o concurso das 4.^a e 5.^a Sec. Mtrs. Reforçar por conseguinte a Cia.

Mtrs. do *Capitão Guimarães* por 2 ou 3 peças retiradas do vosso agrupamento, cuja missão permanece a mesma.

(a) *Mellier*.

SITUAÇÃO GERAL

9-6-18 às 20h.30'.

A situação geral é agora a seguinte: — O centro alemão rompeu as posições francesas na região de *Matz* e penetrou profundamente em nossas linhas. A sua direita a D.I. — *Mittelhauser* — mantém-se. *Courcelles* disputada encarniçadamente, é tomada e retomada, mas permanece em nosso poder. Duas Cias. do 26.^o R.I. para lá conduzidas no dia 9 às 20 horas, a disposição do 149.^o R.I., mantiveram-se a custo dos maiores sacrificios.

A D.I. *Vuillemot* que tinha esboçado desde a vespera sua mudança de frente, face a E, após o aniquilamento sucessivos das 58.^a e 18.^a D.I., vai completá-las a noite e se encontra desenvolvida perpendicularmente a 36.^a D.I. desde *Courcelles* até *Aronde* a E. de *Wacquemoulin* passando por *Méry*, *Bauchemont* e planalto de cota 98. Após este movimento o 26 R.I. se acha colocado a nossa direita sobre o planalto de cota 98. O C.I.D. o prolonga para além de *Wacquemoulin*. Em consequência, às 4 h.20' de 10 Junho, o 1.^o Agrupamento recebe a seguinte ordem:

«Em caso de forte pressão inimiga o 2.^o B.C.P. girando sobre sua esquerda virá se colocar sobre a ossatura de fechamento fortemente constituída pelas S.M., na linha: *Wacquemoulin-Ravin-des-Abris*».

(a) *Guimarães*.

«Ao amanhecer os reconhecimentos assinalam, que já não existe um só elemento do 77 sobre a linha avançada».

(a) *Guimarães*.

Ao Sudeste a situação é das mais críticas.

No dia 9 á noite, o inimigo ultrapassa *St. Maur* em sua marcha para o Sul; progredindo por *Cuvilly* e *Lataule* vae ocupar *Belloy* durante a noite. Os ultimos elementos do 77 foram aniquilados ou expelidos das posições que ocupavam, portanto, a direita da 5.^a Cia. está com-

pletamente no ar. O *Cap. Bécourt* foi obrigado a prolongar sua direita para o S. de modo a retomar ligação nas proximidades de *Bauchemont*.

Às 5h.15' o Cmt. do agrupamento lhe remete a nota seguinte:

«10 Junho 918 às 5h.15' — *Informações do Tte. Peschart*:

I — A minha direita passa um regimento que parece se dirigir para o bosque de *Celleir*.

II — Informações colhidas dizem ser o 254 R.I. que tomou posição nas trincheiras em contra-vertente diante do bosque de *Genlis*. Sua direita é prolongada por outro regimento.

Peço informar-me si *Belloy* se acha atualmente ocupada pelos alemães ou por tropas amigas». (a) Guimarães.

As tropas acima assinaladas contra atacaram pouco depois os bosques *Genlis* e *Belloy* esforçando-se por atingir as orlas N. Os Cmts. das 3.^a e 5.^a Cias. recebem ordem de seguir de perto esta progressão assinalando todas as fases».

«10 Junho 918 às 5h.25'. — Os Cmts. da 3.^a e 5.^a Cias. acompanharão as tropas amigas no bosque de *Belloy* e informarão a miúdo a respeito. O Cmt. da 5.^a Cia. fica particularmente encarregado de se assegurar do momento em que a aldeia de *Belloy* seja reocupada por nossas tropas».

(a) Guimarães.

A nossa esquerda a luta por *Méry* é repetida com obstinação. Às 6 h. uma seção da 5.^a Cia. é cedida ao *Cel. Barthélémy* para contribuir na defesa de *Méry*. Às 7h.30' o *Tte. Arnould* do 69.^o R.I. comunica que uma Cia. de seu Regimento perdeu 3/4 de seu efetivo no pomar a W. de *Méry* em virtude dos novos métodos de infiltração adotados pelo inimigo.

«10 Junho 1918 às 7h.30' — *Cmt. Mellier* ao *Cmt. Bouin*.

«O *Tte. Arnould* do 69.^o R.I. comunica que uma Cia. de seu Regimento teve fôra de combate 3/4 de seu efetivo em virtude da aplicação do método de infiltração do inimigo, no pomar W. de *Méry*».

«Foram avisados deste lado os elementos do 26 R.I. que se acham a Sudeste

de *Méry*. Igual precaução foi tomada afim de informar o agrupamento *Margérie*».

«Uma seção da 5.^a Cia. do 2.^o B.C.P. foi cedida ao *Cel. Barthélémy* para expulsar o inimigo das primeiras casas de *Méry*».

(a) Mellier

Nossas unidades sabem com quem têm de se haver, da mesma forma que o 26 R.I. que nos prolonga para o S. na direção do *Aronde*.

A E. todas as tentativas feitas para desalojar o inimigo do bosque de *Belloy* foram vans. Ele ali se infiltrou durante a noite e o mantém solidamente. Ao N. a 5.^a Cia. engajou todos os seus elementos para poder fazer face as tentativas inimigas vindas da direção de *Cuvilly* e *Lataule*. Finalmente às 8h.30' a 5.^a Cia. que ocupa as trincheiras diante da fazenda *Bauchemont* assinala o inimigo progredindo em sua direção, procedente de *Belloy*. A 2.^a Cia. recebe ordem de vigiar atentamente tal progressão e de apoiar a 3.^a Cia. pelo fogo de suas armas automáticas. As Sec. de Metrs. e a seção de acompanhamento recebem ordens idênticas.

O 2.^o agrupamento fica próximo, pronto a intervir em caso de necessidade».

«10 Junho às 8h.50'. — A 3.^a Sec. da 3.^a Cia. colocada na trincheira em frente a Faz. *Bauchemont* assinala o inimigo progredindo na sua direção, vindo de *Belloy*, a cerca de 1.000 mtrs.

«Vigiar com muita atenção tal aproximação e manter a 3.^a Cia. por meio de fogos de mtrs. e armas automáticas».

«O 2.^o agrupamento está alerta».

(a) Guimarães.

«O inimigo foi igualmente assinalado se dirigindo para S.W. na altura da Fazenda *La Garenne*».

(a) Guimarães.

Mais ou menos a mesma hora a 2.^a Cia. comunicou que se percebia a binóculo, o inimigo segundo os caminhamentos planalto de cota 120 a S.W. da Faz. *La Garenne*. — Parece que se dirige para *Estrées St. Denis* e sofre graves perdas de nossa artilharia cujos projéteis enquadram sem interrupção as colunas em marcha ocasionando movimentos de fluxo e refluxo.

Secção de Artilharia

Uma miniatura do 75

O trenador de artilharia de campanha - M 2

Pelo Major João Müller Neiva de Lima

Uma interessante divulgação acaba de ser feita pelos Srs. D. A. Gurney e T. A. Conlon, engenheiros de material belico, de Washington, pela excelente revista americana «Army Ordnance» de Nov. Dez. 933. Vamos resumir esse artigo, expurgando-o dos elementos menos interessantes á maioria dos oficiais de tropa, á cuja atenção, principalmente, destinamos este extrato.

*
**

Estão em fabricação nos Estados Unidos, algumas centenas de uma miniatura do canhão de campanha, batizada com a designação de Trenador de Artilharia de Campanha, M 2.

Esse material foi projetado e estudado em resposta a uma solicitação do Comandante da Artilharia de Campanha, para um dispositivo que simulasse o tiro do 75 a 1/100 de seu alcance. Tal qual foi estudado, o trenador possui todas

as características essenciais do reparo de campanha: aparelhos de elevação, direcção, sitio e alça graduada em jardas, uma luneta panoramica regulamentar e dispositivo de leitura do angulo de sitio e elevação, pelo quadrante de nivel regulamentar.

O «canhão» é uma arma de calibre 22, modificada para receber um tubo de 1" (25.4mm) de calibre. O projétil é uma esfera de aço de 1" e a sua projecção é feita por meio de um cartucho curto, de festim, do calibre 22. O desvio provavel é proporcional ao do canhão 75. Os projéteis, visíveis na trajectoria, são recuperados para usos consecutivos. As diferenças provaveis, entre lotes de munição, comprados no mercado, podem ser corrigidas com o uso de calços inseridos no tubo, assim limitando o trajeto do projétil na alma, o que aumenta ou diminue os alcances.

Os tubos podem ainda ser parafusados ou desaparafusados, mais ou menos, pa-

A 3.^a Cia. mantém-se bem apesar da pressão que recebe. As Sec. Mtrs. e os canhões 37 aproveitam todas as ocasiões para varrer a orla do bosque de *Belloy* e interdita toda a tentativa para desembocar da coberta.

O inimigo procura inutilizar a defesa com o fogo de sua artilharia que felizmente não consegue regular seu tiro graças as cobertas e a dissiminação das unidades do grupo. Não obstante as perdas são sensíveis. O inimigo por sua vez reconstituiu suas Cias. abrigados da orla e uma delas, uma *sturm truppe* procura conduzir as outras desembocando em massa para ocupar os rebordos da ravina. Ela é imediatamente atingida por nossos fogos e arrasada; os poucos sobreviventes retornam ao bosque. Segue-se uma reprodução do ataque de infantaria, o fogo da artilharia porém, redobra varrendo as ravinas em todos os sentidos. Neste interregno o avanço sobre Méry não cessa.

O planalto de Méry é premido por uma tenaz, com esforços por L. e pelo N. para fazer cair esta defesa, que cons-

titue uma ameaça contra o flanco direito alemão.

«10 Junho 918, ás 8h.50'. — O Cap. Guimarães ao Tte. Gandon — 3.^a Cia.:

1.^o) — Para opor-se a progressão inimiga que se desenha mandei o Tte. Peschart vigiar com atenção, o desembocar do inimigo na direcção da fazenda *Bauchemont* e de cobrir a secção ameaçada por fogos de mtrs.

2.^o) — O 2.^o agrupamento está alerta e pronto a intervir, caso seja necessario».

(a) Guimarães.

Ás 10h. a Cia. *Peschart* (2.^a) começa a recolher elementos dispersos do 256 R.I. que desembocam nas ravinas, vindos da fazenda de *Bout du Bois*. Os homens estão extenuados e não se sabe bem o que se passa. Estão eles desorientados pela infiltração do inimigo, de mais facil execução porquanto o terreno é de matas ou coberto de trigo bastante crescido.

(Continúa)

ra *afinar* as peças da mesma bateria, no que concerne às pequenas diferenças de alcance de uma peça para outra.

Os trenadores são montados, por baterias de 4, em plataformas e, nestas, podem ser espaçados á vontade para que os seus intervalos correspondam proporcionalmente aos intervalos reais.

**

As especificações impostas pelo Maj. Gen. H. G. Bishop, Comandante da Artilharia de Campanha, que solicitou a criação dos canhões em miniatura, continham o seguinte:

Alcance: 1/100 do canhão de campanha de 75 mm.

Desvio provável: proporcional ao da munição de serviço.

Campo de tiro vertical: 45°.

Campo de tiro horizontal: 45°.

Deveria permitir a montagem da luneta panoramica regulamentar.

Além de possuir alça propria, deveria tambem permitir a montagem do quadrante de nivel regulamentar.

Em bateria os canhões teriam que guardar um intervalo de 7.2 pols. (183 mm, ou 1/100 do intervalo normal do 75). Com tais intervalos, os trenadores deveriam ser acessíveis á operações individuais, sem interferir com outros da mesma bateria.

Essas especificações foram integralmente cumpridas.

**

Em consequencia de muitos projetos e ensaios, em que foram experimentados e sucessivamente abandonados, diversos dispositivos de projeção (molas, ar comprimido, etc.) e varios projetis de formas, pesos e calibres diferentes, concluíram os Srs. Gurney e Conlon, encarregados desses estudos, pela adoção da munição já mencionada, (cartuchos de calibre 22 e esferas de aço de 25.4 mm) que deram inteira satisfação. Com essa munição organizaram as tabelas de tiro necessarias ao uso do aparelho.

No estudo desse material a condição, imposta, de baixo preço de custo foi seriamente considerada, o que veio acrescentar mais uma dificuldade á resolução do problema. As baterias ficaram fi-

nalmente a um preço aproximadamente igual ao de 3 salvas de 75 e tem todas as suas peças intermutaveis. Foi excluído todo excesso de acabamento, em partes que não interessava á precisão do mecanismo.

**

Com a criação do Trenador, M 2, não houve preocupação de substituir o material de tiro real na formação do artilheiro de campanha. «Somente na guerra» como diz *Army and Navy Register* de Maio, 13, 1933, «a munição para artilharia de campanha é facultada em quantidade bastante para fazer artilheiros eficientes e isto a custa de enormes despesas».

«Com esse aparelho um oficial pôde não só controlar seus elementos de tiro, praticar todas as ginasticas mentais necessarias á regulação sobre o seu objetivo, mas fazer tambem o «tiro de eficacia»; isto nunca foi possível, si não nos campos de batalha, devido á exiguidade nas dotações de munição». «Ele pôde tambem praticar *tiros de varrer e barragens*, metodos de fogo interditos até agora pelos mesmos motivos».

«Enquanto nada, si não o tiro real, faz realmente um artilheiro, sente-se que o aparelho levará o official áquele exercicio inteiramente preparado para corrigir dados e se conduzir nas regulações com uma confiança que, lamentavelmente, faltou no passado».

«Servirá tambem para manter viva a proficiencia de fogo, durante estes anos magros, em que pouca ou nenhuma munição é facultada».

**

No caso particular do nosso Exercito, no Brasil, o aparecimento do trenador tem redobrada importancia. Si nos Estados Unidos a economia de munições, necessariamente menos intensa do que no Brasil, levou ás pesquisas desse aparelho, o que deveremos fazer, nós que, além da abertura de munições sofremos a formidavel carencia do proprio material, que todos conhecemos?

O Trenador é um aparelho cuja construção está ao alcance da nossa industria mecanica. Dado ainda que os nossos arsenais, por acumulo de serviços mais

A proposito de um canhão miniatura

Pelo Cap. Guaracy S. Freire

Resolvemos, apóz uma das ultimas paléstras instrutivas que frequentemente mantemos no Gabinete da D.M.B., comunicar aos camaradas uma adaptação que realisámos, em 1924, quando arregimentados no 3.º G.I.A.P., então sediado na povoação da Margem do Taquari (Rio G. do Sul).

No decorrer da paléstra a que nos referimos, mostrou-nos o Maj. João Müller Neiva de Lima um artigo publicado em um dos ultimos numeros da revista «Army Ordinance», dos E. E. U. U. da América do Norte.

O artigo em questão se refere a um recurso pratico e economico para o estudo de muitos problemas atinentes ao tiro de artilharia, como sejam: observação, dispersão, regulação, etc..

O recurso consiste na utilização de canhões-miniatura, providos das lunetas regulamentares dos canhões verdadeiros, que lançam projetís até cêrca de 100 metros, empregando, para tanto, pequenas cargas de pólvora.

Como se deve operar sempre em terreno limpo e plano, os projetís, que são de aço e de fórmula esférica, podem ser sempre recuperados.

Não nos propomos descrevê-los, pois, por lembrança do Cap. Perí Bevilacqua, do E.M.E., que frequentemente anima com a sua intelligencia e prepáro tais paléstras, resolveu o Maj. Neiva traduzir e adaptar o citado artigo e pedir a sua inserção nas paginas acolhedoras da «A Defesa Nacional».

Então, detalhes a respeito do canhão-miniatura os camaradas conhecerão através o trabalho desse distinto e competente official.

*
**

Passemos, agóra, ao que nos comprometemos no inicio deste artigo.

Foi por ocasião de um prolongado acampamento na Invernada do Grupo, motivada por uma epidemia que assolava a sua séde, que, numa tarde, divertiamos-nos varios officiais, entre esses o então Capitão Argimiro Dornéles, em alvejarmos, com revólveres e pistólas, porongos colocados por pescadores no meio do rio Jacuí.

Dado a largura dêsse na região em que nos encontravamos, não nos era possível atirar dentro do «ponto em branco» das nossas armas. Éramos forçados, por conseguinte, a darmos grandes angulos de elevação a élas, daí resultando a impossibilidade de utilizarmos as respectivas linhas de mira.

Como estivéssemos atirando deitados á margem do rio, as coronhas das nossas armas, empunhadas com as duas mãos, ficavam apoiadas no sólo, o que permitia, praticamente, apóz um dispáro, que insignificantes fôssem as consequências do recuo no angulo de elevação utilizado.

Camaradas colocados atrás informavam, em relação ao porongo visado, os desvios havidos em direção e alcance, o que era facil, pois a superficie do rio estava tranquila e, portanto, bem visiveis eram os pontos de quêda.

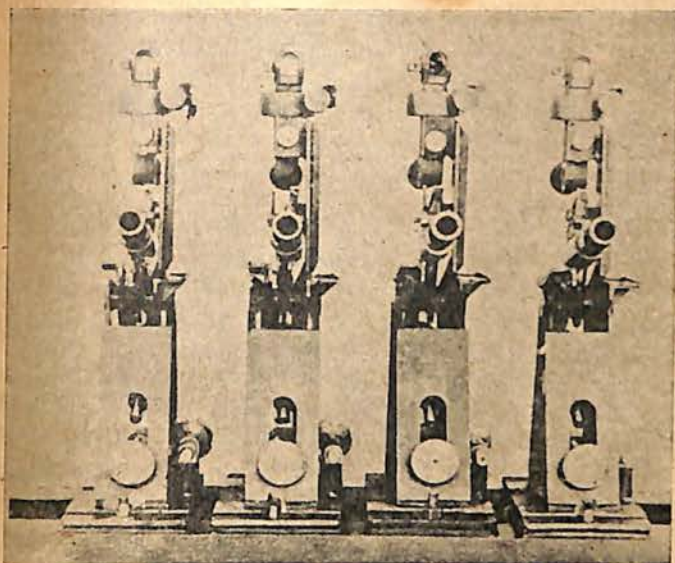
A uma observação — *curto e á esquerda*, p. ex., —, mesmo sem olharmos para o objetivo armavamos os nossos revólveres e fásiamos correções nos sentidos convenientes, necessariamente estimadas, porém que permitiam, como se observava, um *enquadramento* cada vês mais restrito e mesmo um impacto em cheio, o que foi dado obter pelo Cap. Dornéles, eximio atiradôr.

Apóz éssa sessão, tão divertida quanto instrutiva, ocorreu-nos adaptar a uma estativa uma das nossas armas curtas regulamentares e, dest'arte, repetir, já

urgentes, não possam acrescentar aos seus programas mais este artigo, que precisamos em quantidade apreciavel, resta socorrer-mos da nossa industria privada, a que temos o dever e interessé de encorajar. É necessario não esquecer de que se trata de um aparelho rustico e

barato, cujas unicas partes delicadas são peças normais do material regulamentar, adaptadas momentaneamente ao Trena-dor.

De resto, devo acrescentar que é uma idéa antiga no Exercito brasileiro. O Capitão Guarací vai tomar a palavra.



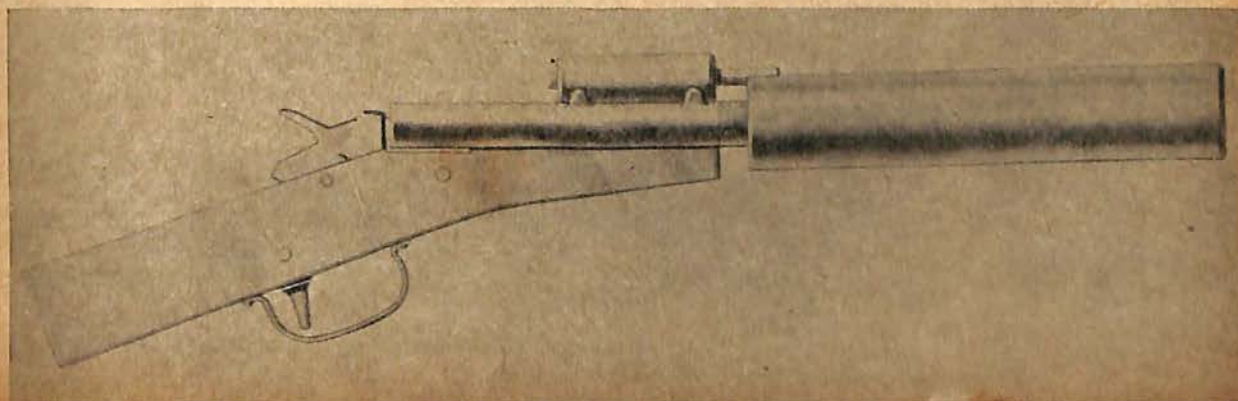
Uma bacia de trenadores montada em base de tiro com 183 m/m (7,2 polegadas) de intervalos.



Uma bacia de trenadores em ação, evidenciando os limites dos ângulos de elevação e direção.



O trenador de Artilharia de Campanha.



então nas margens do rio Taquarí ou nas de um açúde existente perto do Quartel, sessões idênticas, porém visando o ensino, aos Sargentos, dos processos de regulação do tiro por peça, enquanto não viéssemos a possuir um conjunto de 4 estativas (1 Bia!).

A dedicação de um cabo carpinteiro da Unidade e aos auxílios e estímulo do Comando deveu-se a construção do primeiro *canhão*.

Com ele muitas sessões de instrução foram realizadas e, como é de justiça, não se deve culpar a nossa adaptação pela pouca precisão que se observava algumas vezes e mesmo por algumas contradições, coisas que acontecem, também, no tiro com verdadeiros canhões.

A arma utilizada na estativa que construíamos era o «velho» NAGANT de cal. 44.

A munição empregada a principio, por ser muito antiga, dava uma porcentagem de *négas* alarmante, ao par de sensíveis variações na velocidade inicial devido às deflagrações mais ou menos enérgicas das cargas de projeção. A situação melhorou um pouco com a aquisição, no comércio, por conta das Economias do Conselho, de uma munição nova.

Entretanto, isso não podia impedir que, exagerada devido ao avançado descalibramento dos nossos NAGANT, se apresentasse, em toda a sua plenitude, a eterna inimiga dos artilheiros: a dispersão.

A utilização das PARABELLUM da carga da Unidade era contraindicada, primeiro pela usura manifesta, também, dos seus canos e, depois, o seu grande alcance nos interditava a utilização do *canhão* nas margens do açúde, situado muito perto da localidade.

**

Résta-nos, agora, descrever, a largos traços, a estativa construída nas oficinas do Grupo.

Consistia ela numa tósca mesa de madeira, tendo, aproximadamente, 0,40 X 0,60 e a altura comum em móveis dessa natureza. Os seus pés terminavam em pontas revestidas de chapas de ferro, que permitiam, com pequeno esforço, fôsse ela fixada ao sólo de uma maneira suficiente a sua finalidade.

Para aumentar, ainda mais, a sua estabilidade, foram fixados nas respectivas ilhargas, pelo lado de dentro, pedaços de trilhos, daí resultando um peso bem em desacôrdo com o aspecto e as dimensões do nosso *repáro*.

Sobre a mesa e a ela preso por uma forte dobradiça de ferro, existia um bloco de madeira de lei escavado de forma a alojar o revólver, que ficava perfeitamente imobilizado por meio de duas aldrabas, também de ferro, revestidas de borracha.

Girando no sentido permitido pela dobradiça tinha o bloco um movimento vertical, que era comandado por um parafuso existente sob a mesa.

A amplitude dos deslocamentos verticais assinalava-se por um índice solidário ao bloco, que deslisava sobre um arco de círculo graduado em milésimos, construído numa pequena táboa fixada ao lado.

Os deslocamentos horizontais eram obtidos pela ação de um dispositivo construído á semelhança do que se vê a bordo dos pequenos vapores para o comando do lême.

Sobre a mesa, a construção de um outro arco de círculo graduado em milésimos permitia, graças á existencia de um índice fixo ao bloco, que se medissem os deslocamentos angulares horizontais dados ao conjunto bloco-revólver.

Á guisa de dispositivos de recuo e de recuperação e na falta de molas em espiral apropriadas, empregavam-se, aliás com exito, pedaços de camara de ar do FORD do Grupo!

A existencia, no bloco, de apropriados orifícios e escavações, permitia o carregamento do revólver e a ejeção dos estójos deflagrados sem que necessario fôsse a retirada da arma.

Esses mesmos recursos facilitavam a ação do dedo sobre a técla do gatilho, para o dispáro.

As distancias de tiro eram, nas sessões de instrução, da ordem de 100 metros e, quando o caso em estudo comportava, faziâmos uma preparação topografica com relativo rigôr, preparação que consistia no levantamento, numa escala muito grande, dos observatórios, do *canhão* e do objetivo.

Esse, como já dissemos, era sempre um porongo, que praticamente imobili-

savamos na superfície da água por meio de uma pedra a ele ligada por um cordel.

Os pontos de queda dos projetis, quando a superfície estava tranquila, eram visíveis nitidamente a distancias bem superiores a 100 metros e a fugacidade da duração da pequena coluna d'água levantada não era de molde a impedir a medição do desvio em direção, mesmo com o emprego do duplo-decmetro graduado em milímetros. Também os círculos concêntricos formados em consequência do encontro do projétil com a superfície d'água, dada a sua duração, permitiam que se identificassem os pontos de queda após o desaparecimento da coluna levantada.

O emprego de binóculos com retículo, das lunetas de bateria e dos goniômetros-bussolas sempre simplificavam, como é evidente, as observações e a medida dos desvios.

Ocorreu-nos a adaptação ao nosso *canhão* da luneta panorâmica e do nível de pontaria do material de artilharia da Unidade, bem como a organização de uma tabéla que nos desse, para distancias compreendidas entre 50 e 150 metros, com um escalonamento de 10 metros, os angulos de elevação em milésimos. Mas a rusticidade da nossa construção e os modéstos recursos do Grupo nos fiséram cair na realidade...

Também nos ocorreu faser o tiro sobre o sólo e deveu-se á falta de uma area suficientemente extensa e limpa que nos pusésse a salvo das consequências caprichósas dos ricochêtes, a vélha e comoda solução: fica para mais tarde...

Ignoramos o destino dado ao *canhão*, como, também, si após o nosso afastamento da Unidade, foi ele utilizado ou aperfeiçoado.

Presentemente, dado que possuímos regular quantidade de pistólas COLT cal. 45, pensamos ser possível uma melhoria sensível na adaptação que realizamos ha quasi um decenio, não sendo, dest'arte, descabida uma tentativa por parte dos camaradas da Trópa, na hipótese de não ter realisação pratica entre nós o *canhão*-miniatura.

Antes de finalisarmos este artigo, que já vai longe, devemos advertir, mais uma vez, não constituir o *canhão* em apreço, em absoluto, uma invenção, e, sim, pura e simplesmente, uma adaptação que a muitos deve ter ocorrido, sendo até bem possível que nem a primasia da realisação tivéssemos tido.

Sem preocupação de vaidade, que, aliás, seria de todo injustificada, podemos, entretanto, dizer que só agora vimos saber da existencia de algo parecido com o nosso *canhão*, porém com ele sem comparação possível...

Como ponto final, uma nota curiosa: — no dia da *experiencia oficial* do nosso já famoso (dentro da Unidade) *canhão-sinho*, um correspondente de jornal da localidade, no intuito evidente de nos ser agradável, comunicou ao seu representado a *invenção de um canhão* pelo signatario deste artigo.

Soubemos que a noticia merecera alguns centímetros de coluna do jornal e, mesmo, da sua transcrição em um outro periódico do Estado!

Aqueles que, porventura, leram tais noticias ficam, agóra, inteirados da verdadeira grandeza dos fatos e da nossa nenhuma participação neles.

E tudo isso se passou em 1924.

Biblioteca de
"A Defesa Nacional"

"Os pombos correios e a Defesa Nacional"

do Dr. Freitas Lima, é o melhor trabalho existente sobre colombofilia.

Entrega de diplomas na Escola de Estado Maior

Discurso do Cel. Coelho Neto

Senhor Chefe do Governo Provisorio, Senhores Ministros, Senhor Interventor do D. Federal, Senhor Chefe do E. M. do Exercito, Senhores Almirantes e Generais, Exmas. Senhoras, meus Senhores:

Sejam minhas primeiras palavras de respeitosa saudação e de efusivo agradecimento pela honra de vossa presença nesta festiva reunião em que nossa Escola consagra, com justa ufania, a formação de mais um brilhante grupo de oficiais de Estado Maior, apto a colaborar nos complexos misteres do comando militar.

Permiti que não dissimule o meu profundo desvanecimento, proclamando o vosso dignificador interessê e o vivo e reconfortante estímulo que nos traz a solicitude de vosso comparecimento a esta solenidade.

Constitue esse vosso expressivo gesto a prova eloquente de que muito bem comprehendéis a magnitude da missão confiada a esta Escola e de que reconheceis a necessidade indeclinável de uma acção persistente pela salvaguarda de nossos fóros de cultura, seja qual fôr a sua natureza; pois, só assim, amparando e elevando o nosso nivel cultural, poderemos transformar nossas aspirações em realizações fecundas e adquirir essa unidade de consciencia e de caracter que faz grandes os povos, porque é imprescindível á segurança de seus destinos.

A finalidade desta Escola visa essencialmente o ensino da guerra. Mas, é fóra de duvida, que, dentro de sua orbita de actividade, encontra o problema magno da educação nacional, do qual depende o fortalecimento da unidade brasileira, vigorosos fundamentos onde assentar a solidez da sua cultura moral e civica.

E ao Exercito, em particular, levamos destarte os frutos de nosso trabalho pertinaz e proveitoso. É o contributo proficuo de nosso esforço á grande obra patriótica de reconstrução que o empolga presentemente e á qual empenhamos todas as energias de nossa fé e entusiasmo para que seja integral e perfeita.

Meus distinctos camaradas que acabais de terminar o curso de Estado Maior:

A esta casa que, dentro em pouco, ireis deixar, viestes um dia ter no anejo de aprimorar conhecimentos, de aliecerçar cabedaes para o porvir. Na faina de busca-los, destes de vosso labor todo o carinho, toda a grandeza de vosso esforço. Fatigados, embóra, da jornada, mas victoriosos da empreza, ides agora partir. A hora que é, pois, de despedida, vem por si mesma impregnada de saudade, porque si aqui fundamentastes convicções e firmastes conceitos technicos, aqui tambem creastes, pela amizade e camaradagem em que vivestes, um mundo imenso de recordações.

Na nossa nobre profissão mais uma etapa conquistastes. E se ardua foi a tarefa que até hoje tivestes na vida profissional, mais ardua ainda e pesada de atribuições será aquela que, pela investidura que, neste instante, recebeis, vos irá ser confiada daqui por adeante. Múltiplas são as especialidades exigidas num Exercito moderno para bom e seguro andamento do conjunto. Dentre elas, umas serão de execução mais penosa, outras de mais difficil realisação. Nenhuma, porém, se sobrelevará á que vos cabe.

No desempenho de vossa missão de oficiais de Estado Maior, tão altamente dignificadora quão profundamente trabalhosa, tão soberbamente empolgante e seductora quanto eivada de responsabilidades, fugis á singular contemplação de um panorama particularisado para, olhando de mais alto, abrangerdes de um só golpe e em maior amplitude o scenário global. Sereis, nesse mistér, com devotamento e consciencia, os colaboradores do Comando, os elementos indispensaveis para que ele se despreocupe das minucias e, por vossa acção intelligente, haveis de ser para os Chefes, muitas vezes, quicá, os proprios olhos da imaginação.

Para a desincumbencia de tão elevado e nobilitante encargo, se faz preciso um consciencioso esforço productivo, que não esmoreça ao primeiro revez nem,

tão pouco, descure em sua pertinácia ao contacto da primeira victoria.

Complexa em sua actividade é a missão dos Estados Maiores. Sendo de co-
operação constante, de criteriosa conca-
tenação, ela se caracteriza pela ação co-
ordenadora e serena, estudada e precisa,
decisiva e segura e se reflete, inteira,
na operosidade do Comando, que é, as-
sim, a resultante natural dos predicados
pessoaes de cada um dos membros de
seu Estado Maior. A esses, portanto,
impõe-se, irreprimivel, o dever de au-
mentar cada vez mais sua cultura, ex-
tendendo-a a campos diversos do saber
humano, afim de colher ensinamentos
que, em momento oportuno, se farão
preciosos.

«A verdade na guerra — dizia Napo-
leão — é sempre difficil de conhecer a
cada instante e em todos os logares,
mas sempre possivel de ser achada quan-
do não se poupa esforço para isso». Na
pesquisa dessa verdade, buscando-a por
um trabalho tenaz e inteligente, por uma
actuação consciente e sagaz, farão os
Estados Maiores obra edificante e pa-
triotica, a cuja sombra se agasalharão,
nas horas tranquilas e felizes da paz, to-
das as bandeiras das actividades civis
e pacificas da Nação e a cuja responsa-
bilidade se virão prender, confiantes e
desassombradas, nas horas tormentosas
da guerra, todas as forças vivas, todas
as energias, a tradição, a honra, a glo-
ria e o futuro de um povo.

Não sei de profissão que realise maior
valor, nem de encargo que se recubra
de dignidade mais vasta. Tal é a mis-
são que fareis vossa daqui por além,
tais as atribuições que vos hão de tocar.

Soldados do Brasil, creados no cul-
to do amor da Patria e fé na sua gran-
deza, na exaltação do civismo e da abne-
gação, recebeis nova incumbencia que,
certo, vos honra imenso, na alevantada
convição de cumpri-la com lealdade, com
denodo e altivez.

Retornaes, assim, vibrantes de entu-
siasmo, para o seio do Exercito de cu-
jas proficuas actividades vulgares vos
haviéis afastado durante o prazo de vos-
so curso. Sereis dentro dele, pelo vosso
mérito e pelo vosso patriotismo, seiva
de vida promissora, nova energia vita-
lisante.

O Exercito é e ha de ser sempre o
vigôr da Nação. Vivendo no recolhimen-
to de si mesmo e em calada renuncia
numa attitude de obreiro obscuro e te-
naz, de lutador destemeroso da peleja,
de realisador ignorado, que não alardeia
sua obra, mas que, serenamente, do sa-
crificio silencioso de cada hora, a va-
tirando e avolumando, o Exercito é uma
escola continua de patriotismo, de devo-
tamento e de fé.

Ao contrario de ser um órgão cons-
tante de destruição, a sua funcção é emi-
nentemente construtiva e creadora. Ze-
lador inconfundivel dos elevados senti-
mentos da Nacionalidade, guardião im-
pertubavel da sua civilização, da inte-
gridade da terra, da serenidade das ins-
tituições, o Exercito é, todo, uma ofi-
cina de ordem, de trabalho, tenacidade
e bravura, que empenha sua vida á Pa-
tria e por ela pulsa e vibra, entregue
dedicadamente ao culto de sua honra,
de sua grandeza e da sua gloria.

Para que assim seja, porem, para
que o Exercito, efetivamente, na perse-
verança de seu ideal, não fraqueie e não
falhe, para que ele tenha, na verdade,
uma existencia eficiente e nobre, é in-
contestavelmente preciso que toda ela se
agite dentro de uma bem comprehen-
dida comunhão de ideias, de uma ca-
maradagem productora e sã, de uma
cohesão perfeita e inquebrantavel, de
uma solida, sobranceira e inexoravel dis-
ciplina.

Só a disciplina crêa em raizes pro-
fundas, só ela póde organizar com per-
feição, só ela sabe construir para o fu-
turo. Evita a confusão desordenadora e
esteril, afasta a indiferença, impede a
desagregação. É força creadora que eri-
ge para o alto, em animo e pujança, a
torre maravilhosa das victorias. É pa-
lio sob que se abrigam todas as virtu-
des, é esteio sobre que se prendem to-
das as conquistas.

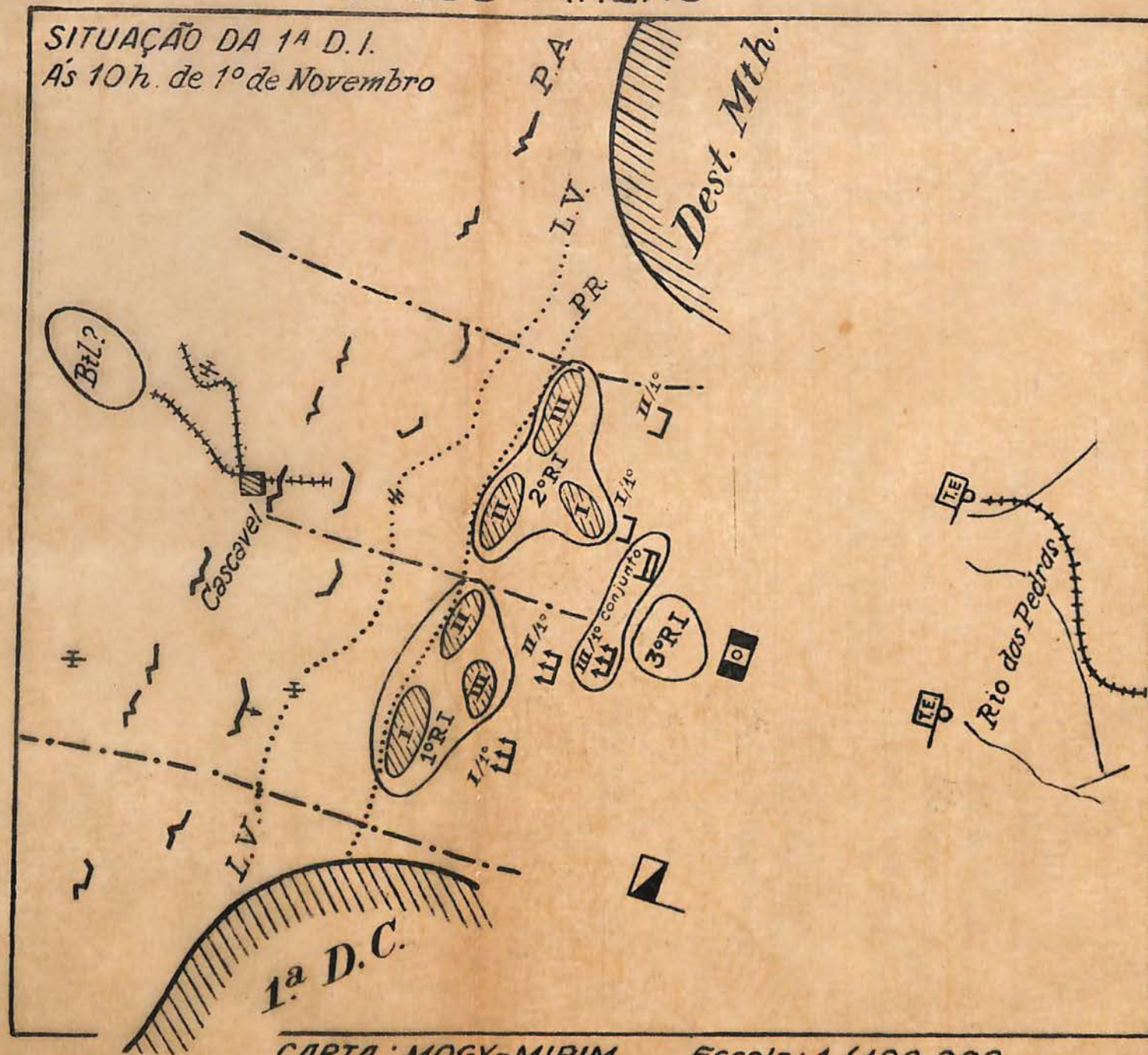
Dentro dela e só por ela, será o
Exercito coheso, forte e impertubado,
alheio ao destino das cousas que se não
ligam á sua propria razão de ser, vol-
tado, inteiro, á crença ardente de seus
ideiaes, atento a cada instante a voz de
seus Chefes.

Confio, firmemente, que haveis de
sempre ser fieis executores desses sen-
timentos que, é bem certo, hão de man-

CALCO ANEXO

SITUAÇÃO DA 1ª D.I.

Às 10h. de 1º de Novembro



CARTA : MOGY-MIRIM

Escala: 1 / 100.000

Secção de Infantaria

Ações em retirada

Notas d'um trabalho dado em aula

Pelo **Cap. Durval M. Coelho**

Prof. Adjunto da E. E. M.

Num movimento retrogrado a infantaria da vanguarda passará alternativamente de um dispositivo a outro, conforme a pressão do inimigo fôr maior ou menor; o dispositivo de fogos originar-se-á do desenvolvimento dos escalões de fogo.

No nosso exercicio interessa a retaguarda postada, por conseguinte, fracionada para fornecer fogos. Ela se compõe do 3.º R.I., 1.º R.C.D. e 1.º R.A.M. com a missão de retardar o inimigo, instalando-se no planalto de Est. MATO SECO entre os côlos situados respectivamente a 3 kms. E.S.E. de J. ALCOBAÇA e a 2 kms. N.E. de Est. MATO SÊCO até ordens ultteriores.

Os seus movimentos devem começar a partir das 18 horas, mas os seus reconhecimentos pôr-se-ão em movimento tão cedo quanto possível. Urge, pois, ao Cmt. I.D. prevenir aos elementos componentes da retaguarda da sua nova missão, dar as primeiras indicações quanto

ter o Exercito no alto nivel que lhe tocará na grandeza dos destinos do Brasil.

Aproveitando o instante em que aqui estamos reunidos, administração, professores e alunos da Escola de Estado Maior, quero, em nome dela, dirigir-me aos distintos e ilustres Officiais da Missão Militar Francêsa que, em breves dias, irão também deixar-nos, regressando ao seu longinquo e glorioso País.

Nas quotidianas lides escolares, acostumamo-nos a vêr nos prezados mestres da M. M. Francêsa, além de mestres, amigos generosos e a deles, cada dia, receber, com a amizade que conforta, o conselho que orienta e o ensinamento que guia. Do concurso inestimavel de sua technica, de sua actuação proveitosa e leal, que sempre se caracterizou no equilibrio do labor e da justiça, é farta a messe de resultados brilhantes que aqui ficam nesta Escola e, atravez dela, no Exercito, como obra indissolúvel e emerita que a posteridade ha de acatar e bemquerer.

á sua instalação, acionar os reconhecimentos.

Impõe-se, então, para ele, um prévio exame da situação para orientar os seus comandados no sentido desejado. Sem nos determos muito nas reflexões do Gen., examinaremos os seguintes pontos que principalmente atrairão a sua atenção:

- posição a ser ocupada;
- repartição das forças;
- ligações a assegurar.

— POSIÇÃO QUE A RETAGUARDA DEVE OCUPAR —

Tendo que retardar o inimigo até novas ordens, a sua missão tanto pode terminar a noite de 1/2 como se estender até o dia seguinte.

Na primeira eventualidade é pouco verosimil que o inimigo ataque em força á noite, mórmente achando-se ao N. do ITUPEVA. Bastaria guardar as estradas ao N. de Est. MATO SECO e as passagens em J. MARTINS. Tal seria

A esses dignos e provectos mestres, a Escola de Estado Maior, pela voz de seu comando, apresenta suas antecipadas despedidas, de envolta com uma admiração profunda e agradecida e com o sincero penhor de seu affecto.

A vós outros também, meus caros camaradas que hoje recebeis o diploma de officiais de Estado Maior, num amplexo fraternal e amigo venho igualmente trazer os adeuses da Escola.

Estamos certos de que, pela vossa partida, ha de nela se abrir um vacuo que só preencheremos com a grande saudade que nos vae ficar, mas, ao mesmo tempo, certos também ficamos de que, em pról do Exercito, tudo envidareis, com o brilho de vossa intelligencia e a robustez de vosso character, para que, na esphera de vossas possibilidades, sejaes também contribuidores resolutos da portentosa obra que ha de fazer o Brasil tão sereno e tranquilo na sua ordem tão seguro e feliz no seu grandioso progresso.

Sêde felizes.

o caso si a sua missão fosse apenas de assegurar o escoamento do grosso, retirando-se por sua vez ainda a noite, quando o grosso tivesse ganho suficiente distancia.

Na segunda eventualidade os seus escalões, os seus fogos devem molestar o inimigo á certa distancia obrigando-o desde longe a se desenvolver e a progredir, através do campo. Si a ordem de recuo permitir, ela se retrairá antes de ser aferrada desmascarando novo escalão de fogo. Assim continuaria fazendo o jogo de escalões, até tomar um dispositivo escalonado, quando ganhasse suficiente distancia do inimigo, si a missão consistisse apenas em se retirar sem a preocupação de retardar.

Neste caso, a posição mais favorável será sobre a crista do planalto de Est. MATO SECO para o primeiro escalão e, para o segundo, na garupa W. de JOÃO TANGERINA nas proximidades do provavel eixo principal de progressão do inimigo.

Si, porém, ela se deixar aferrar, só mesmo procedendo a uma rutura, cuja tecnica trataremos oportunamente.

— **REPARTIÇÃO:** — Dois eixos importantes de progressão do inimigo: o da crista da via-ferrea e o da rodovia J. MARTINS — JOÃO TANGERINA que devem ser cobertos cada um por uma unidade de infantaria, seja um Btl.. Como cada um desses Btls. não pode estender-se lateralmente além de certo limite sob pena de perder a coêsão, poderemos empregar a Cia. Mtr. do R.I. para cobrir o vazio entre os dois.

O Btl. restante organizará um segundo escalão na região da garupa E. de JOÃO TANGERINA.

Em resumo:

— 1 Btl. na região N. de Est. MATO SECO a cavaleiro da via ferrea e da estrada para Est. ASTRAPEIA; frente compreendida entre a cabeceira da ravina 300 ms. S.E. de Est. MATO SECO e a região da bifurcação 1 km. W.S.W. desta Est..

— 1 Btl. a cavaleiro da estrada para J. MARTINS, desde as cabeceiras do pequeno arroio que como na direção de J. MARTINS até a pequena depressão 1.800 ms. W.N.W. do cruzamento 1.500 ms. S. de J. MARTINS.

— 1 Cia. Mtrs. no intervalo entre os Btls. precedentes.

— 1 Btl. na região do movimento de terreno de RIO DAS PEDRAS.

Embora não tratemos aqui das questões de Art. não podemos nos furtar em falar sobre o auxilio dessa arma. Para o seu emprego é preciso levar em consideração que:

— desorganizado o plano de fogos da D.I. na noite de 1/2, retirada a artilharia do grosso, é preciso que a Art. da retaguarda assegure fogos nas passagens do ITUPEVA e mesmo sobre alguns pontos interessantes ao N. desse, si for possível;

— o inimigo seja batido quando progredir do ITUPEVA para o Sul;

— enfim, que sejam reforçados e completados os fogos de infantaria pelas granadas da artilharia no caso de engajamento.

— **LIGAÇÃO COM OS VISINHOS** —

O Grosso do 1.º R.C.D. poderá ser empregado para assegurar as ligações com a 1.ª D.C.; 1 Esq. será destacado para missão analoga com o Dest. Mth.. Estes elementos durante o dia fornecerão frações para sondar a situação na frente caso o contacto não tenha sido retomado.

P.C. I.D. — RIO DAS PEDRAS, para onde vai o Gen. após o reconhecimento, seja, desde 15 horas por exemplo. O Gen. daí pode enviar a sua ordem geral. Nada impõe que ele retorne ao seu P. C. primitivo.

Depois desses reflexos o Gen. poderá redigir a sua ordem preparatoria com as prescrições para o acionamento dos reconhecimentos. Neste ponto de vista bastaria que ele indicasse para a infantaria por exemplo: «Reconhecimentos tendo em vista a instalação de 1 Btl. em... 1 Btl. em... Cia. Mtr.... composição» (abster-se de parcimonia, porque o trabalho é grande).

Os reconhecimentos minuciosos serão efetuados pelos Cmts. de Btls. interessados. Os do Btl. de Est. MATO SECO, por exemplo, poderão compreender, além do Cmt. do Btl., o cap. metralhador, 2 Caps. Fzo., Cap. Ajudante para as questões dos trens e serviços. Cada Cap. será acompanhado do seu séquito para

o balisamento das posições escolhidas. Alguns homens desse séquito ficarão em pontos bem determinados, em que as suas unidades devem abandonar as estradas, afim de guia-las.

*
**

Dada a premencia do tempo, a ordem preparatoria do Cmt. da retaguarda poderia sair entre 12 hs. 30 e 13 horas.

Como todo problema de combate é, antes de tudo, um problema de fogos, os reconhecimentos da retaguarda devem ter, a preocupação precípua dos fogos a realizar.

Em que constituirão, no caso, estes fogos?

Para retardar o adversario é preciso obriga-lo a se desenvolver e a progredir através do campo. Para isso cada escalão deve atuar com fogos longiquos principalmente de artilharia e metralhadoras; a seguir furtar-se ao combate de dia, antes de se deixar aferrar, protegido pela obscuridade, em caso contrario.

Não pode organizar um plano de fogos como na ofensiva normal, estabelecendo diante da frente uma barragem continua, densa e profunda visto que o seu fim principal é realizar fogos longiquos, tanto quanto possivel linhas, mais ou menos densas, isto é, CORTINAS DE FOGOS.

A infantaria com as suas metralhadoras acha-se apta para cumprir semelhante missões.

Os batalhões de metralhadoras, de que se cogita atualmente, acham-se particularmente indicados para entrar na composição dessas cortinas; as unidades que as fornecem devem ser capazes, graças a potencia dos seus fogos, de manter eficazmente uma posição enquanto não forem fortemente atacados.

Dispostas ao longo de uma coberta, de um curso dagua, ou sobre uma crista como no nosso caso, as armas de uma cortina ficarão com fraca profundidade; a barragem será linear mas todos os esforços devem tender para a realisação da sua continuidade.

Em suma, as metralhadoras devem obedecer com certo escalonamento em profundidade mas, no momento asado, todas elas deverão bater uma linha além

da qual o inimigo não possa progredir sem montar um ataque de vulto.

Além desses fogos não devemos nos esquecer que alguns elementos devem ser destacados á noite para bater as estradas ao N. de Est. MATO SECO e a passagem de J. MARTINS.

Não é só quando entra na composição de uma retaguarda que a infantaria combate em retirada.

Nos P.A., pode apresentar-se a mesma obrigação; a pressão do inimigo obriga-la-á, ás vezes, a ceder terreno.

Em todos os movimentos retrogrados os processos da infantaria para deter o inimigo, tendo como meio essencial as metralhadoras, se reduzem em:

- constituir escalões sucessivos;
- realizar fogos continuos.

*
**

Depois dos reconhecimentos o Gen. trata de dar a sua ordem geral.

As principais questões que deveriam figurar nessa ordem, depois dos reconhecimentos, já foram discutidas, notadamente no que diz respeito ao plano de fogos.

Não sendo obrigação da retaguarda resistir sem arredar pé, como no caso de uma defensiva normal, mas devendo furtar-se sem se engajar a fundo, é preciso pensar no momento e no modo dela se furtar ao combate.

—HORA DE RECUO:— É uma questão muito delicada de resolver. A hora de recuo pode ser deixada á apreciação do chefe que se acha em contacto com o inimigo ou pode ser deliberada a priori, pelo comando, quer fixando uma hora, quer a partir do momento em que o inimigo houver atingido uma determinada linha.

A hora do recuo deixada a criterio do chefe de infantaria tem os seus inconvenientes. Ele pode apreciar essa hora levando em consideração tão sómente a sua unidade, sem se importar com as vizinhas. Isso pode acarretar a quédá de todo o sistema. Si determinada pelo comando nas condições acima expostas, apresenta a vantagem de co-ordenar todo o sistema. Para o comando, porém, apresenta-se uma decisão mui-

to delicada a tomar: determinar esse momento em conciliação com o desenrolar geral das operações, das quais nem sempre ele recebe informações oportunas de todos os pontos. No mínimo, o recuo da retaguarda deve ser tal que assegure o tempo necessário ao recuo das diferentes elementos do grosso. A aviação pode prestar neste caso inestimável auxílio.

—EXECUÇÃO DO RECUO:— É difícil, sinão mesmo quasi absolutamente impossível, pedir a uma tropa de infantaria engajada que se retire e, ela mesma, se restabeleça mais á retaguarda.

A cavalaria com os meios de que dispõe pode fazer ação retardadora mas, mesmo assim, esta ação só será eficaz quando os cavaleiros puderem, em tempo oportuno, colocar as suas armas para estabelecer uma cortina de fogos na sua frente.

O infante não tem mobilidade para atuar do mesmo modo. Si atuasse assim, correria sempre o risco de ser abordado pelo adversario. Tem mais potencia devido ás suas metralhadoras, mas estas para se furtarem precisam de um meio de transporte mais rapido que as pernas dos infantes. Os meios automoveis podem ser empregados para completar os progressos do armamento.

As tropas deixadas á retaguarda para deter e retardar o inimigo devem ser dotadas, de caminhões, quando possível.

Metralhadoras e engenhos automoveis, quando o terreno permite, são dois fatores importantes nas ações retrogradadas.

No tema estudado as condições definitivas de recuo vão depender de ordens ulteriores do comando.

Si a tarefa de retardar o inimigo ficar exclusivamente a cargo da nossa retaguarda, o recuo desta poderá ser realiado da seguinte fórmula:

—os elementos de 1.º escalão se retrairão antes de deixar-se aferrar, através das dobras do terreno de JOÃO TANGERINA, abrigados das vistas terrestres, para irem se instalar no planalto de RIO DAS PEDRAS, desmascarando o 2.º escalão que se encontra na propria região da Est. de RIO DAS PEDRAS.

—atitude semelhante terá o Btl. da região da Est. de RIO DAS PEDRAS que irá para a região de Est. ORISSANGA.

e assim por diante procederá a retaguarda até ser acolhida pelo grosso.

Entretanto, o comando poderá achar mais util organizar nova retaguarda com o 2.º R.I. e Gr. de A. de Do. que vão se retirar para a região de Est. ORISSANGA.

Neste caso a nossa retaguarda safará sucessivamente o 1.º e o 2.º escalões e estes irão para os locais previamente designados sob a proteção da nova retaguarda.

Em ambos os casos torna-se necessário proceder aos reconhecimentos indispensaveis.

Iniciando os seus movimentos, ás 18 horas, a nossa retaguarda poderá chegar ás posições balisadas á hora indicada, mesmo os Btls. de Est. MATO SECO e Est. ORISSANGA, que têm percurso maior a fazer.

2.º) — RETRAIMENTO DO GROSSO

Como vemos no tema, o movimento do grosso se fará em duas colunas.

—coluna W. — 1.º Gr. 105 C. e 1.º R.I., por J. MARTINS — JOÃO TANGERINA, para a região de ITAQUI — Faz. ITAQUI;

—coluna E. — 1.º R.A.Do. e 2.º R.I. por Est. ASTRAPEIA — Est. MATO SECO — RIO DAS PEDRAS para a região de Est. ORISSANGA.

O dispositivo de marcha, organização da coluna, condições de partidas, itinerarios, são fixados de modo comparavel ao que se processa numa marcha para a frente.

Os diferentes elementos dessas colunas se sucedem em ordem inversa — a infantaria depois da artilharia, na infantaria a tropa depois dos trens. Por fim devemos levar em consideração que se trata de uma marcha á noite, cujas dificuldades são bastantes conhecidas.

Nessa sessão ficou evidenciada a preocupação que o comando deve ter para facilitar os movimentos da infantaria notadamente mediante cuidadosa prepa-

ração, e as complexidades acarretadas pelo grande numero de viaturas.

Estas dificuldades, esta preocupação, estas complexidades, são ainda maiores no caso de um movimento retrogrado.

Tiradas as conclusões dos fatores do raciocínio já feito, nas discussões anteriores, e tratando-se exclusivamente da execução do movimento prescrito, a nossa atenção vai ser ocupada sucessivamente pelos seguintes estudos:

- a) — da situação de partida,
- b) — da situação da chegada,
- c) — dos percursos,
- d) — das condições de execução,

seja, depois da leitura da ordem preparatoria, — deslocamento do grosso da região do planalto de Est. ASTRAPEIA respectivamente para as regiões de ITAQUÍ — Faz. ITAQUI e Est. ORISSANGA pelos dois itinerarios existentes, a partir das 20 horas.

Trataremos sómente do 1.º R.I.. O movimento do 2.º R.I. muito se assemelhará ao do 1.º.

—SITUAÇÃO DE PARTIDA

As Cias. de Mtrs. dos Btls. e do R.I., as Secs. de Mrt. dos Btls. e as Secs. da Bia. I., devem achar-se dispersas no terreno para satisfazer ao plano de fogos, precisando algum tempo para se reunirem e se pôrem em marcha. A ordem de marcha naturalmente indicada será:

- T.C.; Cia. Mtrs. de R.I., III Btl. (por se achar a cavaleiro da estrada), I Btl. e II Btl.

—SITUAÇÃO DE CHEGADA

A região de estacionamento indicada é ITAQUÍ — Faz. ITAQUI. *Provavelmente* (ainda estamos na ordem preparatoria) o Gr. 105 irá para a Faz. ITAQUÍ.

Na região de ITAQUÍ o estacionamento deve ser o mais possível abrigado das vistas terrestres e aereas por isso que, após uma marcha iniciada a partir das 20 horas de 1.º de Novembro, é quasi certo que o R.I. permaneça aí durante o dia 2.º.

O estacionamento poderá ser o seguinte:

- T.C., Bia. I. e Cia. Mtrs. R.I., sobre o caminho que na região ITAQUÍ liga as estradas para Faz. MOMBAÇA e para TRES BARRAS.
- III Btl. nas cabeceiras de ravina ao N. do U da palavra ITAQUÍ.
- I Btl. região da bifurcação 300 ms. N. de Faz. ITAQUÍ.
- II Btl. região da bifurcação 1 Km. N. de Faz. ITAQUÍ.

Os T.C. precedem a tropa, mas em condições tais que a infantaria ao chegar ao estacionamento encontre pelo menos ao seu alcance as viaturas mais indispensaveis. Nessa ordem de ideias as cozinhas rolantes, viaturas dagua, viaturas de bagagens, viaturas de viveres devem preceder ás unidades a que pertencam.

—PERCURSO

É pela rodovia J. MARTINS — JOÃO TANGERINA — ITAQUÍ, apresentando um desenvolvimento de 17 Kms. entre a região de partida e a de chegada (5 Kms. até o P.I. em J. MARTINS e 12 Kms. daí a ITAQUÍ). Tratando-se da principal estrada da região, o percurso parece inconfundível, maximé levando em conta que as demais estradas cortam-na ou atingem-na perpendicularmente.

A tropa iniciando a marcha por volta das 20 horas poderá chegar aos estacionamentos indicados por volta das 2 horas do dia 2.

—CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO

A marcha e o estacionamento terão que ser executados na obscuridade. Esta circunstancia importa, como vimos, que se proceda a uma minuciosa preparação, para facilitar a marcha e a instalação no estacionamento.

Recapitulemos as conclusões obtidas:

1.º) — Ordem de marcha:

- T.C., Bia. I., Cia. Mtrs. R.I., III, I, II Btls., cada Btl. com o T.C. reduzido.

2.º) — estacionamento:

- T.C., Bia. I., Cia. Mtrs. R.I., na região do caminho que na região de ITAQUÍ liga as estradas para Faz. MOMBAÇA e para TRES BARRAS;

- III Btl. nas cabeceiras do afluente S. do Córrego ITAQUÍ (N. do U da palavra ITAQUÍ);
 - I Btl. bifurcação (região) 300 ms. N. Faz ITAQUÍ;
 - II Btl. arredores do cruzamento 1 Km. N. de Faz. ITAQUÍ;
- 3.º) — Percurso facil de 17 kms., 5 kms. até o P.I. para os elementos mais afastados, 12 kms. até o estacionamento.
- 4.º) — Marcha e instalação á noite exigindo cuidadosa preparação.

Para esta preparação, que de acôrdo com a ordem preparatoria do comando sô poderá ter inicio a partir das 14 horas, o coronel dispõe de 4 horas.

O Coronel do 1.º R.I., depois das reflexões acima, decide logo:

- acionar os elementos necessarios á preparação da marcha e do estacionamento;
- prevenir os comandos imediatamente subordinados sobre as operações em curso.

—PREPARAÇÃO DA MARCHA:

A tropa acha-se repartida nas posições ocupadas e estas devem ser abandonadas á noite, progressivamente da retaguarda para a frente, primeiramente a Bia. I., Cia. Mtrs. do R.I., depois o Btl. reserva e os Btls. em 1.º escalão, estes por sua vez começando os seus movimentos pelas suas reservas, até a tomada do dispositivo de marcha a partir do P.I. determinado em J. MARTINS. Os T-C., por sua vez, precederão as unidades correspondentes.

Uma vez na estrada, o R.I. terá que transpor a posição mantida pela retaguarda da D.I., onde devem ser tomadas precauções especiais, para evitar confusões, como sejam: a tendencia dos homens da coluna dela se desviarem, para ficar na posição da retaguarda julgando que os movimentos terminam aí; e dos homens da retaguarda acompanharem os movimentos, julgando que os seus movimentos devem continuar; a possibilidade da retaguarda tomar os ultimos elementos retirantes como forças inimigas e hostiliza-los.

A preparação deve ter em vista os movimentos dos divresos escalões para

pontos de reuniões e, após, o deslocamento desses pontos para atingir a estrada. Como tais movimentos tem que se efetuar através do campo, é mistér que os diversos itinerarios sejam convenientemente reconhecidos e muito bem balisados. Este trabalho será dirigido por um oficial de cada Btl.. Um outro oficial, o proprio ajudante do R.I., ou substituto qualificado, poderá ser encarregado de trabalho analogo, relativamente aos T.C., Bia. I., e Cia. Mtrs. R.I. É claro, todos esses oficiais serão auxiliados por alguns homens.

Quanto á travessia da nova posição da retaguarda, um oficial será encarregado de entrar em ligação com o Cmt. desta para se inteirar dos elementos postados nas margens da estrada, o local dos elementos destacados da nova posição na direção de marcha. Ele deve conhecer bem a ordem de marcha do R.I., o momento da passagem dos elementos pela retaguarda para, permanecendo nas imediações da estrada e á altura da nova posição ocupada, informar o comando da retaguarda a terminação dos movimentos. Para o restante do percurso, até a região de estacionamento, será empregado um destacamento precursor para o reconhecimento e balisamento do itinerario e o afastamento dos obstaculos, acaso nele existentes. Será constituido dos esclarecedores montados e dos sapadores do R.I.

O destacamento referido, que deve se encontrar nas proximidades do P.C., partirá o mais cedo possivel, isto é, imediatamente após a terminação de seus preparativos particulares e o recebimento da ração para o resto da jornada, afim de aproveitar as ultimas horas do dia para a execução de sua tarefa.

Dele se beneficiará o comandante do 1.º Gr. 105 C.

Os estacionadores devem tambem partir cedo, de modo tal que cheguem ainda de dia na nova região de estacionamento para poderem proceder á sua repartição e aos preparativos de instalação.

Passando ás 15 horas no P.I. em J. MARTINS, tratando-se de elementos ligeiros, poderão chegar á região de destino antes das 18 horas.

Depois desse estudo, que deve ter consumido pouco tempo a um espirito afei-

to a essa ordem de cogitações, o Coronel trata de prevenir os seus comandos por meio de uma ordem preparatoria e, depois de acionar os reconhecimentos por uma ordem particular.

A ORDEM PREPARATORIA deve, em essência, tratar dos seguintes assuntos:

- a) — definição do movimento, de modo muito geral;
- b) — indicações sobre o retraimento do R.I.:
 - ordem de marcha;
 - itinerário;
 - P.I.;
 - destino;
 - hora aproximada do início do movimento;
 - estacionadores;
- c) — informações sobre a retaguarda.

A ORDEM PARTICULAR para os reconhecimentos deve, por sua vez, tratar:

- a) — dos reconhecimentos e balisamentos a serem realizados para a reunião e a condução de tropa até a estrada;
- b) — da ligação com a retaguarda;
- c) — do destacamento precursor.

Estas ordens poderão sair entre 12 horas e 20' e 13 horas.

— ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES:

A Ordem Geral de Operações da Divisão, deve ter chegado às mãos do Coronel entre 17,15 e 17 h., 30.

Do estudo da ordem preparatoria o Cel. já pode tirar conclusões sobre quasi todos os dados do movimento retrogrado a executar.

Em complemento às conclusões assentadas o Cel. pode extrair da ordem geral:

- a fixação da hora de passagem das suas unidades pelo P.I.: T.C., Bia. I. e Cia. Mtrs. do R.I., às 20 h. 30, III Btl. às 12 hs., I Btl. às 21 h. 30, II Btl. às 22 horas;
- a constituição do escalão de contacto cuja missão terminará á 0 (zero) hora do dia 2 (dois);
- recomendações relativas á manutenção do sigilo.

A Ordem Geral do Cel. deve precisar as condições de execução do deslocamento, em cuja preparação (parte es-

sencial numa marcha noturna) ele dispendeu toda a tarde, e a missão do escalão de contacto.

Penetremos nos pormenores.

— *Calculo do escoamento* (1)

Veremos, primeiramente, o escoamento no P.I. e depois no ponto em que a estrada corta a posição onde se acha instalada a retaguarda.

Elementos	Profundidade	Duração do escoamento
T. C.	900	18 minutos
Bia. I.	220	4 " e 30"
Cia. Mtrs. R. I.	170	3 " e 30"
III Btl.	1.100	22 minutos
I Btl.	1.100	22 minutos
II Btl.	1.100	22 minutos

Nesse quadro levamos em consideração que algumas viaturas dos T.C. dos Btls. seguem com o T.C. do R.I. as quais não são discriminadas para evitar delongas.

A passagem no P.I. poderá ser assegurada:

Elementos	Testa	Cauda
T. C.	20 h, 30'	20 h, 48'
Intervalo		2'
Bia.	20 h, 50'	20 h, 54'
Intervalo		1'
Cia. Mtrs.	20 h, 55'	20 h, 58'
Intervalo		2'
III Btl.	21 hs.	21 h, 22'
Intervalo		3'
I Btl.	21 h, 25'	21 h, 41'
Intervalo		3'
II Btl.	21 h, 50'	22 h, 12'

Esses intervalos são destinados a atender possíveis flutuações.

A distancia do P.I. até a crista do planalto de Est. MATO SECO é da ordem de 1,5 kms. que podem ser percorridos em 30'.

Inferese daí que o T.C. começaria a penetrar na posição da retaguarda cerca das 21 hs. e que a cauda do II Btl. deixaria essa posição pouco antes das 23 horas.

Cada elemento designado no quadro teria os seus movimentos independentes, dentro do horário preestabelecido. Não é possível, á noite, o Cmdo. de grandes colunas.

(1) Foi feito á razão de 3 kms. por hora.

Interseção - Avante

Pelo Cap. Amangá C. Menezes

O método normal para a determinação de objetivos vistos de observatórios terrestres é a interseção. Deste modo é necessário que na busca de observatórios seja levado em consideração as condições de emprego deste processo, ou determiná-los em numero suficiente para que, dentro da zona de vigilância, tres destes sempre ofereçam condições favoráveis.

Isto, terá emprego corrente entre nós em qualquer que seja a situação, isto é, com ou sem carta precisa da região ou ausencia absoluta desta, porque em 6 horas de trabalho nas condições desfavoráveis póde o Orientador fornecer a posição relativa das peças, observatórios e objetivos, elementos estes obtidos por meio de interseções com precisão suficiente.

O fim do presente trabalho é expôr a solução do problema em questão pelo método chamado do ponto aproximado.

O método compreende 4 fases distintas:

- 1) — Execução da interseção numa escala de 1/50.000, 1/20.000, 1/10.000 e pelos processos conhecidos determinar graficamente as coordenadas do ponto visado.
- 2) — Determinando assim o ponto aproximado, procura-se o ponto de encontro das visadas com os eixos coordenados que passam por esse ponto pelas formulas seguintes:

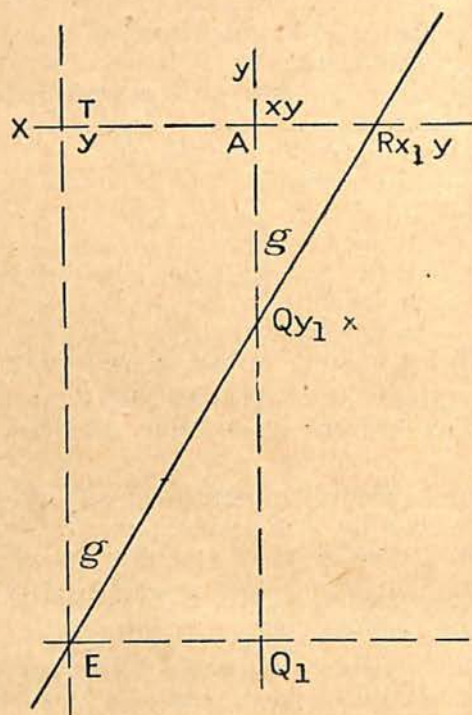
Seja E o ponto de Estação de coordenadas X e Y conhecido

A o ponto aproximado de coordenadas x e y conhecido

ET paralela a Ay

Seja R o encontro da visada E R com o eixo x x_1 de A x_1 y que se quer determinar, temos

$$x_1 = X + TR$$



mas no triangulo ETR;

$$TR = ET \operatorname{tg} g$$

porém

$$ET = (y - Y) = y$$

logo

$$ET = Ay \operatorname{tg} g$$

O II Btl. fornecerá um destacamento de policia.

— LUGAR DOS COMANDANTES DE UNIDADES.

O procedimento do Comando durante o abandono de uma posição, mesmo quando esse se processa sem atropelo, como deve acontecer no caso presente, tem certa analogia com os de um Cmt. de navio sinistrado.

Cada chefe deve se esforçar em não preceder a sua tropa para que esta não suponha que se trate duma fuga. Si não fôr possível a cada chefe se retirar com os ultimos elementos, ele só deve aban-

donar o seu P.C. pelo menos depois da saída de parte desses elementos.

Nessas condições o Cmt. do 1.º R.I. deve partir depois do III Btl.; o Cmt. deste Btl., depois da Cia. Testa, etc..

Os chefes devem velar com carinho pela evacuação do material e documentos diversos. Caso todo o material não possa ser evacuado, deve ser escondido, particularmente as munições, ou destruído mas sem provocar explosões para não alertar o inimigo.

As unidades serão prevenidas sucessivamente, para evitar indiscrições, pouco antes de deixarem as posições.

(Continúa)

donde

$$x_1 = X + Ay \operatorname{tg} g \quad (1)$$

Seja o encontro da visada EQ com o eixo yy_1 de A de coordenadas xy_1 que se quer determinar temos:

$$y + Y + QQ^1$$

mas no triangulo EQQ^1 ;

$$QQ^1 = EQ^1 \operatorname{cotg} g$$

porém

$$EQ^1 = (x - X) = x$$

logo

$$EQ^1 = x \operatorname{cotg} g$$

donde

$$y_1 = Y \pm x \operatorname{cotg} g \quad (2)$$

O emprego das formulas (1) e (2) e dos sinais é especificado no quadro abaixo.

4.º quadrante

$$\begin{aligned} g < 5500 \quad y_1 &= Y + \Delta x \operatorname{cotg} g \\ g > 5600 \quad x_1 &= X - \Delta y \operatorname{tg} g \end{aligned}$$

3.º quadrante

$$\begin{aligned} g < 4000 \quad x_1 &= X - \Delta y \operatorname{tg} g \\ g > 4000 \quad y_1 &= Y - \Delta x \operatorname{cotg} g \end{aligned}$$

Determinado assim para as diferentes estações os x_1 e y_1 passa-se á 3.ª fase.

3) — Para isso constroe-se um grafico na escala de 1/100 e fazendo A centro dos eixos coordenadas divide-se os eixos x e y em unidades de metro.

Marca-se os x_1 e y_1 e por estes pontos constroe-se a visada do ponto respectivo de acôrdo com o seu lançamento.

4) — Obtidas assim as visadas passa-se á 4.ª fase ou seja a compensação.

É suficiente então que se proceda a um deslocamento das visadas proporcionalmente ás distancias e obtenção do ponto definitivo.

Vejamos, para maior elucidação do caso, um exemplo pratico: — Sejam tres observatorios

$$A \begin{cases} 97.400 \\ 96.670 \end{cases} \quad B \begin{cases} 98.100 \\ 98.000 \end{cases} \quad C \begin{cases} 96.300 \\ 99.560 \end{cases}$$

Cujas visadas respectivas para um ponto desconhecido A foram respectivamente: 5209, 4657 e 3707.

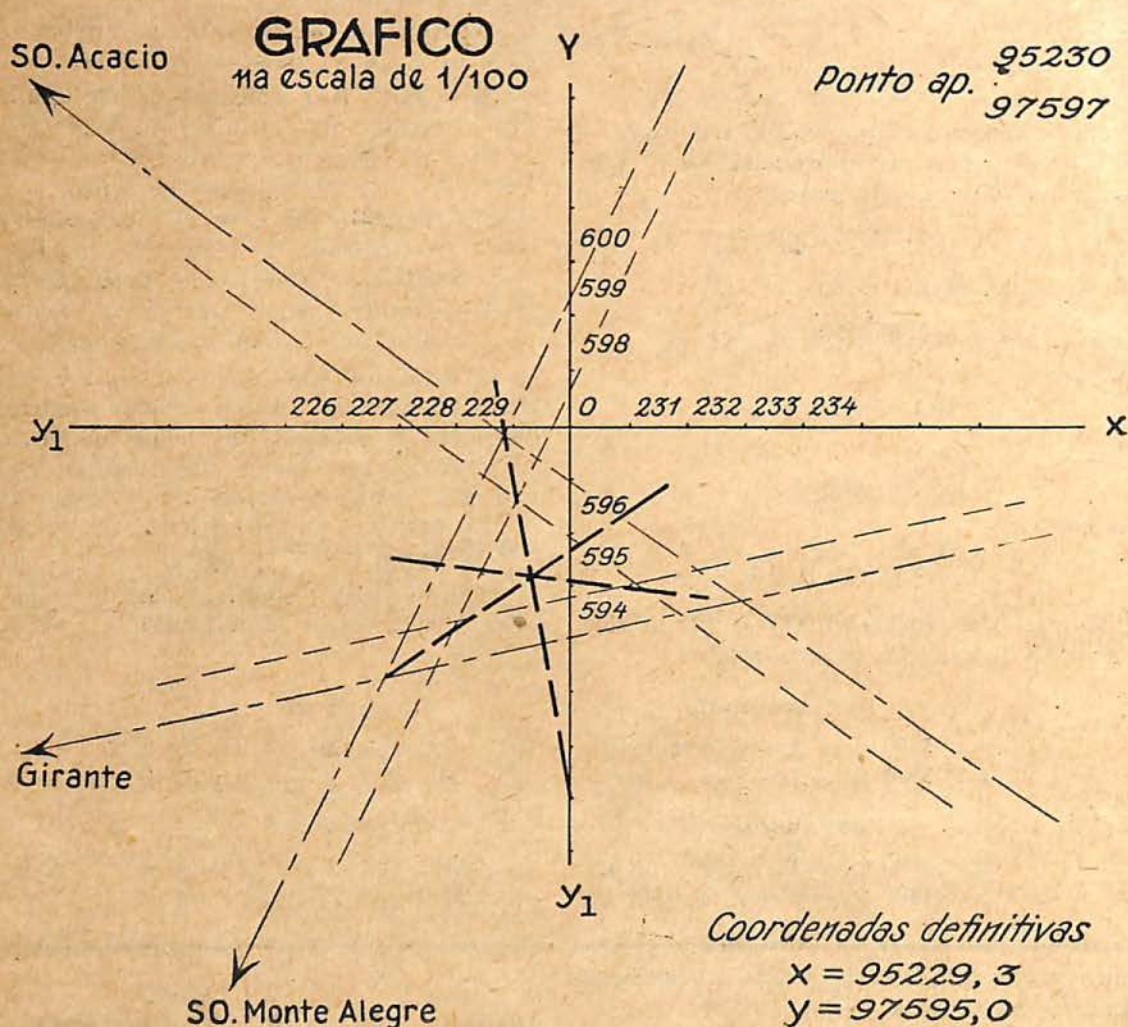
1.º quadrante

$$\begin{aligned} g < 800 \quad x_1 &= X + \Delta y \operatorname{tg} g \\ g > 800 \quad y_1 &= Y + \Delta x \operatorname{cotg} g \end{aligned}$$

2.º quadrante

$$\begin{aligned} g < 2400 \quad y_1 &= Y - \Delta x \operatorname{cotg} g \\ g > 2400 \quad y_1 &= X + \Delta y \operatorname{tg} g \end{aligned}$$

Ponto interseptado. Chaminé da Fabrica de cartuchos do Rea- lengo (a mais alta)		Ponto aproximado		(a) (b)		(a) (b)		Sinais (1) Sinal mais + (2) „ menos -	
		95.230 97.597							
Pontos de estação X Y	Gisements g.	(a) Y y y	(b) x x x	(a) lg y + lgtgg	(b) lg x + lgcotyg	(a) X ± ytgg	(b) Y ± xcotgg	D Compri- mento da vi- sada	
S O de Acacio	5209	(b)		(b)		(b) (1)			
97.400	1191	97400		3 33646		96670			
96.670	(66° 59')	95230		1.62820		926.2		2.400	
		-2170		2.96466		97596.2			
Morro do Girante	4657	(b)		(b)		(b) (2)			
98100	1457	98100		3 45788		98000			
98000	(81° 57')	95230		1.15054		405.9		2.940	
		-2870		2.60842		97594.1			
So de Mte. Alegre	3707	(a)		(a)		(a) (2)			
96300	507	99560		3 29513		96300			
99560	(28° 30')	97597		1.73476		1071.2		2.300	
		-1963		3.02989		95228.8			



Do exposto acima vemos que o processo é bastante simples, rápido e de precisão bastante para o emprego nas operações da Artilharia de Campanha.

Dentro destas condições seu emprego deve preferir ao do cálculo da interseção a ré pela solução do Patanô analítico, salvo quando o orientador dispõe de tempo suficiente para tal (ou como melhora dos dados obtidos anterior-

mente) ou quando a natureza da operação exija esta precisão.

a) o erro de orientação do aparelho utilizado, b) o erro gráfico na escala 1/100 e c) o do emprego do transferidor. O erro de cálculo é considerado nulo.

Nota.—Este processo vem exposto no Manual de Topografia, Título VIII na pag. 152, ed. 1925.

ASPETOS GEOGRAFICOS SUL AMERICANOS

Pelo Major **Mario Travassos**

Prefacio de **Pandiá Calogeras**

A VENDA NESTA REDAÇÃO

Preço: 5\$000

Assinantes: 4\$000

Socios: 3\$000

Lei de movimento dos quadros

A «Defesa Nacional» que sempre pregou a necessidade duma lei que regulasse as classificações e transferencias, sente-se perfeitamente á vontade para rejubilar-se com a primeira lei decretada na administração do novo Ministro da Guerra, a qual, assim, correspondendo ás expectativas do Exercito, parece querer afirmar tacita e decisivamente sua orientação, *rumo novo*.

Em o nosso n.º 55, correspondente a Abril de 1918, argumentavamos:

«Uma unidade do Exercito, quaisquer que sejam a sua latitude e longitude, não existe sem motivos; todas devem estar por igual prontas para cumprir a sua missão constitucional...

É preciso vencer urgentemente as dificuldades da distribuição dos oficiais».

Dá para cá insistimos sempre pela flagrante necessidade, que se tornava cada vez mais imperiosa, e uma unica providencia surgiu, precedentemente á actual lei, foi a Portaria de 17-1-921 (Bol. do Ex. n.º 359), cujas normas gerais estabelecendo um justo criterio, classificava as guarnições em 3 categorias e dava prioridade áqueles que estivessem servindo por maior tempo nas categorias inferiores, para cujo calculo estabelecia coeficientes, sendo fixado o dia 10 do inicio de cada trimestre para limitação das indicações.

«No segundo trimestre, poucos foram aqueles que apresentavam *por via official* as pretensões, mas, seguidamente, e por vezes, de modo pouco regular, encaminhavam-se os interessados a este ministerio»; são os termos por que a propria autoridade em seu Aviso de 28-VI-921 (Bol. Ex. 392) confessa a falencia da lei. É que nela se continha o germen destruidor que não a deixou sobreviver, tal era o disposto no paragrafo 1.º do art. 7.º que assim dispunha:

«O governo, entretanto, por conveniencia do serviço, poderá deixar de atender a qualquer transferencia ou mesmo efetua-la para onde julgar necessario».

Dá encaminharem-se os interessados ao ministerio, nos termos do Aviso citado, e continuar tudo como dantes, dispensando-se as autoridades de fazerem as indicações a que se referiam os artigos 1.º e 5.º.

A actual lei não contem nenhum dispositivo destruidor, ella é construtiva por excelencia.

Examinemo-la em sua contestura e nas normas que estabelece, as quais se intro-sam num verdadeiro enredo de um criterio bem definido de exigencias assaz suaves.

A base sobre que repousa a nova lei, é a da obrigatoriedade da passagem de todos os officiaes pelas regiões fronteiriças. Fa-lo, porem, por tal modo equitativo e suave, que chega a conciliar os antagonicos interesses individuais e do serviço, estabelecendo os *minimos de tempo* capazes de lhe darem uma praticagem util no exercicio de suas funções e sem outros onus, vae pedir tal tempo de arregimentação como exigencia para a promoção, não para cada posto, porém em situações hierarquicas distintas, como sejam: subalterno, capitão e official superior.

A formula: tempo minimo de serviço arregimentado, com o acrescimo dum determinado periodo na zona fronteiriça — traz a perfeita conciliação dos interesses coletivos com os individuais.

*
**

Afim de satisfazer tal conciliação foram os Estados grupados em quatro zonas (art. 2.º), segundo as necessidades de ordem militar, e para ellas previstas um limite de *quadros minimos*, quando por circunstancias imperiosas, não seja possivel obter os quadros normais. Assim, nos corpos da 1.ª zona, subsistirão 2/3 e nas demais metade (art. 3.º); e como tal computado em cada grupo de postos: subalternos, capitães e officiaes superiores. Só se passando a completar cada quadro da 2.ª zona, quando completo o correspondente da 1.ª, e egualmente para a 3.ª com os correspondentes da 2.ª.

*
**

O «*pivot*» desta engrenagem assenta no art. 4.º, onde se determina que todos sirvam obrigatoriamente na 1.ª zona:

- *os de cavalaria* — nos tres periodos (como subalerno, capitão e official superior);
- *os das outras armas e serviços* — em dois periodos (como subalerno ou Capitão e como official superior);
- *aqueles, (Cav.)* tirarão dois destes periodos no R. G. Sul, sendo um como Cap., e outro no Paraná, Sta. Catarina ou Mato-Grosso; e estes (os demais) terão um periodo pelo menos no Rio Grande. Os officiais do quadro de E.M. farão um destes periodos em função de estado-maior.

Na 2.ª zona todos deverão servir em dois periodos, dos quais um como subalerno ou Capitão.

*
**

O art. 5.º vai estabelecer o modo como processar as designações e transferencias, o qual consta de dois metodos que conjugados evidenciam o carater impessoal do criterio e conciliam os interesses em luta, pois que consulta:

- a) — á preferencia do official,
- b) — á necessidade do serviço;

atendendo-se em *a* aos que não tenham ainda servido na zona compulsoria pela ordem de antiguidade de posto e em *b* aos que maior permanencia tenham nas guarnições de 1.ª categoria; passando-se após aos da 2.ª e 3.ª respectivamente.

Excepções foram abertas por indispensaveis as funções *tecnicas* e dos *especialistas*, bem como para com a situação peculiar á aviação e aos serviços.

Certas compensações foram estabelecidas (art. 6.º e 7.º), como férias dobradas, contagem de tempo majoradas para efeito de reforma e direito a transferencia para guarnição de melhor categoria. E para assegurar o funcionamento deste mecanismo, o movimento de officiais vae-se dar em *épocas fixas* (art. 9.º) determinadas pelo Ministro da Guerra, de modo a chegarem aos corpos um

mês antes do inicio do periodo de instrução que mais interessa a sua actividade.

No nosso n.º 55, já disiamos:

«Convem estabelecer *épocas especiais para as transferencias e para as promoções*.

As transferencias em época certa já estão delineadas no Aviso de 13-I-917, que procurou salvaguardar os interesses da instrução, mas que naufragou porque foi medida isolada como tal sem exequibilidade. Quando não militassem a favor dessas medidas as mais interessantes questões de instrução e organização, justo seria institui-las para evitar que o ministerio da guerra vivesse constantemente occupado com essas questões que são, de fato, relativamente subalternas».

A fixação das épocas vem ainda facilitar as autoridades a previsão das verbas de transporte e ajuda de custo e sua equitativa distribuição, pois não raro, repetiu-se o fato de officiais transferidos para regiões mais proximas irem ali encontrar verba, que já não existia em guarnições mais afastadas, deixando os que para lá seguiam em situação bastante aflitiva.

Outra medida a esta correlata vem igualmente contribuir para que cedo não se exgote a verba prevista, tal a que se contem no art. 14, n.º 3, que determina: «só efetuar transferencias por necessidade de serviço quando não houver pedidos». Introsa-se mais uma vez o interesse individual com o coletivo.

O titulo VI, estabelece regras razoaveis para o exercicio de funções extranhas á tropa (arts. 15 e 16) e fôra do Exército (art. 17).

Já em o nosso n.º 152 pediamos uma lei que:

«previsse a reforma de officiais julgados inaptos por um Conselho Superior de Justiça (inaptidão moral, profissional, ou fisica)».

O atual art.º 18 creou essa novidade mandando submeter a julgamento aqueles que se revelarem incompetentes, dando-lhes por penalidade unica a reforma.

O Problema de Instrução na Cia. de Infantaria

Notas fornecidas aos alunos da E. M. P.

Pelo Cap. J. B. de Mattos

A Instrução no 2.º Período

Programa (1)

A instrução no 2.º período tem a duração de 2 meses, e compreende tres agrupamentos:

- Instrução da tropa — a cargo dos Cmts. de Cias.
- Instrução dos quadros — continuação do programa a cargo do R.I. e do Btl.
- Instrução dos especialistas e dos serviços — a cargo do R.I. e do Btl.

A instrução da tropa — a única de que tratamos — comporta o aperfeiçoamento da instrução tática do Pelotão e a totalidade da instrução tática da Companhia.

(1) Esta explicação precede o Programa do 2.º Período que saiu no n.º 234.

O maior numero possível de exercícios de Pelotões e Cias. devem ser feitos com o concurso de secções de metralhadoras.

Além da instrução tática do Pel. e da Cia., o período compreenderá sessões de revisão das partes da instrução teórica que não tenham sido bem tratadas no 1.º período e outras que sejam uteis repetir.

Resumindo a título de indicação, apresentaremos o quadro anexo: (1)

Baseado no dito quadro e obedecendo ás mesmas indicações constantes das notas anteriores serão organizados os quadros mensais, semanais e diários.

É oportuno chamar a atenção para a dificuldade que encontrará o Capitão para dispor do efetivo do R.E.C.I., não só em homens, como em material e viaturas, dificuldade só sanável com a adoção, pelo Cmt. do Btl., em seu programa, do trabalho em conjunto das Cias. do Btl., de modo que cada Capitão possa dispor dum efetivo real duas vezes por semana.

É uma nova modalidade criminal, que não se contém em nenhum dos casos previstos na «*Inobservancia do dever militar marítimo*», Capitulo III, do anacronico Código Penal da Armada, que embora ampliado, nunca foi adaptado ao Exercito. A inaptidão revelada para o exercicio normal de comando, achava-se até agora unicamente prevista no Regulamento disciplinar, não podendo, pois, ser o inapto afastado das funções que mal exercia.

A exclusividade da pena, como o modo de julgamento, talvez não estejam conforme as normas jurídicas, o que só o futuro nos dirá. Uma garantia, no entanto, acha-se ali assegurada, e das melhores, é a de afastar o acusado do meio que lhe pode ser hostil, dando-lhe uma atmosfera de maior confiança pela

completa isenção de animo que a insuspeição lhe pode assegurar.

*
**

As disposições transitorias vem finalmente assentar o espirito de tolerancia com que foi organizada a lei, pois, numa benignidade extrema, considera os officiaes como havendo satisfeito as condições relativas aos postos inferiores ao seu e, as do actual, si atingido o terço mais antigo do quadro e, ainda, si apenas atingido a metade, não lhe exigirá o cumprimento total do tempo de serviço nas 1.ª e 2.ª zonas durante o 1.º ano de execução da lei.

Não se podia aspirar uma lei mais tolerante nem mais equitativa.

A ideologia politica

Por Émile Corra

(Extratos e tradução por J. B. Magalhães)

Em materia *politica* não logrou ainda o espirito positivo predominar e impor-se como acontece com o caso das outras ciencias teóricas e suas respectivas applicações praticas. Nela o puro empirismo e os processos arbitrarios, têm sido até agora preferidos aos cientificos. Ela permanece, de fato, por isso em estado analogo áquele em que se achava na época anterior a Bacon, Descartes e Galileu, regendo-se por *opiniões*, doutrinas, *sistemas* *construidos à priori*.

Isso torna-se evidente nos estados patologicos da sociedade que assumem certa gravidade. Para tratá-los, reúnem-se, então, conferencias nacionais ou mundiais para discutir os processos e recursos de cura do mal que aflige a todos. Procedese, assim, tal como se fazia em Babilonia, onde era costume trazerem-se os doentes para a praça publica e, sobre seu caso, consultar os transeuntes.

É tanto mais extranhavel essa ogerisa á adocção dos métodos positivos em politica, quanto de fáto é o espirito positivo o arquiteto de todas as sociedades humanas, que assentam em fundamentos solidos, que são construidas sómente de razões praticas espontaneamente reveladas. Os primeiros homens obedeceram na construção da sociedade, sem murmurar e sem que nenhum mago ou legista lhes revelasse disso os segredos, apenas *à necessidade* e *à experiencia*. É por isso que a gemoncracia (assembléa ou governo dos velhos), foi a forma primitiva mas espontanea de governo, a qual ainda hoje perdura em certas tribus retardadas. Sobre esta base natural e sólida, puderam soberbas civilizações desenvolver-se e durar milhares de anos na Asia e no Oriente, antigo.

A massa humana é, porém, intelectualmente mediocre e credula. Sente enormemente a necessidade de ser dirigida e, a tal ponto, que atribue logo, aos que vêm claro nas situações e sabem livrá-la de certos males que as afligem, poderes sobre-naturais. Então, obedece-lhes servilmente.

Esta sua predisposição instintiva fez surgir um contrapeso ao poder diretor dos velhos: os feiticeiros ou magicos, os herois. Passou, assim, o *governo* a ter um caracter *mistico*, que, embora modificado no decorrer das diversas eras da evolução social, perdura ainda hoje. No dizer de Frazer «os magicos, são temidos e respeitados e quando contribuem para o bem

publico tornam-se funcionarios publicos. Exercem influencia poderosa sobre o espirito dos homens elevando ou deprimindo a sorte de seus adoradores e suditos. É assim que, atravez de transformações sucessivas chega-se á instituição da divindade dos reis, a qual, a seu turno, cede o passo á doutrina mais modesta que os faz apenas reinar por direito divino (1).

De fáto, os Faraós, deuses vivos; os imperadores da China e do Japão, filhos do Céu ou do Sol; os reis do ocidente, instituidos por Deus, nada mais são que sobrevivencias dos feiticeiros, magicos e curandeiros das sociedades mais barbaras. No século XVIII ainda havia curandeiros de prestigio reconhecido.

O mito da divindade dos reis, já fortemente abalado com a execução de Carlos I da Inglaterra, caiu definitivamente com a cabeça de Luiz XVI, de França, em 21 de Janeiro de 1793. Mas esse *mito politico* perdura, transformado, de direito divino em *soberania do povo*, tão falsa em principio quanto a primeira, e muito mais *perigosa* na realidade.

Com a mistica teoria do direito divino, uma vez instituidos, os governos ficavam estaveis, podendo os administradores da sociedade dispor de tempo para adquirir os conhecimentos e a experiencia das necessidades da sociedade; ao passo que isso não se dá com a *mistica soberania do povo*.

O desequilibrio, a instabilidade, caracteriza os regimes democraticos. É uma resultante immediata do recrutamento dos homens politicos por meio da eleição, que submete os *superiores* ao julgamento dos inferiores, de uma opinião publica heterogenea, constituida de uma multidão de fações que impõem a seus eleitos soluções politicas diferentes para as mesmas questões que interessam a todos, e levava certamente Gambeta a comparar a Camara de Deputados a um espelho quebrado que não refletia a imagem do país mas sua caricatura. A politica torna-se uma teia de mexericos e intrigas de campanario; politica de burgo podre ou de focos revolucionarios, e dá logar a que Clovis Hugues observe ser «a função do Deputado incompativel com a do Legislador».

Nos países democratizados, o governo torna-se instavel ainda por que emana e depende

(1) - O homem-Deus.

de coligações de correntes partidárias mais ou menos importantes, isto é, fica sujeito a *sistemas à priori*, o que não se coaduna com as necessidades reais.

Cêdo ou tarde, portanto, sendo honesto, o homem político vê-se levado a contrariar seus eleitores uma vez que lhe vão impondo os interesses gerais. É, então, acusado de traidor e é derrubado.

Homens experimentados e doutrinários mais ou menos sinceros, jamais duram no poder o tempo necessário para conhecer e aperfeiçoar-se na função de governar e para poderem elevar-se acima dos interesses particularistas e de todos os partidos sempre hipnotizados por seus egoísmos ou quiméras.

Além disso, a usurpação de poderes, a confusão dos poderes legislativos e executivos, às vezes mesmo também do judiciário; o enfraquecimento da autoridade central; a anarquia, a demagogia e por fim a ditadura, são as consequências lógicas da obstinação democrática servilmente respeitada e obedecida. Um *governo robusto* é de tal modo necessário á boa saúde das sociedades que os povos suportam uma autoridade pessoal, brutal, mesmo terrorista, com mais calma e resignação que uma direção frouxa.

*
**

Observe-se, porém, que as ditaduras surgidas das democracias em decomposição, apresentam um carácter anormal que é originário de sua fonte: — elas são, do mesmo modo que as democracias, demagogias e místicas.

A perturbação do nosso espírito causada pelo desenvolvimento do poder que adquirimos para modificar as cousas o mito da soberania política dos homens e o delírio legislativo daí resultantes, têm perturbado a tal ponto a razão na sociedade moderna que se crê na onipotência humana em relação aos fenómenos sociais e que é possível, a bel prazer, transformar o mecanismo dos organismos coletivos e sujeitá-lo a novos planos, traçados *à priori*. Assinala a êsse respeito A. Comte que «muitos espíritos participam ainda do grande erro dos filósofos e dos legisladores da antiguidade que pretendiam sujeitar a marcha da civilização a suas concepções sistemáticas, em vez de a ela subordinarem seus projetos».

Isso explica também porque assistimos a estas tentativas intrépidas para regenerar os governos debeis, substituindo-se pelo «*bom tirano*» na mesma ordem de idéas que absorvia já o espírito dos publicistas do século XVIII que pre-

tendiam reconstruir a família, a propriedade, a linguagem mimica, oral e escrita, a moral teórica e pratica, a religião, a natureza humana, a patria e a humanidade. E porque não o sistema solar ou, ao menos corrigir a inclinação do eixo de rotação da Terra sobre a orbita, tornando-a mais confortavel á habitação do homem?

Tal é, sem duvida alguma, a mentalidade dominante nas diversas revoluções havidas desde o começo do século XX: o Kuomintang na China, o bolshevismo na Russia, Kemalismo na Turquia, o fascismo na Italia, o hitlerismo na Alemanha.

Certo, este tratamento ortopédico convem a algumas sociedades doentes, vítimas de acidentes, ou mal conformadas de nascença, por isso que elas se resignam e o suportam. Não é, porém, desejavel generalizá-lo nem, aliás devemos temer que isso aconteça porque seu efeito seria fazer sociedade retrograda e decompor-se em muitas outras, todas dessimilhanes como se deu na Grecia antiga.

Tudo é bem velho já dizia Aristoteles. Todas estas pretendidas novidades politicas nada mais são, no fundo, que verdadeiras exumações de cousas que a humanidade já repudiou. Isto de tal modo é verdadeiro que nos leva a crer que em sociologia, como em quimica «nada se perde, nada se crea».

Não é pela *restauração do passado* que se melhorará o estado social atual de um modo duravel. A ditadura, a tirania, a monarquia absoluta, são estados peremidos em consequencia de vícios que renascerão infalivelmente com a restauração e os quais a sociedade moderna suportaria muito menos que a antiga.

Apezar de todas suas imperfeições a democracia tem prestado aos povos o grande serviço de arrancá-los da situação de nervos para formá-los de cidadãos, tornando-os responsaveis pela propria sorte, interessando-os diretamente nos negocios publicos, — deixando-lhes liberdade e tornando leiga a politica.

Não será, portanto, mergulhando-os novamente no mutismo e na servidão, tornando-os indifferentes ao poder retrogradando-os que melhor se assegurará a ordem para obter uma mais harmoniosa marcha do progresso.

Os erros do mito democratico, como de seus antecessores, os abusos que provoca, devem ser corrigidos e eliminados, é incontestavel, mas por processos sem violencia, sem revoluções que são apontados como crimes do regime democratico enquanto que a democracia tem justamente a vantagem de tornar evitaveis tais recursos.

Para isso haveria de contribuir certamente a adoção de certas medidas tais como: limitação da idade para ser eleitor a partir de 25 anos e do direito de elegibilidade aos maiores de 30 anos; o renovamento parcial das assembléas legislativas; não deixar aos membros dessas assembléas a *iniciativa das leis* e dos orçamentos, reduzindo suas atribuições ao puro controle dos atos do governo através do exame das questões de finanças publicas; reprimir a licenciosidade no falar e no escrever pela imposição da necessidade da prova das acusações contra os funcionarios publicos.

O aumento do eleitorado, sobretudo pelo direito eleitoral dado ás mulheres, não é de molde a corrigir os defeitos da democracia. Tende, ao contrario, a agravá-los. As mulheres são mais numerosas que os homens, mais sentimentais e menos realistas que eles no ponto de vista social, e é essa uma das causas por que nos países em que se fizeram eleitoras, crescendo o volume da massa votante, as cousas, em vez de melhorar têm piorado.

A maior necessidade das sociedades modernas é sobretudo a de que um *espírito verdadeiramente positivo*, nelas predomine. Precisam elas, em suma, que governantes e governados tenham mais *bom senso* que *ideologia*, para que ás soluções de seus *problemas* resultem da observação atenta das realidades de sua existência, unica base estavel de um regime democratico.

Não é facil satisfazer esta condição.

Não cessam de surgir novas *ideologias* e neste momento mesmo vemos aparecer os que pretendem regular o curso dos fenomenos economicos, subtraindo-os á *razão pratica* para, inspirados por teorias nominalmente científicas, querer sugê-los ás conclusões de uma *razão puramente dedutiva*.

Fez-se o atual Roosevelt, grande improvisador e campeão de um «Trust de intelligencia» constituído de professores de *economia politica*, ou melhor de *professores de plutocracia*, cujas vistas não abarcam mais que os *interesses materiais*, e estes mesmos, restritos aos dos *produtores*. São os prosselitos de uma *economia dirigida*, a qual Flandin, antigo Ministro das Finanças, em França, chamou de *teologia desordenada*, por que as conclusões contraditórias a que têm chegado os que pregam os novos credos economicos, lançam uns contra os outros, neutralizam-os e os expõem ao ridiculo universal.

A intervenção dos *sociólogos*, a titulo de *conselheiros técnicos* dos governos, é, na situa-

ção atual da sociedade, injustificavel. O exemplo de A. Comte, fundador da sociologia, querendo intervir por seus conselhos na direção pratica da sociedade, não deve ser desprezado. As applicações concretas da sociologia imaginadas por ele, prejudicaram evidentemente o proprio resultado que procurava atingir, não obstante não cessar o grande filosofo de propugnar pela distinção entre o poder *espiritual* e o *temporal*.

É que a *Politica é uma arte* derivada da sociologia que é uma ciencia abstrata que paira muito acima das contingencias proprias a cada momento, não obstante uma mulher de espirito dizer, no século XVIII: «o que me desgosta na historia é pensar que, a seu turno, o que eu vejo será historia um dia». A *sociologia* só interessam os quadros correspondentes a grandes periodos de evolução, relativos a todo genero humano. Suas leis são validas para toda humanidade e devem servir a todos que aspiram governar seja temporal seja espiritualmente. Não podem, porém, com bons resultados ser applicadas á letra, sem causar sérias desilusões, a *casos urgentes* e de *caracter especial*.

Em tal situação é-se forçado a apelar para recursos empiricos judiciosamente escolhidos e tanto mais quanto a politica se complica sem cessar.

Após Luís XI, com o surto dos governos ministeriais, depois continuamente desenvolvidos, a solução *esclarecida* do conjunto de problemas que correspondem á politica, ultrapassa *qualquer capacidade individual*. As sociedades só podem ser governadas de modo conveniente por *oligarquias controladas*, formadas de homens experientes, assistidos, na *preparação das leis gerais*, por um Conselho de Estado, e na preparação de *leis particulares*, por conselhos técnicos correspondentes aos diversos assuntos especiais. Mas atendendo a essas condições da vida moderna, é preciso fugir ás *ideologias*. O bom senso aconselha que o Governo só se deixe influenciar por uma idéa preconcebida: o *interesse geral*. Por isso mesmo deve preocupar-se, antes de mais nada em manter a harmonia social e não ter preferencia por panacéas politicas como os *radicalismos*, os *socialismos*, *comunismos* e outras nas que se confundem fenomenos de ordem objetiva e subjetiva. É aliás, assim que em politica têm pensado os grandes filosofos e agido os grandes condutores de homens.

(Continúa)

Atos oficiais

CERTIFICADO DE EXCLUSÃO DE PRAÇAS

Por Aviso n.º 769, de 9-XII-933, o Sr. Ministro declara que os comandantes de corpos, ao excluir qualquer praça, deverão mencionar, nos certificados passados em substituição das cadernetas militares, qual a conduta do excluído durante o tempo em que serviu no Exército, independente de quaisquer outras citações que julguem necessárias e, bem assim, o lugar onde o mesmo verificou praça e se lhe foi fornecido transporte de regresso por conta do Estado.

**

SOLUÇÃO DE CONSULTA

— Sobre lacunas nos assentamentos de praças — Ao Sr. Chefe do D.G. — Aviso n.º 750 — 30-XI-933.

O Comandante da 6.^a Brigada de Infantaria, em ofício n.º 312, de 30 de Setembro ultimo, ao da 3.^a Região Militar, consulta como preencher lacunas nos assentamentos de uma praça em cujo corpo de origem houverem sido extraviados os respectivos assentamentos.

Em solução vos declaro que, de acôrdo com o que indicaís, na impossibilidade absoluta de se obterem os assentamentos de uma praça por causa de extravio ou qualquer outro motivo, e depois de se recorrer ás Brigadas que recebem os «Boletins» dos corpos, regiões e mesmo a oficiais sob cujo comando a praça tenha estado, deve ser anotado o tempo em que houver lacunas com a seguinte declaração: «Nada consta por terem sido extraviadas por tal corpo as suas alterações» ou outra declaração análoga.

Outrosim, vos declaro que estas buscas e consultas devem ser extensivas aos hospitais e enfermarias, para verificação de baixas por accidentes, licenças, etc.,

que de algum modo influem na vida militar quer para a reforma, quer para a concessão de medalha.

**

CURSO DE PREPARAÇÃO PARA MATRICULA NA ESCOLA DE ESTADO MAIOR

Conforme noticia dos jornais desta Capital, o Sr. Ministro da Guerra aprovou as instruções para o funcionamento e matricula no *Curso de Preparação para matricula na Escola de Estado Maior*.

No intuito de informar os nossos camaradas procurámos obter alguns dados a respeito. Comquanto esses dados sejam incompletos, contudo dão uma idéa perfeita das vantagens que esse curso oferece, principalmente para os oficiais que se acham fóra do Rio de Janeiro.

O Curso é instituído tão sómente para facilitar aos oficiais candidatos á matricula na Escola de Estado Maior, os meios de se prepararem para o concurso; não eximindo portanto, o aluno desse curso, de se inscrever naquêla prova.

Este Curso não afasta os seus alunos de suas funções normais, mas não se restringe aos oficiais da guarnição da Capital Federal, visto como é feito por correspondencia.

Sua Direção, facilitará o trabalho dos oficiais matriculados, respondendo á consultas sobre materias do concurso para matricula na E.E.M.; proporá questões a serem resolvidas pelos alunos e orientá-los-á em seus estudos.

Só poderão ser matriculados nesse curso os oficiais que preencham as exigencias para inscrição no concurso.

Os oficiais que não tenham feito parte do Curso de Preparação não ficam impedidos de fazerem o concurso, desde que satisfaçam as exigencias da lei.

O Exercito no Estado

General Von Seeckt — "Pensées d'un soldat"

Hoje só podemos cogitar de Exercitos de carácter puramente nacional: portanto, todas as particularidades de um povo se refletirão no seu Exercito.

A maneira pela qual se compõe o Exercito e os laços estreitos que daí resultam com todas as classes da população, a comunidade de sorte com elas, impedem o Exercito de se transformar numa casta, porquanto não deve ser mais que uma profissão.

O Exercito não deve tornar-se um Estado no Estado, mas deve, servindo-o, fundir-se com êle, e representar assim a imagem mais pura do Estado.

O Exercito, no qual se encontram todos os elementos étnicos e todas as condições sociais, encarna de uma fôrma visível a unidade nacional e constitue um dos mais fortes pilares do edificio do Estado. Com relação ao exterior garante a existencia do Estado, porque está pronto para repelir qualquer agressão contra êle, e é ao mesmo tempo a expressão da vontade do Estado de se fazer respeitar. Nos conflitos de interesses, o Exercito faz pesar a palavra do Estado.

No interior, o Exercito incarna a vontade do Estado e lhe garante a força para enfrentar quaisquer tentativa subversivas; garante desse modo a ordem e a segurança publica.

Como o Estado, o Exercito não existe por si mesmo, mas ambos são as formas pelas quais se manifesta a vontade de viver de um povo.

Das relações entre o Exercito e o Estado decorrem para ambos direitos e deveres.

O primeiro dever do Exercito para com o Estado é o de se esforçar por atingir o mais alto grau de perfeição possível, de aumentar seu valor interior e exterior; porque assim procedendo aumenta a potencia e o prestígio do Estado e de subordinar-se ao interesse geral do Estado.

Num organismo politico são, o Governo, qualquer que seja sua fôrma, dispõe, nos limites fixados pelo direito, pela lei e pela Constituição, de todas as forças do Estado e, conseqüentemente, tam-

bem do Exercito. Este, de acôrdo com sua natureza, é o primeiro servidor do Estado, do qual é uma parte.

Em troca, o Exercito tem o direito de exigir do Estado que sua participação na vida deste seja respeitada. O Exercito submete-se ao Estado, no seu conjunto personificado no Governo, mas não se subordina a nenhum órgão politico, seja êle qual for.

Chegamos assim aos deveres do Estado para com o Exercito. Este tem o direito de desenvolver-se e conduzir sua vida propria em plena liberdade, na medida em que essa liberdade se concilie com a vida do corpo social. Na politica interior e exterior, os interesses militares representados pelo Exercito têm o direito de existir ao lado das outras necessidades politicas. É ao Governo que compete po-las em acôrdo. Si êle vê no Exercito, como é preciso, a imagem mais pura e a mais evidente do proprio Estado, reconhecerá que, honrando o Exercito, honrará a si mesmo, e ainda, que a autoridade do Estado depende do respeito que se tem pelo Exercito.

Si quizermos exigir que o Exercito se mostre digno dessa consideração, deve-se esperar do Estado que garanta ao Exercito e aos seus representantes, a situação que lhes é devida na vida publica e que o proteja contra todos os ataques.

É perfeitamente natural que essa estima se manifeste tambem materialmente; porque um Estado tem necessidade não só de servidores zelosos como tambem de servidores satisfeitos.

Que se exige do Exercito? A lealdade para com o Estado.

Que se exige do Estado? Amor ao Exercito.

No sentido em que o compreendo, o Exercito deve ser uma instituição politica, dando a essa palavra a estricte significação de instituição de Estado. O Exercito não deve, certamente, servir á politica de partidos.

Brado a todos os partidos: «Não toqueis no Exercito!...»

O Exercito serve o Estado, nada mais que o Estado, porque êle é o Estado.

**Secção
de
Veterinaria**

O cavalo militar

Arraçoamento dos equinos em serviço de guerra no sul de Mato-Grosso

Pelos 1.^{os} Tenentes Armando Rabelo e Bernardino Costa

(Continuação do n.º 236)

IV PARTE

A fisiografia do sul de Mato-Grosso, revelando numa mesma latitude dois meios diversos pelo clima, pela topografia e pela natureza geologica, não podia deixar de ostentar também vegetações discordes vestindo com feição característica ora as planícies alagadas, ribeirinhas dos tributários do rio Paraguai ora os degraus dos terrenos que se alteiam, em ondulações sucessivas, na constituição da zona contigua do planalto.

Nas planícies baixas do vale desse grande rio, sujeitas á inundações periodicas durante enchentes prolongadas, uma area de muitas leguas fica transformada em lagôa, onde surge, a par da vegetação hidrofila peculiar a esses meios (pontederias, utricularias, cyperaceas), o popular capim mimoso, o arrós nativo, o capim felpudo, a grama do pantanal, o capim capivara, o assú, o capim de praia e um sem numero de gramineas agrestes não forrageiras.

Nos decantados planaltos do Amanbaí e de Vacaria e nas vertentes das serras de Maracajú, Aquidauana e Bodoquena exuberam gramineas nativas dos generos andropogon, panicum, paspalum e algumas manchas do capim elefante (pennisetum purpureum) do capim gorda (p. melinis minutiflora) do jaraquá (hiparhenia rufa), do angola (p. spectabile), do capim de burro ou graminha comum (cynodon dactylon), do capim carona, do capim membéca, etc.

Quando devidamente conhecidos e explorados os recursos forrageiros de Mato-Grosso o problema arraçoador do gado no Brasil tomará aspecto muito mais simples, pois que são em grande numero as especies de hervas tenras e succulentas apetecidas pelo gado herbivoro, encontradas nas invias paragens daquella imenso territorio.

Das 700 especies de gramineas identificadas no solo nacional, grande numero foi assinalado nos campos de Mato-Grosso, embora infelizmente, como afirma Kuhlmann apenas 3 a 5 % estejam devidamente analizadas e reconhecidas como boas forrageiras. Pela falta de cartas agrostologicas, aqui se nos depara identica dificuldade a encontrada para o estudo das forragens que mais são encontradas nos campos do Rio Grande, porque, como para o Estado gaúcho, também temos noticia sumaria sobre as forrageiras nativas e cultivadas mais em voga, como dos especimens herbaceos de fraco poder nutritivo, mas que de todo não poderão ser desprezados, num caso de guerra que tenha por teatro de operações a região meridional matogrossense. Segundo o censo pecuario de 1920, encarando somente os rebanhos das especies herbivoras do vasto Estado mediterraneo, atinge á cifra muito proxima a 3 milhões de individuos, população essa que, na generalidade, muito ha crecido nestes ultimos anos. De outra parte a lavoura incipiente em todo o Estado, sem qualquer expressão economica para o país, não oferece recursos em grãos cerealiferos capazes de assegurar a materia concentrada básica das rações provedoras de um pequeno Exercito em beligerancia nesse territorio. A safra de milho que no ano de 1924 atingiu a pouco mais de 10 mil toneladas tem acusado sensível decrescimento nos anos que se seguiram até 1927. A amenidade do clima da futura região, no entretanto, mantém, para essas enormes extensões ainda incultivadas do sólo pátrio, fartas pastagens para o gado durante todo o ano, o que contribue para que seja nédio e de aspecto sadio o gado matogrossense.

Urge, portanto, que a flóra agrostologica dali seja desde logo beneficiada por cultivo racional e seletivo, que venha enriquecer as pastagens em larga

escala com forrageiras de eleição próprias para ferrar, afim de assim armar-se em feno do Estado uma poderosa reserva alimentar destinada a nutrir um grande efetivo de animais em manobra de guerra.

Limitamo-nos, pois, a fazer estas ligeiras considerações preliminares, em virtude de nos parecer evidente que o grande Estado central, recebendo um Exército para operar dentro dos seus limites, terá forçosamente que se socorrer, desde o primeiro dia de abastecimento, dos recursos forrageiros de Goiás, Minas e São Paulo, que lhe são limitrofes.

*
**

Arranjo arraçoador para o efectivo equino de um exercito operando em Mato-Grosso, utilizando os recursos forrageiros locais:

TABELA N.º II

Ração Normal de Guerra para o padrão de sela de 400 kgs.:

Milho desintegrado	2,ks.0
Milho em grão	2 5
Feno de Capim gordura	4, 0
Graminha comum	10, 0
Sal (ceNa)	0, 020

Norma paradigma: M. S. - 9,900; Prot. - 0,560;
Mg. - 0,240; Mhc. - 4,520;
V. N. - 4,640.

*
**

Composição discriminativa da ração em principios nutritivos:

Milho desintegrado	2,ks.0
M. S.	1,770
Prot.	0,138
Mg.	0,012
Mhc.	1,286
V. N.	1,466

Milho em grão	2,ks.5
M. S.	2,182
Prot.	0,192
Mg.	0,072
Mhc.	2,577
V. N.	0,920

Feno de gordura	4,ks.0
M. S.	3,156
Prot.	0,212
Mg.	0,016
Mhc.	0,940
V. N.	1,032

Capins verdes e comuns	10,ks.0
M. S.	3,500
Prot.	0,200
Mg.	0,040
Mhc.	1,410
V. N.	1,730

*
**

Ração normal de guerra para o padrão trator de 500 kgs.:

Milho desintegrado	2,ks.0
Milho em grão	3, 0
Feno de Jaraguá	5, 0
Graminha comum	12, 0
Sal (ceNa)	3, 0

Norma paradigma: M. S. - 12,000; Prot. - 0,700;
Mg. - 0,300; Mhc. - 5,650
V. N. - 5,800.

*
**

Composição discriminada da ração

Milho desintegrado	2,ks.
M. S.	1,770
Prot.	0,138
Mg.	0,012
Mhc.	1,286
V. N.	1,466

Milho em grão	1,ks.5
M. S.	2,619
Prot.	0,231
Mg.	0,087
Mhc.	1,893
V. N.	2,304

Feno Jaraguá	5,ks.0
M. S.	4,050
Prot.	0,180
Mg.	0,010
Mhc.	1,150
V. N.	1,050

Graminha comum	12,ks.0
M. S.	4,200
Prot.	0,240
Mg.	0,048
Mhc.	1,695
V. N.	2,495

*
**

Ração Normal de guerra para o padrão de finalidade mixta, pesando 350 kgs.

Milho desintegrado	1,ks.0
Milho em grão	2, 0
Feno de gordura	1, 0
Graminha comum	8, 0
Sal (ceNa)	0, 020

Norma paradigma: M. S. - 8,400; Prot. - 0,490;
Mg. - 0,210; Mhc. - 3,955;
V. N. - 4,060.

O caráter proprio do Exercito

General Von Seeckt - "Pensées d'un soldat"

...O Exercito tem sua vida propria, isto é, uma vida submetida a leis e a condições inteiramente particulares.

O primeiro caráter distintivo do soldado é que elle está pronto a dar sua vida para cumprir seu dever profissional. Nas outras profissões o cumprimento do dever póde exigir outro tanto; todo homem no exercicio de sua profissão póde encontrar-se diante do sacrificio supremo, mas em nenhuma outra profissão o dever profissional consiste em matar e estar pronto para morrer.

Si a verdadeira arte da guerra tem por fim destruir o inimigo, aquele que a exerce deve aceitar o risco de ser, elle proprio, destruido. Essa concepção do soldado leva a falar de sua profissão como de uma profissão inteiramente particular. E sua responsabilidade em face da vida e da morte que lhe dá seu caráter proprio, sua seriedade, sua dignidade.

O soldado não é responsavel sómente por sua propria vida, que não póde sacrificar levemente, e sim pelo dever. Ele é tambem responsavel pela vida de seu camarada, e, finalmente, ainda pela do inimigo que elle não mata voluntaria e livremente, mas que seu dever profissional o obriga a matar.

O sentimento da responsabilidade para consigo mesmo e por outrem, é um dos traços essenciaes do soldado. A responsabilidade para consigo exige que o soldado esteja muito bem preparado moral e fisicamente na sua profissão, para não se sacrificar inutilmente. A responsabilidade para com outrem nos leva á segunda qualidade, não menos importante, que elle deve possuir.

O soldado é um homem que domina a ciencia, a técnica, o material.

O Exercito é a união de varios homens que visam um mesmo fim importante. Resulta daí um laço muito particular, uma solidariedade que chamamos camaradagem. Por essa palavra, entendemos muita cousa, e cousas diferentes. Si partimos das responsabilidades do soldado, chegaremos á regra «um por todos», porque cada qual, a seu modo e no lugar que ocupa, é responsavel pelo que sofrem, pelo que podem, pelo que fazem os outros, pela vida dos outros.

Decorre então, para os mais velhos — os chefes, os superiores — o dever de ensinar, de formar, de proteger, e, para os moços, — os jovens, os noviços, os subordinados, — o dever de se submeter conciente e livremente. A amizade e a confiança são os dois grandes elementos constitutivos da camaradagem.

Comandar e obedecer são dois traços característicos do Exercito. Duas cousas dificeis. Tanto mais se comanda com inteligencia e discernimento, mais se obedece com convicção e confiança, mais as cousas se tornam faceis.

Para obrigar muitos homens a colaborar para um mesmo fim, a natureza humana é forçada a recorrer ao constrangimento. Assim, a disciplina é essencial para o Exercito; o valor deste se mede pela natureza e pelo gráo dessa disciplina. Quanto mais a disciplina é livremente consentida, mais vale o Exercito; mas só a disciplina que se torna um hábito e uma segunda natureza resiste á prova do perigo.

...O Exercito faz parte do povo e deve senti-lo.

Composição segundo os principios nutritivos da ração supra:

Milho desintegrado	1,kg.0
M. S.	0,873
Prot.	0,045
Mg.	0,004
Mhc.	0,596
V. N.	0,651

Milho em grão	2,kg.0
M. S.	1,746
Prot.	0,154
Mg.	0,058
Mhc.	1,262
V. N.	1,536

Feno de gordura. 5,kg.0

M. S.	2,945
Prot.	0,265
Mg.	0,020
Mhc.	1,175
V. N.	1,290

Graminha comum 8,kg.0 |

M. S.	2,800
Prot.	0,160
Mg.	0,042
Mhc.	1,128
V. N.	1,384

Secção de Engenharia

Passagem do Piave pelos franco-italianos a 26 de Outubro de 1918

Pelo Coronel Bails

Tradução do Cap. Lima Figueirêdo

O 12.º Exercito francês deveria forçar a passagem do *Piave* na região de *Pederobba*, para em seguida progredir para o Norte, seguindo a margem Este do rio.

A passagem do curso dagua deveria se fazer na altura de *Molineto* pela 23.ª Divisão francesa, que já havia atingido esse local e executado com seus sapadores alguns golpes de mão sobre a margem esquerda do *Piave*.

Nos dias 17 e 18 de Fevereiro, o comandante da engenharia divisionaria teve oportunidade de fazer transpor a caudal com tropas de infantaria, utilizando-se duma ponte volante, confeccionada com pequenas embarcações de emergência.

Descrição sumaria do rio em Pederobba. — Ao *Piave* cabe perfeitamente o atributivo de torrente: curso dagua importante e veloz, sujeito, especialmente no outomno, á cheias subitas e inesperadas que tornam impossivel o estabelecimento das pontes.

Pederobba é o local exáto em que o *Piave* deixa a região montanhosa, entre as alturas de *Valdobbiadene* e o *Monte Tomba*, para entrar na planicie.

Em épocas normais, o *Piave* se compõe dum braço principal, descrevendo sinuosidades numerosas e profundas e um numero variavel de meandros, cujos leitos mal definidos se deslocam no decorrer duma cheia e algumas vezes se sécam.

Largura 70 a 80 metros, profundidade muito variavel, velocidade da corrente 3,5 a 4 metros. Bancos de areia se deslocam constantemente. O braço menor possuia uma largura de cêrca de 25 metros e uma altura dagua de 20 a 40 cm.

A margem austriaca se assemelhava a uma praia de seixos rolados e de areia, de 500 a 600 metros de largura, coberta por uma vegetação raquitica. Ao longo desta zona, acompanhando a margem esquerda, havia um talude sobre o qual se achavam as primeiras trincheiras austriacas.

Preparação técnica. Desde 16 de Outubro que se admitiu a possibilidade da transposição. Para isto, dois oficiais de engenharia foram enviados á *Pederobba* com a missão de reconhecer e estudar o regime do rio; de determinar os pontos de passagem e escolher locais abrigados, onde se pudesse depositar o material.

A escolha recaiu sobre a região de *Molineto*, situada entre as gares das mercadorias e a dos passageiros, que apresentava facilidades técnicas, apesar de ser dominada por três quadrantes. Esta ultima particularidade existiria, para qualquer que fosse o ponto escolhido, naquela região localizada na saída das montanhas

Escolha do material. O comandante da engenharia devisionaria, pontoneiro experimentado, por haver praticado nas correntes rapidas de *Avignon*, dispunha do material francês com pontões metálicos e do material italiano com pontões de madeira.

Estes ultimos se pareciam muito, quanto á forma, com os nossos antigos barcos de madeira. O comandante da engenharia devisionaria decidiu que as operações da passagem se fizessem com o material italiano. A equipagem de ponte do 12.º Corpo de Exercito constituiria a reserva, nas proximidades do ponto de passagem.

O material seria trabalhado *pe'os pontoneiros italianos*, entre os quais havia alguns graduados que já conheciam o *Piave* e suas dificuldades.

Estabelecimento do projéto da passagem. Estando os reconhecimentos feitos e o ponto de passagem escolhido, organizou-se, a 22 de Outubro de 1918, um plano de emprego da engenharia do 12.º Exercito, do qual extraímos o seguinte:

«As pontes deverão, no mais breve prazo possivel, ser dobradas por passadeiras para a passagem da Infantaria.

As pontes de equipagem serão substituídas por pontes de estacas (recuperação da ponte de *Fener*)».

É certo que este plano de emprego não cogitou do estado da velocidade da corrente, nem do perigo que acarreta a construção de passarelas entre duas pontes que, como iremos vêr, deviam ser construídas a pouca distancia uma da outra. É provável que não houvessem consultado preliminarmente um técnico qualificado.

Numa reunião preparatoria realizada no Estado Maior da 23.^a Divisão, a qual naturalmente foi assistida pelo comandante da Engenharia da Divisão, examinaram-se as disposições a tomar, para a travessia do curso dagua.

Fez-se primeiramente a passagem dum destacamento de 200 homens, utilizando-se os barcos, destinado a cobrir a construção das pontes.

Em seguida pediu-se á engenharia que construísse duas pontes separadas de cerca de 200 metros, sob a proteção daquella cobertura.

O comandante da engenharia viu-se na contingencia de declarar que, com uma corrente de 3 a 4 metros, seria uma verdadeira acrobacia se construir duas pontes tão aproximadas, posto que o menor tante (Norte) repercuteria inevitavelmente sobre a ponte de jusante. Em particular o menor escombros conduzido pela correnteza, poria a ponte de jusante em perigo. Este perigo tornou-se muito maior, quando se adquiriu a certeza de que o fundo da torrente era impróprio para a ancoragem. Em consequencia do deslisamento das ancoras, alguns pontões ficariam mal ancorados. A fraca distancia entre as duas pontes não permitiria que um pontão, desgarrando-se da ponte Norte, pudesse se safar facilmente da ponte Sul (jusante).

Porém a insistencia do comandante da infantaria divisionaria foi tal, que o comandante da engenharia prometeu enviar os melhores esforços para realizar o seu plano, ainda que fosse sómente para lhe aguentar o moral.

Deu ao official encarregado da construção da ponte instruções precisas, indicando-lhe as medidas a tomar (amarração dos barcos aos alamos da margem, ancoragens multiplas, etc.) e em particular lhe deu a *instrução formal* de

abandonar a manobra e recolher a ponte ao menor sinal de desgarramento; veremos que estas precauções não foram inuteis.

Sob estas bases, estabeleceu-se um horario de passagem.

Execução: — A passagem devia ser executada a 24 de Outubro, todavia uma cheia inesperada fez com que a operação fosse adiada até ao dia 26 de Outubro.

Todos os discursos seriam agora menos eloquentes que o extrato do diario de marcha da 23.^a Divisão, devidamente completado pelo testemunho dos executantes:

«26 Outubro, 18 h. — Colocação dos barcos nagua. Passagem dos elementos de proteção e organização dos canteiros das duas pontes.

21 h. 30: — É terminada a passagem dos elementos das duas companhias do 107 R.I. As pontes se constroem normalmente. Os projectores inimigos vi-giam o curso do *Piave*.

22 h. 30 — A ponte Norte desgarrá; é abandonada. A construção da ponte Sul contunúo difficilmente devido á velocidade da corrente. Os projectores inimigos encontram a ponte; a artilharia austriaca entra em ação. Interrupções frequentes do trabalho, devido aos projectores.

27 Outubro: — A ponte Sul não termina na hora prevista.

1 h. 40: — Ponte terminada. Tiro de artilharia inimiga regulado a 40 metros ao Sul da ponte (felizmente para as ancoragens). O 107 R.I. passa rapidamente em columna por quatro.

2 h. 5: — Dois batalhões da 52.^a Divisão italiana passam em columna por um, o que consome um tempo muito longo. A artilharia austriaca atira sempre sobre a ponte.

6 h.: — A ponte é cortada por um obus. A artilharia atira agora com vistas directas e regula melhor seu tiro. Todos os esforços dos pontoneiros são pequenos para reparar os estragos, dado a rapidez com que elles são produzidos.

8 h. 25: — A ponte se parte e deriva. No decorrer da jornada, a ligação entre as duas margens é assegurada por uma ponte volante ligeira e por quatro pontões pilotados por sapadores-mineiros franceses, nas ocasiões em que o fogo

inimigo a permitia. *Uma nova equipagem de ponte italiana é pedida ao Exército.* A velocidade da corrente, neste ponto, não permitia experimentar o emprego do material francês que se comporta mal em correntes maiores de 3 metros.

18 h.: — Tenta-se restabelecer a ponte com o material readquirido e o chegado da ponte Norte (reserva).

28 Outubro: — Às 3 h. 30, tres quartos da ponte estavam restabelecidos, um obus, porém, damnifica o encontro; é mistér repará-lo.

4 h. 30: — Um barco é furado; é substituído por um cavalete.

5 h. 40: — Ponte terminada. *A equipagem de ponte anunciada ainda não chegou.* O 138 R. I. passa; um batalhão e duas companhias de metralhadoras da 25.^a Divisão italiana também passam.

8 h. 30: — A ponte cortada, começa a derivar.

11 h. 20: — Chegam notícias sobre a progressão do 107.^o e 138.^o R.I. na margem direita.

18 h.: — *Chega uma parte da equipagem de ponte pedida.* Começam-se, então, a nova ponte e *uma passadeira sobre barcos* (material italiano) para dois homens de frente. Por não ser este material proprio para correntes impetuosas, o trabalho é feito muito lentamente e com grandes dificuldades.

29 Outubro, 2 h. 30: — Quando faltavam 10 metros para a passadeira atingir a segunda margem, as ancoras desgarram. Renuncia-se a passadeira e *concentram-se os esforços sobre a ponte, visto ter chegado todo o material.* A chegada da equipagem havia sido retardada, *pelos escombros encontrados nas estradas á retaguarda.*

5 h. 30: — A ponte é terminada.

6 h.: — A passagem começa. Calma completa, mas de chofre a artilharia austriaca das alturas de *Quéro*, toma de enviada o curso do *Piave*, fazendo sobre a ponte tiros de 210 e 240; apesar disto a passagem continúa.

9 h. 20: — A artilharia inimiga rompe a ponte. A passagem é restabelecida.

10 h. 45: — Novas brechas na ponte, mas mesmo assim se consegue atravessar a artilharia.

13 h. 20: — Circulação impedida; a ponte está completamente destruída. Uma parte da ponte é levada pela corrente.

30 de Outubro: — O diário de marcha nada assinala referente á pontagem, prova cabal de que a ponte fora restabelecida e de que as operações se desenvolveram, daí em diante, normalmente.

Com efeito, enquanto todos esses incidentes se produziam, as tropas passadas para a margem direita recalçavam os austriacos, conquistando os objetivos sucessivos que lhes haviam sido fixados e, obrigando enfim a artilharia austriaca a se retirar, proporcionando aos pontoneiros italianos e aos sapadores franceses o repouso que elles tanto necessitavam.

Foi assim que, desde 27 de Outubro de dia, o 107.^o R.I. atacava o penhasco de *Settolo Alto*, do qual se apoderou, alongando a cabeça de ponte.

A 28 de Outubro, o 107.^o e o 138.^o R.I. forçam as posições austriacas, fazendo uma pressão continua. Ocupam a linha *Ostesia Nuova — San Vito — Madonna di Caravagio — Funer — Casa di Roer* e chegam a tomar pé nas vertentes do *Monte Pianar* e do *Monte Perlo*.

Os austriacos foram obrigados a retirar sua artilharia.

Vimos que o inimigo supriu esta falta, com a artilharia de *Quéro* a 29 de Outubro. O *Monte Pianar* e o *Monte Perlo* são ocupados e, a partir deste momento, a situação evolue favoravelmente.

A 31 de Outubro, o material francês poudo finalmente entrar em jogo, sendo utilizado na construção duma ponte em *Ferner*, onde a corrente era menos rápida e onde os pontões podiam ser ancorados, em grande parte, nos pegões e destroços da ponte permanente destruída em *Ferner*, o que evitava, evidentemente, os perigos do desgarramento. A ponte foi construída, como se tratasse de uma manobra.

**

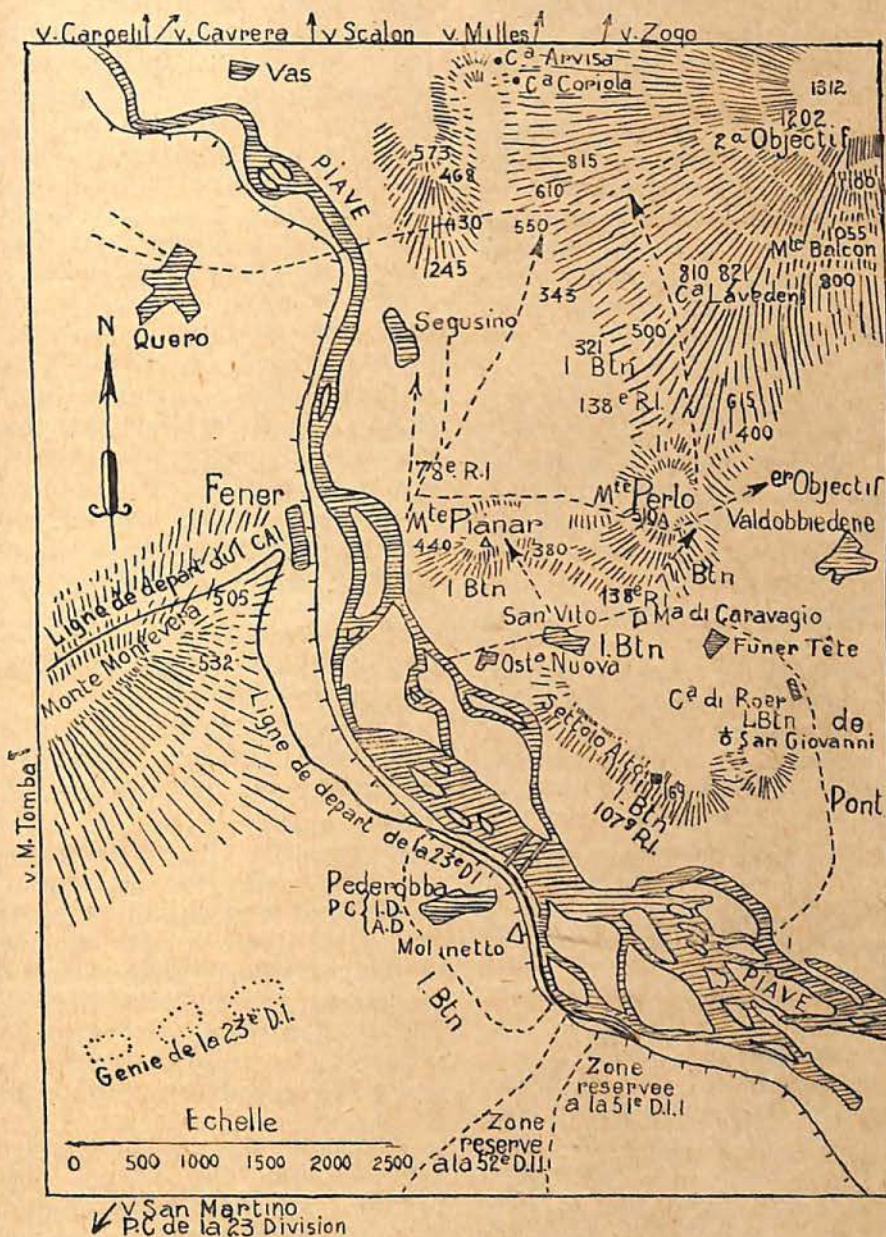
Esta passagem é fértil em ensinamentos e se presta a uma discussão interessante, tanto sob o ponto de vista técnico,

como sob o ponto de vista tático, sobretudo se trouxermos a balha as nossas prescrições regulamentares atuais.

1.º Sob o ponto de vista tático:

Sabia-se, visto como se conhecia perfeitamente o setor, que os austriacos iluminavam com projetores o *Piave* com

Em virtude da mobilidade dos projetores, seria preferível se recorrer às nuvens de fumaça, que, empregadas no banco de areia da margem esquerda, permitiriam a construção das pontes ao abrigo da artilharia. As condições meteorológicas o permitiam, conforme testemunho dos executantes.



muita regularidade. O comandante da engenharia divisionaria solicitara no sentido dos projetores serem destruídos ou neutralizados por nossa artilharia. A promessa lhe foi assegurada, mas os esforços dos artilheiros foram improficuos.

O problema da circulação na retaguarda, parecia ter sido completamente descurado, pois foram necessários dois ou três dias para se conduzir uma equipagem, devido ao lastimável estado das estradas. Ora, a regularidade da cir-

culação é um problema tático do primeiro chefe.

Si a ordem da 23.^a Divisão, que prescrevia a passagem por 4 com 10 metros de intervalo entre as companhias e 40 m. entre os batalhões, fosse executada, toda infantaria da 23.^a Divisão e uma parte da 52.^a Divisão italiana se achariam na margem inimiga a 27 de manhã e as operações se desenrolariam muito mais rapidamente. A artilharia inimiga teria se retraído muito mais cedo.

Si erros foram cometidos na execução tática, eles foram, em todo caso, largamente compensados pela bravura dos infantas do 107.^o, a energia, e a tenacidade dos pontoneiros italianos e dos sapadores-mineiros franceses, e também pela ótima firmeza do material de pontagem italiano com barcos de madeira que principalmente mereceu esta honra.

Acrescentemos que o estado moral dos austriacos favoreceu a operação. Era evidente que, com um pouco de ardor da parte deles, a cobertura francesa não poderia ser facilmente lançada na margem oposta, antes que a ponte fosse construída.

Devemos reconhecer entretanto que, neste caso, o comando do 12.^o Exército proporcionara os meios de toda natureza, para pôr em cheque o valor dos seus adversários. Estávamos, com efeito, nas vésperas do armistício e o «front» inimigo cedia por todos os lados, no Ocidente e no Oriente.

2.^o)—Sob o ponto de vista técnico poderíamos ter agido melhor, ou por outra, poderíamos aplicar as prescrições atuais do nosso regulamento?

É o que vamos examinar:

a) — Primeiramente, a passagem foi imposta sobre *uma frente estreita*.

Em casos semelhantes, o regulamento alemão diz, com razão, que o bom êxito da passagem é um *golpe de sorte*. Todavia, os golpes de sorte, nós o sabemos, são cousas correntes na guerra e a história é fértil em ensinamentos sob este ponto de vista, não sendo eles portanto exclusivos ás travessias dos cursos d'agua.

b) — A preparação foi regular e o inimigo surpreendido. Não se suspeitou que mais tarde o inimigo tentasse a passagem a força, executando um golpe de mão, como já o havia feito em Feve-

reiro de 1918. Isto foi uma felicidade para os aliados.

c) — Na construção das pontes todas as medidas foram tomadas para evitar o desgarramento: amarração aos alamos da margem esquerda, âncoras duplas e mesmo triplas.

d) — Aplicando o nosso regulamento ao pé da letra, a passagem deveria se fazer por meios descontínuos até o momento em que o local da ponte ficasse a salvo dos tiros da artilharia inimiga.

Seria isto possível? Não o acreditamos pelas razões seguintes: A passagem de 200 homens em pontões deu lugar a múltiplos incidentes. Alguns pontões foram abordar a vários quilômetros de seu ponto de partida e alguns não regressaram. Entrementes esses pontões eram pilotados por habilíssimos pontoneiros.

É, portanto, duvidoso que, por meios descontínuos, se pudesse passar para a margem inimiga um efetivo igual ao que passou sobre a ponte. O emprego de portadas sobre um rio como o *Piave*, mesmo com propulsores só poderia acarretar desgostos, já por causa da dificuldade de navegação num *rio estreito* com caráter torrencial, já pela falta de profundidade na margem inimiga (margem em rampa suave).

Os trechos de ponte que se construiriam nesta margem descoberta, seriam excelentes objetivos para a artilharia inimiga.

O emprego de portadas sem propulsor não podia ser encarado, porque a deriva que teria lugar, seria da ordem de 200 a 300 metros para um ciclo e a volta da portada exigiria que a mesma fosse puxada para montante, ao longo da margem inimiga, debaixo do fogo do mesmo. Os próprios barcos e as portadas com propulsores teriam também forte deriva.

A mesma observação poderia ser feita relativamente ás pontes volantes com grande capacidade de transporte, para as quais as ancoragens poderiam acarretar serios dissabores.

Foi por este motivo que a ligação, no decorrer da jornada de 27, não poudesse ser assegurada por uma pequena ponte volante e quatro pontões, confirmando que a passagem descontínua não permitia alimentar a batalha.

Secção de Intendencia

Serviço de Subsistencia da 1.^a Região Militar

Os Serviços de Subsistencias Militares, no Exército Brasileiro, foram creados em virtude dos planos estabelecidos pela Missão Militar Franceza que, desde 1920, tem sido mantida pelo Governo do nosso país e cujos serviços relevantes devem ser justamente salientados porque, na realidade, a sua obra não foi dessas que se perdem com o correr dos anos. Organização de todo desconhecida entre nós anteriormente á vinda daquela Missão, baseada no que de mais moderna existe na França sobre tal assunto, o seu primeiro regulamento foi aprovado pelo decreto n.º 15.816, de 13 de novembro de 1922, quando dirigia a Pasta da Guerra o Exmo. Sr. Dr. João Pandiá Calogeras, a quem muito deve o Exército Nacional, embóra só muito posteriormente começasse a ser praticamente executado com o funcionamento do Serviço.

O objecto dos Serviços de Subsistencias em tempo de paz é: 1.º Aquisição

— a) de viveres, forragens, combustiveis para aquecimento, essencias e lubrificantes para automoveis, tudo necessario para o fornecimento aos corpos de tropa e serviços; b) dos materiais de exploração que lhe são necessarios. 2.º — A transformação de certos viveres, materias e materiais. 3.º — A conservação das provisões de viveres, forragens, combustiveis, essencias e materiais indispensaveis, destinados ao serviço comum ou ás reservas de guerra das subsistencias militares. 4.º — O fornecimento nas condições determinadas pelo Comando Regional, sob proposta do Director de Intendencia Divisionario (esta a denominação do regulamento que não foi mantida, visto como, presentemente, essa entidade é o — Chefe do Serviço de Intendencia Regional): a) de viveres, forragens, combustivel, material de iluminação e agua potavel, conforme as necessidades dos corpos de tropa, serviços e estabelecimentos do Exército, quan-

Por outro lado num rio torrencial e de fraca largura, como o que se dispunha, a multiplicação de meios descontínuos de passagem acarretaria numerosos incidentes de manobra, a menos que todos os pontões e portadas fossem governadas por eximios pilotos. Além disso, os barcos e portadas tinham que se escalonar ao longo da margem de partida numa extensão de 200 metros, justamente no local por onde passava o talvegue do rio. Uma boa concentração de fogos sobre este espaço estreito e bem visto, ocasionaria serias perdas de material e de pessoal durante o embarque.

Finalmente, a passagem do *Piave* era perigosa, porque todos os pontos possiveis de passagem eram bem vistos e bem dominados pelo inimigo. Sómente as nuvens permanentes de fumaça poderiam, em certa proporção, atenuar os inconvenientes desta situação particular.

Nenhuma disposição foi tomada contra as minas ou torpêdos que os austriacos arremessassem ao rio, o que alias felizmente não fizeram. É bem verdade

que a protecção contra êsses engenhos era quasi impossivel, porque o comprimento de margem que se dispunha era diminuto e ainda, porque o local da ponte não permitia a instalação dum sistema de protecção seguro e eficaz.

Por todas essas razões, somos de opinião que a solução técnica adotada no *Piave* era a unica possivel.

Alias, vimos que, si a passagem das tropas fosse feita regularmente e, si a ponte tivesse sido coberta por simples nuvens de fumaça, a operação seria coroada do melhor exito.

e) — Résta-nos sómente dizer uma palavra sobre o material. A passagem do *Piave* foi possivel, nas condições em que foi executada, graças aos pontões de madeira do material italiano, o unico empregado nas noites de 26 para 27 e de 27 para 28.

Os executantes foram quasi unanimes em declarar que, em virtude do regime torrencial do rio, esta passagem não se poderia fazer com nosso material constituido por barcos metalicos tipo 1901.

do esses artigos não forem adquiridos com os recursos do rancho ou outros especialmente concedidos; b) os mesmos artigos á Armada e outras forças publicas, por ordem do Ministro da Guerra; c) de essencias e lubrificantes para automoveis aos corpos de tropa e serviços do Exercito e aos estabelecimentos do Ministerio da Guerra; e ainda, por ordem do ministro ás outras forças publicas; 5.º — A justificação do emprego dos dinheiros publicos, postos á sua disposição para a execução dos serviços que lhe são confiados; 6.º — Organização da escrituração do material, com todo o movimento de entradas e saídas dos artigos e respectivos preços, de modo que se conheça prontamente a existencia em deposito. 7.º — A prestação de contas, na fórmula das disposições em vigor, das importancias adiantadas para execução dos serviços, perante a Diretoria Geral de Contabilidade da Guerra ou repartição da Fazenda donde foram recebidas (art. 1.º do Reg. cit.).

É bastante olhar para a vastidão aos encargos que lhes são afetos, constantes das linhas acima, para se aquilatar da sua importancia e do verdadeiro logar que lhes cabe em um exercito moderno, isto porque, acabando com a descentralização exagerada que até então existia, quando aos proprios corpos de tropa era atribuido o seu abastecimento em tudo o que hoje é função desses Serviços, veio metodizar e dar mais ordem a tais encargos, além de preparar melhor desde os tempos de paz — e esta é a sua maior razão de ser — o abastecimento das tropas no caso de uma guerra eventual. O Serviço de Subsistencia Militar da 1.ª Região, pois que funcionam por Regiões Militares, tem sua actual organização baseada nas instruções de 11 de Maio de 1933, publicadas no Boletim do Exercito n.º 28 dos mesmos mês e ano, propostas pela Chefia respectiva, a cargo do Cel. Raul Porto, do Quadro de Intendentes de Guerra, cuja operosidade, espirito de iniciativa, e capacidade de trabalho o tem mui justamente salientado como homem de ação em todas as comissões por onde tem passado. Á sua testa esteve, anteriormente, o Major Anapio Gomes, do mesmo Quadro, que foi o incrementador do seu funcionamento.

Compõe-se:

Do Gabinete que tem como órgãos directamente subordinados — a secretaria, a contadoria, o conselho de administração, a comissão de recebimento, o almoxarifado e os serviços gerais.

Á sua frente está a *Chefia* subdividida em duas *Secções*. A 1.ª *secção* tem sob suas ordens — o posto agro-pecuario, matadouro, a padaria central, a padaria de Deodoro, o frigorifico, a torrefacção e moagem do café, o moinho de sal, a fabricacção de massas alimenticias, os silos, o laboratorio bromatologico, e a camara de imunização. A 2.ª *secção* superintende — o armazem de viveres central, o dito de Deodoro, o armazem de forragens central, o armazem de forragens de Deodoro, os armazens reembolsaveis central e de Deodoro, o aviario, o deposito de oleo e combustiveis, as garages central e de Deodoro e o açougue.

Sem querer discutir o merito dessa organização mais de acôrdo com a indole brasileira, quer nos parecer que o espirito que a presidiu, attribuindo á 1.ª *secção* o encargo de *produzir* e á 2.ª o de *prover*, como se depreende do seu exame sumario, está bem dentro da logica. A experiencia certamente o reafirmará nos dias futuros.

O material para montagem das Padarias Militares comprado na Europa, quando da gestão Calogeras no Ministerio da Guerra, só vae ter destino em 1933, ano em que essas padarias se tornaram realidade; não é necessario encarecer o valor e a soma de serviços prestados, quer nos tempos normais quer em campanha, sob qualquer aspecto que se os encare, economico, tecnico-militar ou moral, por esse genero de padarias tão necessario de ser amplamente aplicado no nosso meio, pois não ha quem desconheça a falta do pão sentida pelo soldado, nas suas refeições normais, como alimento de uso mundial que é.

Preparando e fornecendo os tipos de pães comum, abiscoitado ou de guerra, contando com os elementos indispensaveis á sua fabricacção para o consumo nas occasiões necessarias, ter-se-ia mais ou menos encontrado a solução de tão complexo problema como é este em tempo de guerra, porque aí não seria certamente a compra de pães aos fornecedores civis, para enviar á tropa, o ca-

minho certo a seguir. O *pão comum* do tipo militar que obedece como os demais á uma formula previamente estudada, e experimentada para receber aprovação é preparado de fórmulas a estar em condições de ser consumido por espaço de seis dias sem se alterar, o que não se dá com as formulas vulgares das padarias do comercio cujo fim principal é o lucro, não entrando em suas cogitações ess'outra face da questão que é puramente militar; este é o que mais se presta ao consumo em guarnição; em campanha só quando as condições do abastecimento fôrem otimas. Como estas não se apresentam sempre, até mesmo em manobras, idealisou-se o *pão abiscoitado*, capaz de conservar-se e durar cerca de 25 dias, além de suportar com mais facilidade o transporte. O *pão de guerra*, cujo uso talvez será o mais normal entre nós nos dias máus, por sua vês é um tipo de prolongada conservação que póde mesmo ir até a um ano desde que seja bem fabricado e acondicionado. O seu fabrico requer, porém, mecanismos especiais que parece poder-mos afirmar não existirem em em nenhum estabelecimento civil desse ramo no Brasil.

Querer exigir-se sem um preparo previo a sua confecção em padarias civis mediante contrato, seria impossivel entre nós, pelo menos na época atual; — só mesmo em um estabelecimento militar para esse fim montado, como o temos presentemente pode haver essa possibilidade; resta-nos generalizar isto.

Encarando agora o lado economico da questão, apresentamos os algarismos seguintes que atestam com eloquencia a sua importancia logo no primeiro ano do respectivo funcionamento:

a) — Preço que o Serviço vinha pagando o pão aos fornecedores, no começo de 1933 — 1\$030;

b) — Pão produzido pelas duas padarias do Serviço de Subsistencia da 1.^a Região — 461.485 kgs. 700, que, ao preço de 1\$030 monta em 475:320\$271;

c) — Importancia gasta por essas duas padarias para produzirem a quantidade de pão acima — 356:716\$157 — resultando assim uma diminuição na despesa de 118:604\$114, que já é uma aprecivel importancia.

A tropa, além disso, teve tambem o seu lucro recebendo um produto de bôa qualidade e dentro da tabéla regulamentar quanto ao peso.

**

Parte integrante que é das nossas *tabelas de rações* dos usos brasileiros, tomado sob a fórmula de infusão, é o café por esse motivo incluído entre os viveres fornecidos pelo Serviço de Subsistencia, não só a título de provimento normal (título gratuito, segundo a expressão regulamentar) como mediante reembolso, tudo na fórmula prevista pelos dispositivos de regulamento.

A torrefação e moagem do café tem proporcionado aos seus freguêses, anualmente, uma economia de 70:200\$000, como se vê da seguinte demonstração:

a) — Quantidade aproximada fornecida por ano, a título reembolsável — 54.000 quilos;

b) — Valor pelo preço corrente na praça do Rio — 162:000\$000;

c) — Idem pelo preço do Serviço — (1\$700) — 91:800\$000.

d) — Percentagem de economia — . . . 70:200\$000;

e) — Taxa de economia — 43 %.

O café verde adquirido pelo Serviço e destinado á torrefação é de primeira qualidade como se póde auferir da opinião já expendida pelos técnicos do Departamento Nacional do Café de que nenhuma torrefação civil do Rio trabalha com artigo igual.

Resumindo, apresentamos os algarismos abaixo que demonstram a quanto atingiram as despesas com os três órgãos industriais mais importantes do Serviço, durante o ano proximo findo, assim discriminados:

Torrefação e moagem do	
café	241:305\$900
Padaria Militar de Deodoro	
Idem, idem do centro	192:291\$700
	164:424\$500
Soma	598:022\$100

A produção desses órgãos deixam um lucro industrial de 8,2% (49:000\$000, em numeros rodondos), calculados o café e

o pão aos preços de 1\$650 e \$850, respectivamente.

O custo de produção para cada quilo foi:

Café moido e empacotado — 1\$562;

Pão produzido pela Padaria de Deodoro — \$743;

Idem, idem pela do Centro — \$810.

Todos aqueles que estão ao par dos preços de tais artigos no comércio desta cidade, não poderão ter dúvida alguma sobre as vantagens que o funcionamento do Serviço oferece sob o ponto de vista econômico, a menos que lhe falte sinceridade.

Ainda alguns dados estatísticos sobre o Serviço:

a) — com o funcionamento do açougue.

Preço que o Serviço pagava aos fornecedores de carne verde, antes deste melhoramento — 1\$398.

Quantidade de carne fornecida aos corpos e aos interessados mediante reembolso, de 1.º de Julho a 31 de Dezembro, 320.247 quilos.

Valor ao preço de 1\$398 — 447:705\$300;

Importância dispendida pelo Serviço para a execução de tal fornecimento 392:303\$300; daí a Diferença para menos, na despesa, de 55:402\$000; que não é tão insignificante a ponto de ser desprezada.

b) — funcionamento dos silos.

Os silos que tiveram sua construção iniciada em 1922 e abandonada pelo espaço de dez anos, foram ampliados e concluídos em 1933, sendo sua inauguração realizada em Janeiro do corrente ano.

Com capacidade para acondicionar alguns milhares de toneladas de cereais, calcula-se que do seu funcionamento pôde acarretar uma economia de duzentos e poucos contos, conforme se pôde ver da demonstração seguinte, tomando por base a quantidade adquirida e destinada ao forrageamento dos animais dos corpos da Região:

Preço médio do milho, em 1933 (quilo) — \$250.

Quantidade adquirida neste ano — 4.399.265 Kgs.

Valor ao preço de \$250 o Kg. — 1.099:616\$250.

Idem dessa quantidade na base máxima de preço por ocasião das épocas da colheita para compras em grande escala (\$200) — 879:853\$000.

Economia resultante — 219:763\$250.

c) — Movimento financeiro em 1933.

Receita 8.196:006\$200

Despesa 7.415:144\$900

Saldo positivo 780:861\$300

Este saldo foi assim distribuído:

Bonificação aos corpos nos 1.º, 2.º e 3.º trimestres 292:306\$400

Recolhido á Caixa Geral de Economias da Guerra nesse mesmo período 196:563\$900

Idem á Diretoria Geral de Contabilidade da Guerra de excesso de etapas 40:961\$500

Distribuído ao Q.G. da 1.ª Região nos 2.º e 3.º trimestres 12:882\$900

Incorporado ás «Economias Licitas» do Serviço 238:146\$600

d) — Fornecimentos em 1933.

Estes fornecimentos se elevaram, no transcurso do ano, ás cifras importantes de 1.831.223 rações de homens e 1.256.933 de animais, cuja distribuição em espécie, com as respectivas quantidades e importâncias, foi a seguinte:

256.371 Kgs. de arroz a \$800	205.096\$800
256.371 " " assucar a \$900	...	230.733\$900
36.624 " " banha a \$600	...	58.598\$400
91.561 " " café a \$650	151.175\$650
522.411 " " carne verde a \$390		726:418\$294
402.869 " " farinha a \$350	...	141:004\$150
292.995 " " feijão a \$400	117:198\$000
36.624 " " massa sôpa a \$930		25:260\$320
18.312 " " mate em folha, \$550		10:071\$600
549.366 " " pão a \$850	468:961\$100
36.624 " " sal a \$130	4:761\$120
522.411 " " carne secca a \$800		726:418\$294
Preço total	2.865:697\$628

4 100.005	Kgs. de milho a \$250....	1.025:001	\$250
2.238.807	" " alfafa a \$340....	761:194	\$380
18.666	" " farelo a \$128 ..	1:389	\$248
19.486	" " remoidos a \$200	3:87	\$200
87.461	" " triguilho a \$286.	25:013	\$846
565.720	" " aveia a \$300....	169:716	\$000
21.635	" " sal a \$130	2:822	\$550
58.538	" " tortas a \$300....	17:561	\$400
	Preço total.....	2.006:595	\$874

Ou seja um movimento cujo importe total foi de 4.872:293\$502, capaz de, só por si, recomendar o Serviço de Subsistência e salientar o quanto é difícil e de vulto a missão que lhe cabe cumprir dentro do Exército.

**

É principio de ordem geral nas instituições militares que a sua organização do tempo de paz se deve basear na de campanha devendo esta, por sua vez, ser cuidadosamente estudada em todos os seus detalhes. Não resta a menor duvida que tal maneira de conceber a realização de objetivo tão complexo, está perfeitamente de acôrdo com a logica, pois, não se pôde admitir a criação arbitrária de um órgão que se possa tomar desnecessario na ocasião em que as necessidades cada vês mais se avolumam, senão por um absurdo.

O problema do abastecimento dos Exercitos, nos tempos de guerra, sobre ser transcendente e complicado é aquele que mais requer uma solução perfeita, isenta de falhas, porque sobre elle se assenta, podemos dizer sem medo de errar, a segurança na garantia da vitória. Estudados e previstas as necessidades diversas desses Exercitos no teatro das operações, os órgãos indispensaveis a satisfaze-las, as dificuldades sem conta que precisam ser vencidas, teremos formado as bases seguras para organizar o *esqueleto* que deve existir normalmente, sempre preparado para, segundo o estatuido nos planos elaborados por quem de direito, preencher de modo cabal a sua importante missão de formar o conjunto do arcabouço pertencente ao corpo que se vai mover e agir.

Daí o motivo porque foi concebida a criação dos Serviços de Subsistencia em diversos pontos do país predeterminados, como um previo preparo á execução dos abastecimentos á tropa, na zona de guerra, que deve sempre contar com os recursos enviados do interior, os unicos

capazes de assegurar sua propria *existencia*, pois os demais, nas condições em que se fazem as guerras modernas, são completamente precarios e deles mui pouca cousa se pôde esperar nos movimentos mais serios.

Estabelecerem-se os diversos órgãos do Serviço em locais para onde convergem, por exemplo, os recursos de determinadas regiões, quaisquer que sejam, será estar com «Estações Coletôras» já em condições de exercer sua função, nos tempos de guerra, ou tambem de ser elementos do grande Serviço de Reabastecimento Nacional, durante a paz, cujo fim principal é o preparo da *mobilização agricola* ou de *organizar a exploração geral dos recursos agricolas nacionais em tempo de guerra*, segundo a definição do General Buchalet.

Os grandes efetivos que partem para a campanha não podem por si mesmo encarregar-se do respectivo abastecimento, sob pena de fracasso; atraz de si devem existir os órgãos especializados a quem fica aféta uma tal atribuição, de fórmass que aqueles se despreocupem por completo quanto á reunião dos meios de sua manutenção e o seu escalonamento, na direção da frente, até a zona de fogo.

Estas ligeiras considerações, sob o ponto de vista militar, que se superpõe a qualquer outro, são suficientes para, demonstrado o valor do Serviço de Subsistencias Militares pelo lado economico, como vimos dos dados estatísticos já expostos, encarem a necessidade de organizá-lo, e fazê-lo funcionar em todas as Regiões Militares, séde de Divisão, nos moldes do da 1.^a Região cujas informações demos acima.

Isso, além de ser uma medida altamente benefica para o Tesouro Nacional pelas economias que se realizariam de ano para ano nas verbas arçamentarias, as quais ou recolhidas aos cofres publicos ou empregadas em obras uteis nos varios departamentos do Serviço de Intendencia ou de outros quaisquer do Exército, a juízo das Altas Autoridades, seriam sempre economias em favor do patrimonio publico, resultaria em um grande melhoramento das nossas instituições militares cujo maximo de perfeição devemos sempre nos esforçar por conseguir.

A questão dos efetivos militares

O efetivo de paz de um Exército deve corresponder a uma das necessidades da defesa nacional, isto é, constituição de um núcleo apto ao completo e desdobramento em caso de mobilização. As condições financeiras do país influem, sem dúvida, na estimativa do número de soldados a manter nos corpos. Mas, tal influência deve exercer-se racionalmente, mediante a consideração de que, em matéria de economia nos orçamentos, os cortes nos efetivos de um exército não estão capitulados nas medidas de primeira urgência.

Entre nós, nem sempre parece atender-se a tais imperativos, e os efetivos diminuem e crescem á mercê de variantes desconexas. Si traçarmos um gráfico das oscilações numéricas dos últimos tempos em nosso Exército, veremos uma caprichosa linha quebrada concretizando a nossa política militar de *vae e vem*.

**

Mas, o Brasil não começou a sua vida de nação independente com esses propósitos e seu governo mostrou-se cioso de que a soberania nacional estava em suas forças armadas. Basta lembrarmos que, em 1826, tínhamos um total de 26.347 homens de 1.^a linha e de 92.861 de 2.^a, para uma população de 6.000.000. Esse efetivo era constituído de homens *armados, equipados* e pertencentes a unidades *organizadas*. Apesar dos fatores geográficos dissociadores, esse Exército, distribuído em guarnições verdadeiramente isoladas, obedecia uniformemente a um comando único, consolidou a independência e, sobretudo, manteve a unidade nacional.

Algum tempo depois, a política partidária, como é de seu hábito, desconhe-

cendo os meios para agir em benefício de seus exclusivos interesses, começou a transformar a Guarda Nacional, que vinha preenchendo com regular eficiência os seus fins, num *bizarro* instrumento eleitoral. E, então, a nossa tropa de 2.^a linha declinou e descambou para o ridículo com seus 190.942 oficiais sem... soldados... Num só ano, o Ministro da Justiça, da República, estribado na lei de 1896, criou 99 brigadas com 12.475 oficiais !

**

Desde 1923 que os efetivos do Exército sofrem reduções e falsos acréscimos, vivendo numa alternativa inexplicável. Já chegamos, em certa ocasião, a chamar de *Regimento* um conjunto de duas Cias. reduzidíssimas, uma banda de música e mais alguns soldados especialistas.

Emquanto isso se verificava, muitos corpos de polícia viam seus efetivos dobrados e os *exércitos estaduais*, em pleno apogeu, contrastavam com o mirrado *exército permanente* nacional.

Depois da revolução de 1930, quando aos governantes mais se impoz a conservação da unidade nacional, os efetivos das forças nacionais foram mais uma vez diminuídos e as polícias, estimuladas material e politicamente, cresceram, desenvolveram-se e atingiram a situação disparatada que hoje desfrutam. No passado, a Guarda Nacional transformou-se num ridículo; no presente, as polícias se converteram num perigo.

Mas, acreditamos que o Brasil vá retornar a política militar de 1826. As variações de efetivos, que já são efetivas, desaparecerão e cederão lugar às razões do interesse da defesa nacional e da unidade da Pátria.

Escolas de fogo na Escola de Artilharia em 1933

Pelo Cap. Olívio de Oliveira Bastos

(Continuação do n. 235)

Programa para as "Escolas de Fogo de Instrução" - 1933

N.º da E. F.	GENERO DO TIRO	Unid. de tiro	OBSERVAÇÃO	COLOCAÇÃO EM DIREÇÃO	AJUSTAGEM DO TIRO
1	Preparação do tiro percutente contra pessoal	Bia.	Axial junto a Bia.	Visadas reciprocas	Preparação sumaria
2 e 3	Preparação e execução do tiro percutente contra pessoal a descoberto	Bia.	Axial junto a Bia.	Visadas reciprocas com D. R.	Preparação sumaria Regulação expedita
4 e 5	Preparação e execução do tiro percutente contra pessoal a descoberto	Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas reciprocas aparelho declinado	Preparação sumaria Regulação expedita
6	Preparação do tiro contra pessoal. Tiro contra pessoal abrigado (neutralização)	Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas reciprocas balisamento	Preparação sumaria Regulação expedita
7 e 8	Preparação do tiro contra pessoal Tiros de destruição (objectivos largos e estreitos)	Peça e Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas reciprocas	Preparação sumaria Regulação de precisão
9 e 10	Preparação e execução do tiro de tempo	Bia.	Axial junto a Bia.	Visadas reciprocas	Preparação sumaria Regulação expedita
11 e 12	Preparação e execução do tiro de tempo	Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas directas	Preparação sumaria Regulação expedita
13 e 14	Tiros de destruição contra objectivo fixo	Peça	Unilateral na zona de observação	Visadas reciprocas particular ao modo de observação	Preparação tão completa quanto possível. Regulação de precisão
15 e 16	Tiro de surpresa e tiros contra objectivos que escapam a observação	Bia.	Conjugada por crusamentos topograficos	Visadas directas	Preparação tão completa quanto possível. Regulação de precisão com pratica de transporte de tiro.
17	Tiro de destruição	Peça	Bi-lateral improvisada.	Visadas directas	Preparação sumaria Regulação de precisão
18	Tiro contra objectivos inopinados (Tiro progressivo e regressivo)	Bia.	—	Medido graficamente	Utilizando uma prancheta de tiro

LIVROS À VENDA

ASSUNTOS	AUTORES	PREÇO	Pelo correlo mais
<i>Manobras da Circunscrição Militar</i> (Setembro 1931) sob a direção do gen. Klinger	4\$000	
<i>Noções de topografia de campanha</i>	General Paes de Andrade...	7\$000	7\$00
<i>Adestramento para o combate</i>	" " " " ..	3\$000	\$500
<i>Ensinamentos táticos sobre a D. I. na ofensiva.</i> (Ensinamentos da M. M. E.). Ed. 1931..	Tenente-Coronel Gentil Falcão	3\$000	\$500
<i>Assuntos Militares</i> (Gen. Gamelin). Trad. do A Defesa Nacional (Propaganda e regulamento do Serviço Militar). Ed. 1923	10\$000	1\$000
<i>Operações de uma D. I. durante a Grande Guerra.</i> Gen. Gamelin e Cmt. Petibon. Tradução do	" " " " ..	5\$000	\$700
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> (Coronel Triguier). Trad. do Telemetros	" " " " ..	12\$000	1\$000
<i>Orientação em campanha</i>	Coronel Francisco José Pinto ..	4\$500	\$600
<i>O que é preciso saber da Infantaria</i> (Coronel Abadie). Tradução do	Ten. Cel. Dermeval	3\$000	\$500
<i>Impressões do estágio no Exército francês</i> ...	" "	3\$000	\$500
<i>Notas à margem dos exercícios táticos</i>	" "	5\$000	\$800
<i>Infantaria—Notas de estudos sobre os novos regulamentos</i>	Ten. Cel. J. B. Magalhães ..	2\$000	\$500
<i>Aspetos Geograficos Sul-Americanos</i>	Major Travassos	6\$000	\$700
<i>Manual de licenças</i>	" "	5\$000	\$600
<i>Brasil-Alemanha</i>	Major Mario Travassos	5\$000	1\$000
<i>Curso de educação física</i> (1.º vol.)	Capitão Silva Barros	7\$000	1\$000
<i>Educação física—idéas fundamentais</i>	Capitão Salgado dos Santos ..	6\$000	1\$000
<i>O Estado Independente do Acre e J. Placido de Castro</i>	Tenente O. Rangel Sobrinho ..	7\$000	\$700
<i>Notas sobre o comando do batalhão no terreno</i> (Tradução)	" " " " ..	2\$000	\$500
<i>Règlement du Genie</i> (1.º p., 1.º vol.)	Genesco de Castro	8\$000	1\$000
<i>Combate e serviço em campanha</i>	Comandante Audet	3\$000	\$700
<i>Escola do Pelotão</i>	6\$000	1\$000
<i>O Tiro de Artilharia de Costa</i> (Tradução) ...	Major Tristão Araripe	10\$000	1\$000
<i>Notas sobre o emprego da Artilharia</i>	" " " "	10\$000	1\$500
<i>Defesa de Costa e o Tiro Costeiro</i>	4\$000	\$800
<i>Manual do Sapador Mineiro</i>	Major J. Verissimo	10\$000	1\$000
<i>Combate de Infantaria</i>	1.º Ten. Joaquim J. Gomes da Silva	8\$000	\$700
<i>O Telefone de Campanha</i>	Cap. Benjamin Galhardo (no prelo)		
<i>As linhas telefonicas de Campanha</i>	Major A. Soares dos Santos ..	6\$000	\$700
<i>Quadros Comutadores</i>	Cap. Lima Figueiredo	1\$500	\$500
<i>Mémoires</i>	" " " "	2\$000	\$500
<i>Mémoires</i>	" " " "	1\$500	\$500
<i>Manual do granadeiro</i>	Marechal Foch	72\$500	
	Marechal Joffre	87\$400	
	Major José Faustino	3\$000	\$500

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assinantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabiliza pelos extravios no Correlo.

Dirigir os pedidos ao Bibliotecario d'"A DEFESA NACIONAL", Caixa Postal 1602, Rio. Sêde provisoria da Gerencia: QUARTEL GENERAL DO EXERCITO, FACE DOS FUNDOS.